

**CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO**

**COLÉGIO ANJO DA GUARDA
BEBEDOURO - SP**

**O PROJETO EDUCATIVO DE PAULA FRASSINETTI: DAS INTUIÇÕES
PEDAGÓGICAS AO CURRÍCULO DAS ESCOLAS DOROTÉIAS**

Luciana de Oliveira Sene

**Trabalho apresentado na XX CADOR, cujo tema foi “Ação Evangelizadora da Igreja no
Brasil”, realizada em Belo Horizonte, em 2013.**

LUCIANA DE OLIVEIRA SENE

**O PROJETO EDUCATIVO DE PAULA FRASSINETTI: DAS INTUIÇÕES
PEDAGÓGICAS AO CURRÍCULO DAS ESCOLAS DOROTÉIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, SP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação Escolar
Linha de Pesquisa: Currículo, Cultura e Práticas Escolares
Orientadora: Prof^ª Dra. Alessandra David Moreira da Costa

Ribeirão Preto / Bebedouro
2007

Catálogo na fonte elaborada pela Biblioteca do
Centro Universitário Moura Lacerda
Bibliotecária Gina Botta Corrêa de Souza CRB 8/7006

Sene, Luciana de Oliveira

O projeto educativo de Paula Frassinetti: das intuições pedagógicas ao currículo das escolas dorotéias / Luciana de Oliveira Sene.- Ribeirão Preto, 2007, 147p.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra David Moreira da Costa
Dissertação (Mestrado) -- Centro Universitário Moura Lacerda, 2007.

1. Projeto educativo. 2. Currículo. 3. Instituição escolar confessional 4. Educação feminina. I. Sene, Luciana de Oliveira. II. Centro Universitário Moura Lacerda. III. Título.

LUCIANA DE OLIVEIRA SENE

**O PROJETO EDUCATIVO DE PAULA FRASSINETTI: DAS INTUIÇÕES
PEDAGÓGICAS AO CURRÍCULO DAS ESCOLAS DOROTÉIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, SP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação Escolar
Linha de Pesquisa: Currículo, Cultura e Práticas Escolares

Comissão Julgadora

Orientadora: Prof^ª Dra. Alessandra David Moreira da Costa

(CUML): _____

2º examinador- Prof. Dr. Ivan Aparecido Manoel

(UNESP): _____

3º examinador - Prof. Dr. Júlio César Torres (CUML):

Ribeirão Preto, 03 de agosto de 2007.

DEDICATÓRIA

O presente trabalho é dedicado:

Aos meus queridos filhos Carolina e Felipe, pela dedicação, incentivo, amor e razão maior para que pudesse enfrentar os desafios dessa caminhada.

Ao meu marido Telmo, companheiro e amigo de todas as horas, que soube esperar pela minha presença. E, com sabedoria, paciência e incentivo me dar forças para concluir esse trabalho. À minha mãe Teresinha e meus irmãos Zezinho e Olavo, pela dedicação e apoio durante essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de poder estudar e realizar um grande sonho.

A Prof^ª. Dra. Alessandra David Moreira da Costa, pela confiança em mim depositada, pelos preciosos ensinamentos e pelo apoio e dedicação durante essa jornada.

A toda a Congregação de Santa Dorotéia, em especial as Ir. Cecília Francischini, Ir. Maria do Carmo Albuquerque, Ir. Maria Terezinha de Lima, Ir. Maria da Conceição Ribeiro, Ir. Diana Barbosa e Irmã Margarida Furtado Martins, pela confiança, apoio técnico e incentivo para a realização deste trabalho.

Aos professores do programa de Mestrado em Educação, do Centro Universitário Moura Lacerda, que com seus ensinamentos contribuíram de forma decisiva para a elaboração deste trabalho.

Aos Profs. Dr Ivan Aparecido Manoel e Prof. Dr. Júlio César Torres pelas participações decisivas no exame de qualificação.

Aos Professores integrantes da Banca Examinadora, por terem se disponibilizado a compor a banca de defesa do mestrado, valorizando sobremaneira o presente trabalho.

À minha família, pela compreensão da minha ausência e pelo incentivo.

A professora, amiga e companheira de trabalho e do mestrado Siumara da Silveira Melo Quintella e professora Geni Amélia Nader Vasconcelos, pelo apoio técnico em momentos cruciais, paciência e disponibilidade das fontes históricas para a pesquisa.

Aos colegas e amigos de mestrado, por compartilhar as minhas angústias e as conquistas durante a caminhada.

Aos colegas de trabalho do Colégio Anjo da Guarda, E.E. Dr. Paraíso Cavalcanti, Instituto Municipal de Ensino Superior de Bebedouro “Victório Cardassi”, E.E. Yolanda Carolina Giglio Villela e E.E. Abílio Manoel por fazerem do convívio profissional uma amizade e um ambiente para discutir as grandes questões da educação.

Ao amigo e ex-aluno Prof. Ms. Rinaldo Guaríglio pelos préstimos na correção do trabalho.

Ao professor amigo e grande companheiro das jornadas durante o mestrado Sérgio Donizeti Mariotini, pelo apoio, paciência e certa dose de humor, me dar forças durante essa trajetória.

Ao professor e ex-aluno Lindomar Alves de Oliveira, pela contribuição na elaboração do abstract do trabalho.

A colega e amiga Andreza Carlosmagnó Corrêa Nicézio, pelo apoio técnico na configuração das ilustrações do trabalho.

Aos funcionários do Programa de Mestrado em Educação, da Biblioteca do Centro Universitário Moura Lacerda, pela disponibilidade, atenção e colaboração dispensadas.

Aos meus alunos, a grande motivação de estar concluindo este trabalho, pela compreensão e paciência da minha ausência em momentos importantes de suas vidas.

EPÍGRAFE

Senieri

Il nostro Esoso che ci ama tanto, che
bel posto non ci prepara in paradiso!

La nostra abitazione non sarà più questa
povera casa ristretta, ma tutta l'ampiezza
e la ricchezza de' Cieli.

Studiamoci di vivere più poveri che sia possi-
bile, e più sicuramente sarà nostro il paradiso.

Chiudiamo gli occhi a tutte le bellezze del mon-
do per riservarci a vedere le bellezze del cielo.

Sorelle, al paradiso
Sospiri il nostro cuore;
Nada di bello è in terra
Che meriti il nostro amor.

Sorelle, non cercate
Felicità quaggiù,
Per quella vi servate
Del Regno di Gesù.

Quale felicità vivere in un regno eterno,
ove da niuno si offenda l'amabilissimo nostro

O nosso Esoso que nos ama muito, que lugar bonito está preparando para nós no paraíso!
A nossa casa não será mais esta pobre habitação, mas toda a amplitude e a riqueza dos Céus.
Nos propomos viver o mais pobremente possível, e, com certeza, o paraíso será nosso.
Fechamos os olhos para todas as belezas do mundo para nos reservarmos a ver as belezas do céu.

Irmãs, ao paraíso / Suspira o nosso coração / Nada de belo há na terra / Que mereça o nosso amor. Irmãs, não procurem /
A felicidade aqui na terra / Reservais-vos para aquela / Do Reino de Jesus.

Amor, si dolce sei
In questi giorni amari,
Che mi fai dolci e cari.
Tutti gli affanni miei.
Ah! quanto dolce al cuore,
Quanto sarai di più,
Nel tuo bel regno, amore,
Amor del mio Gesù!

Entriamo col pensiero in paradiso: eccoci
nella gloria del nostro Signore, nella compagnia
dei Santi Comprensori:

Ah! quale ricchezza di virtù e di meriti in
questo infinito numero di Beati: è un po-
volo tutto di Re.

Ecco un'altra moltitudine di Beati: sono
tutti vestiti in bianca veste; sono eglino e
santi Vergini: fermiamoci a considerare una
turba sì eletta.

Orché, vedete la luce del loro volto! Ha
uno splendore più candido di quella degli
altri Beati! Che serena bellezza sulle loro

Senhor, tão doce és Tu / Nestes dias amargos, / Que fazés doce e querido / Todos os meus afãs. / Ah! Quanta doçura no
coração, / E quanto será mais ainda / No Teu Reino Bonito, amor / Amor do meu Jesus.

Entramos com o pensamento no paraíso: eis nos aqui, na Glória de nosso Senhor, em companhia dos Santos.

Ah! Qual riqueza de virtudes e méritos nesse infinito número de Beatos é um povo de Reis.

Eis-aqui outra multidão de Beatos: estão todos vestidos de branco, são Santas Virgens, paremos para admirar uma turba
tão eleita.

Irmãs, olhem a luz dos rostos delas. Há um esplendor mais inocente daquele dos outros Beatos! Que beleza serena na testa!

grandi!

Sentite che cantico armonioso! Nessuno in cielo lo può cantare, se non costoro: Maria lo intona con infinita dolcezza; questo cantico pare la più bella armonia del paradiso!

Vedete quei giardini di candidi gigli, ove essi passeggiavano: del loro odore riempiono il paradiso! Qui è il nostro posto, sorelle, fortunate, poiché ci abbiamo eletto la santa Verginità

Gemma del Ciel supremo,
Giglio del sacro amore,
Santa Verginità!

Amanti tue saremo
Finché Gesù Signore
A nostro ben sarà.

Gran Dio, mi rallegro della vostra beatitudine infinita; e più mi rallegro di veder Voi beato, che di vedere beata me! Anzi, mi rallegro della mia beatitudine solo per il gusto che voi ne avete.

Compatiamo a Gesù nella sua pena! Se vedessimo una persona a noi cara agonizzare per la tristezza, ci verserebbero le lacrime agli occhi per compassione....

Escutai que canto harmonioso! Ninguém outro no céu pode cantá-lo senão elas.

Maria o afina com infinita doçura, este canto parece a mais bela harmonia do paraíso!

Olhem aqueles jardins de cândidos lírios ao sabor do vento: seu perfume enche o paraíso!

Aqui é o nosso lugar, irmãs, que sorte temos, pois aqui elegemos a Santa Virgindade.

Jóia do supremo céu, / Lírio do amor sagrado, / Santa Virgindade! / Seremos tuas amantes / Até que o Senhor Jesus / O nosso bem será.

Grande Deus, alegre-me de Vossa Beatitude infinita, e mais me alegre de vê-lo beato, que de ver beata a mim mesma! Ao contrário, alegre-me da minha beatitude somente porque O agrada.

Compadecemos Jesus na sua pena! Se nós vissemos uma pessoa querida agonizar de tristeza, iremos chorar de compaixão.

SENE, Luciana de Oliveira. **O projeto educativo de Paula Frassinetti: das intuições pedagógicas ao currículo das escolas dorotéias**. Ribeirão Preto, SP: CUMML, 2007.

RESUMO

Este trabalho estuda o “currículo” desenvolvido no projeto educativo criado por Paula Frassinetti (Santa Paula, canonizada em 11 de março de 1984), fundadora da congregação de Santa Dorotéia, cujas atividades tiveram início na cidade de Quinto, próxima de Gênova, na Itália, em 12 de agosto de 1834. A escolha do tema nasceu, em primeiro lugar, do interesse pessoal da pesquisadora, que atua como professora em uma das escolas da congregação, no interior do estado de São Paulo; em segundo lugar, houve o desejo de investigar os princípios da pedagogia de Paula Frassinetti, que se inserem no contexto histórico e cultural do catolicismo conservador, ou ultramontano. O período histórico analisado compreende 1834 a 1882, e representa os anos em que Paula Frassinetti viveu e teceu seu projeto educativo. As primeiras instituições escolares da congregação nasceram na Europa durante a unificação italiana; no Brasil, chegaram na época imperial — mais precisamente em Recife (1866) e Belém (1877). O referencial teórico está centrado na análise das concepções da Igreja no século XIX e no projeto pedagógico católico voltado à educação feminina. Sob esta ótica, as escolas administradas pelas Dorotéias encarregam-se da missão de educar as jovens dentro da moral católica. Desta forma, as instituições escolares católicas optaram pelo regime do internato; por entender que esse era o melhor modelo pedagógico, pois formariam jovens cultas e devotas para uma vida adulta responsável. Os valores e os fundamentos que alicerçaram e nortearam as intuições pedagógicas de Paula Frassinetti atravessaram séculos, pois apresentavam uma condição essencial para orientar qualquer projeto educativo, uma vez que, para ela, todas as pessoas são educáveis. Os procedimentos metodológicos do presente trabalho consistem nas pesquisas histórica e documental das fontes históricas; no caso, as Cartas deixadas por Paula Frassinetti, e as Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia de 1851. O resultado esperado pela pesquisa é observar como as intuições pedagógicas desenvolvidas por Paula Frassinetti constituíram o “currículo” dos colégios doroteanos, que permearam as convenções sociais da época em que foi instituído.

Palavras-chave: Projeto Educativo; Currículo; Instituição Escolar Confessional; Educação feminina.

SENE, Luciana de Oliveira. **The educative Project of Paula Frassinetti: From the pedagogical intuitions to the curriculum of the dorothean schools.** Ribeirão Preto, SP: CUML, 2007.

ABSTRACT

This work studies the “curriculum” developed in the educative project created by Paula Frassinetti (Saint Paula, canonized in March 11, 1984), founder of the congregation of Saint Dorothea, whose activities began in the city of Quinto, next to Genova, in Italy, on August 12, 1834. The choice of the subject was born, firstly, from the personal interest of the researcher, that acts as teacher in one of the schools of the congregation, in the interior of the state of São Paulo; secondly, there was the desire of investigating the principles of the pedagogy of Paula Frassinetti, that it is inserted in the historical and cultural context of the conservative catholicism, or ultramontane. The analyzed historical period ranges from 1834 to 1882, and represents the years that Paula Frassinetti lived and built its educative project. The first school institutions of the congregation were born in Europe during the Italian unification; in Brazil, they arrived in the imperial period - more precisely in Recife (1866) and Belém (1877). The theoretical referencial is centered in the analysis of the conceptions of the Church in century XIX and the catholic pedagogical project directed to the feminine education. Under this view, the schools managed by the Dorotheans were in charge of the mission to educate the young women inside the catholic moral. This way, the catholic school institutions opted to the boarding school regime; for understanding that this system was the best pedagogical model, therefore they would form cultured and devoted young women for a responsible adult life. The values and the foundations that supported and guided the pedagogical intuitions of Paula Frassinetti crossed centuries, therefore they presented an essential condition to guide any educative project, a time that, for her, all the people are possible to be educated. The methodological procedures of the present work consist of the historical and documentary researches of the historical sources; in this case, the Letters left by Paula Frassinetti, and the Constitutions and Rules of the Religious Institute of the Master Sisters of Saint Dorothea 1851. The result waited by the research is to observe how the pedagogical intuitions developed by Paula Frassinetti had constituted the “curriculum” of the dorotheans schools, that influenced the social conventions of the time that were instituted.

Key-words: Educative project; Curriculum; Confessional school institution; Feminine education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Paula Frassinetti (1809- 1882).....	42
FIGURA 2: Chiesa Parrocchiale di S. Stefano. Igreja Paroquial de Santo Estevão.....	42
FIGURA 3: Battistero di S. Stefano dove Paola venne batezzata. Batistério de Santo Estevão onde Paula foi batizada. Igreja Paroquial de Santo Estevão.....	43
FIGURA 4: Parrocchia di Quinto dove Paola reggiunse il fratello Don Giuseppe Frassinetti. Paróquia de Quinto, onde Paula esteve com seu irmão D. José Frassinetti.....	46
FIGURA 5: Nei Boschi di Monte Moro Paola parlava Del Signore con le amiche. Nos bosques de Monte Moro, Paula falava do Senhor às amigas.....	46
FIGURA 6: Parrocchia di S. Ângelo in Pescheria, una delle sette raggiunte de Paola con la Pia Opera di S. Dorotea – Paróquia de Santo Ângelo em Pescheria, uma das paróquias onde Paula fundou a Pia Obra de Santa Dorotéia.....	48
FIGURA 7: Nel 1842 Paola acquisitò la prima casa in via Panisperna, per il noviziato e la scuola Rimose aperta fino al 1846 – Em 1842, Paula adquiriu a primeira casa na via Panisperna para o Noviciado e a Escola. Ficou aberta até 1846.....	49
FIGURA 8: Casa Geral da Congregação de Santa Dorotéia – Santo Onofre (Roma).....	49
FIGURA 9: Via Ripetta: Conservatório della Divin Provvidenza, accettato tra difficoltà e com eroica obbedienza al Papa – Via Ripetta: Conservatório da Divina Providência, aceito com dificuldade e heróica obediência ao Papa...	50
FIGURA 10: Pio IX in atto dia approvare il piano ristretto dele Costituzioni (1863). Pio IX no ato da aprovação do plano resumido das Constituições (1863)....	51
FIGURA 11: Colégio São José (Recife) – no centro o prédio original, que existe até hoje.....	51
FIGURA 12: Igreja do Colégio Santo Antônio - originária do Convento que lhe deu o nome - construído no século XVIII, foi a primeira edificação a ser decorada com Painéis de Azulejos em Belém do Pará, com temas sobre episódios da vida de Santo Antônio e São Francisco. Praça Dom Macedo Costa, 128 (centro) - Belém do Pará	53
FIGURA 13: Mapa da expansão do Instituto durante a vida de Madre Paula.....	54
FIGURA 14: Capela da Casa de Santo Onofre (Roma) onde se encontra a urna com o corpo de Paula Frassinetti	55

FIGURA 15: Il S. Padre, Giovanni Paolo II, in preghiera davanti all'urna della Fondatrice (10/06/1982) – O Santo Padre, João Paulo II, em oração diante da urna da Fundadora (10/06/1982).....	56
FIGURA 16: In S. Chiara, il 12 agosto de 1834, Paola e la compagne S'impegnarono a convidare la ideale e la vila – Em Santa Clara, a 12 de agosto de 1834, Paula e as companheiras empenharam-se a partilhar o ideal e a vida.....	58
FIGURA 17: Escudo da Congregação de Santa Dorotéia.....	59
FIGURA 18: Salita S. Onofrio: nel 1844 il Papa Gregório XVI affidô a Paola questo Conservatório di S. Maria Del Rufigio che divenne la sua residenza – Salita de Santo Onofre em 1844, o Papa Gregório XVI confiou a Paula este Conservatório de Santa Maria do Refúgio que se tornou sua residência.....	62
FIGURA 19: Mapa da Congregação de Santa Dorotéia no mundo.....	104
FIGURA 20: Mapas dos Colégios da Congregação de Santa Dorotéia no Brasil.....	106
FIGURA 21: Piano nos corredores.....	135
FIGURA 22: Cestino di fruta eseguita da Paola – Cestinha de frutas confeccionadas por Paula.....	135
FIGURA 23: Bouquet di Fiori, opera di Paola, conservato in S. Francisco D'Albaro, Genova – Buquê de flores, trabalhado de Paula, conservado em S. Francisco D'Albaro – Gênova.....	136
FIGURA 24: Pellicano di bambagia, eseguito de Paola, conservato a Villa Paola, Roma. Pelicano de algodão feito por Paula, conservado na Vila Paula em Roma.....	136

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO	14
1. A IGREJA CATÓLICA E A EDUCAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX.....	21
2. A FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA.....	36
2.1. Panorama geral da Itália no Século XIX.....	36
2.2. Paula Frassinetti: fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia.....	42
2.3. A Congregação de Santa Dorotéia.....	58
3. AS INTUIÇÕES PEDAGÓGICAS DE PAULA FRASSINETTI E O DESENVOLVIMENTO DE SEU PROJETO EDUCATIVO.....	67
3.1 As intuições pedagógicas de Paula Frassinetti.....	67
3.1.1. Diálogo.....	69
3.1.2. Testemunho.....	71
3.1.3. A formação das Irmãs: entre o cultural e o espiritual.....	73
3.1.4. Coragem e Audácia.....	81
3.1.5. Via do Coração e do Amor.....	85
3.1.6. Suavidade e Firmeza.....	87
3.1.7. Prudência.....	93
3.1.8. Incentivo a prática das virtudes: Simplicidade, Humildade, Caridade, Alegria e Ternura nas Irmãs e nas alunas.....	97
3.1.9. Obediência, Perseverança e Fé.....	100
3.2. O Projeto Educativo de Paula Frassinetti.....	104
3.3. Educação como missão: as similaridades do Projeto Educativo de Marcelino Champagnat e de Paula Frassinetti.....	114
4. O “CURRÍCULO” COMO TRAJETÓRIA DO PROJETO EDUCATIVO DE PAULA FRASSINETTI.....	118
4.1. Considerações sobre currículo.....	118
4.2. O “currículo” desenvolvido por Paula Frassinetti.....	122
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS.....	142

INTRODUÇÃO

“Recomendo que se dê às alunas uma educação sólida e não superficial”. Paula Frassinetti - Carta 869 - Roma, 4 de Março de 1881.

Este trabalho espera contribuir para a história da educação por meio do estudo sobre a Igreja Católica e a educação feminina no século XIX, e o recorte consiste no projeto educativo da educadora Paula Frassinetti (Santa Paula, canonizada em 11 de março de 1984); fundadora da Congregação de Santa Dorotéia, cuja atividade teve início em 12 de agosto de 1834, na cidade de Quinto, próxima de Gênova, na Itália. A congregação, quando de sua fundação, foi voltada à educação feminina de jovens carentes.

A escolha do tema nasceu, em primeiro lugar, do interesse pessoal da pesquisadora, que atua como professora há mais de vinte anos, em uma das muitas escolas da Congregação Dorotéia; no caso específico, o Colégio Anjo da Guarda, localizado na cidade de Bebedouro, estado de São Paulo. Em segundo lugar, pelo desejo de investigar os princípios da pedagogia de Paula Frassinetti, fundadora da Congregação de Santa Dorotéia. E em terceiro lugar, por ser essa Congregação, uma das primeiras instituições religiosas estabelecidas no Brasil a se dedicarem exclusivamente à educação feminina.

A abordagem teórica da pesquisa compreende um referencial bibliográfico sobre a educação feminina no século XIX, a releitura de documentos escritos por Paula Frassinetti; com os olhos de hoje e à luz de reflexões filosóficas e pedagógicas de seu Projeto Educacional formulado a partir de 1834, quando iniciou suas atividades educacionais em Quinto até 1882, quando morreu. Portanto, o período histórico a ser analisado é: de 1834 a 1882; tempo em que viveu Paula Frassinetti e teceu seu projeto educativo.

O tema-problema da presente pesquisa é entender a trajetória do projeto educativo de Paula Frassinetti, a partir das intuições pedagógicas ao “currículo” das escolas dorotéias.

O problema é investigado com o intuito de se analisar os princípios pregados por Paula Frassinetti dentro do seu projeto educacional, que, desde o século XIX, vem sendo desenvolvido nas Escolas Dorotéias presentes na Europa, na Ásia, na África e na América.

Por meio das leituras da documentação analisada, percebe-se que Paula Frassinetti desenvolvia as atividades relacionadas ao currículo de acordo com as necessidades e o contexto histórico e cultural do momento, e através de suas *intuições pedagógicas*, ela

construía seu Projeto Educativo. Portanto, como Paula Frassinetti não tinha uma formação acadêmica, designou-se chamar de *intuições pedagógicas*, ao invés de pedagogia de Paula Frassinetti, os princípios e valores que sustentam o seu projeto educativo, que, ao longo do trabalho, será analisado com mais profundidade.

O objetivo geral do trabalho é investigar o "currículo" desenvolvido no projeto educativo criado pela educadora Paula Frassinetti por meio de suas intuições pedagógicas consolidadas nas Constituições de 1851 e em cartas escritas por ela às várias Irmãs em inúmeros colégios em diferentes partes do mundo, como Itália, Portugal e Brasil; e na vivência de seu cotidiano como fundadora da Congregação de Santa Dorotéia.

Os objetivos específicos são:

- Analisar a trajetória da Igreja e da educação feminina no século XIX;
- Historicizar a fundação da Congregação de Santa Dorotéia dentro do contexto histórico e cultural da trajetória de vida de Paula Frassinetti;
- Evidenciar as intuições pedagógicas como constituição do projeto educativo e posteriormente do currículo desenvolvido por Paula Frassinetti;
- Identificar o currículo tecido e desenvolvido no Projeto Educativo proposto por Paula Frassinetti;

O referencial teórico inicial está centrado na discussão e na análise das concepções da Igreja no século XIX e no projeto pedagógico católico voltado às instituições educativas femininas, em que se insere o contexto histórico e cultural do projeto educativo de Paula Frassinetti: o catolicismo conservador, que ficou conhecido como Ultramontano, o qual desenvolveu uma política de combate à *modernidade*¹.

A partir desta ótica, as instituições escolares administradas pela Congregação de Santa Dorotéia vão assumir a missão de educar as jovens dentro desta moral católica, tanto na Europa, quanto no Brasil. Desta forma, concebemos o currículo como trajetória do projeto educativo de Paula Frassinetti, o qual era tecido e desenvolvido a partir de suas intuições pedagógicas.

Os procedimentos metodológicos do presente trabalho são as pesquisas histórica e documental das fontes deixadas por Paula Frassinetti: as correspondências e as *Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia de 1851*, os dados históricos da *Pia Obra*, o documento *Educar para Nós*, a memória da Congregação através

¹ Em Marx, os termos *moderno* e *modernidade* designam o período marcado pela ascensão da burguesia e de suas manifestações políticas, sociais, culturais e morais.

das crônicas redigidas pela Irmã Giuseppina Pingiani, por meio da obra de Riolando Azzi (2000), além de revistas e livros da própria Congregação.

As Cartas escritas por Paula Frassinetti, segundo explicação da obra *Cartas*, vol. I (1987), provêm de:

- a) Arquivo da casa Geral (na quase totalidade), onde se conservam:
 - Cartas autógrafas, algumas das quais em mau estado de conservação pelo desgaste do tempo, porque as cartas são escritas em ambas as faces, com tinta por vezes muito descorada, expedidas quase sempre sem sobrescrito, com o endereço na própria carta, dobrada, segundo o uso da época. Vão desde 1835 a 1882.
 - Cópia de cartas autógrafas, autenticadas pela Cúria Arquiepiscopal de Gênova, para o exame dos escritos, exigido pelo Processo Informativo para a Causa da Canonização.
 - Minutas ou cópias de cartas, em grande parte executadas pela Secretária, Irmã Isabel Cargioli.
- b) Arquivo da Cúria Arquiepiscopal de Gênova.
- c) Arquivo da Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares (CRIS).
- d) Arquivo da Câmara Municipal de Nepi.
- e) Arquivo do Centro Inaciano “Apostolado da Oração”.
- f) Arquivo da Casa Geral das Irmãs Mestras de Santa Doroteia (fundadas pelo P. Lucas Passi). (p. XXXIII).

As Cartas escritas por Paula Frassinetti consultadas para este trabalho constam da edição portuguesa; foram reproduzidas integralmente e numeradas por seqüência cronológica.

Paula Frassinetti costumava colocar no início das Cartas dirigidas aos seus familiares a sigla V.J.M. ou V.J.M.J., que significam: “Viva Jesus e Maria” e “Viva Jesus Maria e José”, respectivamente. As Cartas endereçadas às Irmãs, ela escrevia “Dilectíssima Filha em Cristo”, “Caríssima Filha no Senhor” e “Caríssima Filha em Jesus Cristo”.

As *Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia de 1851* constituíam o conjunto de regras e normas do Instituto que abrangia desde os requisitos para a admissão na Congregação, passando pela organização e administração dela, até a formação pessoal das Irmãs; regulamentava também a Pia Obra, a organização da divisão das classes e a instrução das meninas nas Escolas Dorotéias. Paula Frassinetti, na elaboração das *Constituições*, afirma em carta dirigida ao seu irmão Padre José Frassinetti, que retirou “tudo o que parece útil ao nosso Instituto” (FRASSINETTI, Carta 12, Roma, 5 de Outubro de 1842, p. 19) das *Constituições das Damas do Sagrado Coração*.

A *Pia Obra* aparece nas *Constituições* de 1851, em que propõe seus objetivos, organização e funcionamento. Para Paula Frassinetti, a *Pia Obra* foi o “*principal meio que o Instituto emprega para obter seu fim*”. (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1999, p. 3).

Ainda segundo as *Constituições* (1999), para dedicar-se a ela, foi acrescentado o voto de trabalhar na Pia Obra aos de obediência, pobreza e castidade. No entanto, com as

transformações ocorridas na sociedade, as Dorotéias foram dispensadas desse voto, em 1965, pela impossibilidade de continuar o trabalho da Pia Obra no modelo idealizado por Paula Frassinetti. Apesar dessas mudanças, as Dorotéias mantiveram o compromisso com as paróquias e o envolvimento dos leigos para o apostolado da juventude.

O documento *Educar para Nós* foi elaborado em 1991, em Lisboa, pela Equipe Internacional da Congregação de Santa Dorotéia, e é resultado da reflexão, do parecer e sugestões dadas pelas Províncias e pelas Irmãs, a respeito das Constituições de 1851 e 1889, as quais foram suficientes para orientar as Dorotéias até o início do século XX. O intuito deste documento foi tentar redimensionar algumas linhas comuns, que possam identificar a Congregação, em todas as áreas de atuação.

A Pesquisa Documental, segundo Gil (1999):

assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes...a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (p. 66).

Também denominada de investigação documental, segundo Chaves (2003):

é a realizada em documentos conservados no interior de órgãos públicos e privados de qualquer natureza, ou com pessoas: registros, anais, regulamentos, circulares, ofícios, memorando, balancetes, comunicações informais, filmes, microfilmes, fotografias, vídeo-tape, informações em disquete, diários, cartas pessoais e outros (p. 65).

Fachin (2003) acredita que a pesquisa documental:

corresponde a toda informação de forma oral, escrita ou visualizada. Ela consiste na coleta, classificação, seleção difusa e utilização de toda espécie de informações, compreendendo também as técnicas e os métodos que facilitam a sua busca e sua identificação. Para a pesquisa documental, considera-se documento qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais em papel / madeira / pedra / gravações, pintura, incrustações e outros. Ainda são considerados os documentos oficiais, como editoriais, leis, atas, relatórios, ofícios, ordem régia etc, e os documentos jurídicos oriundos de cartórios, registros gerais de falência, inventários, testamentos, escrituras de compra e venda, hipotecas, atestados de nascimentos, casamentos, óbitos, entre outros (p. 136).

Quando se utiliza pesquisa documental é importante esclarecer o que é um documento. Documento, portanto, é:

qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais etc, contida em um suporte material (papel, madeira, tecido, pedra), fixados por técnicas especiais como impressão, gravação, pintura, incrustação etc. Quaisquer informações orais (diálogo, exposição, aula, reportagens faladas) tornam-se documentos quando transcritas em suporte material (CHIZZOTTI, 1991 *apud* GONSALVES, 2003, p. 32).

Para Gonsalves (2003), deve-se:

superar a idéia de que documento é apenas o escrito oficialmente, guardado nos arquivos governamentais. A noção de documento corresponde a uma informação organizada sistematicamente, comunicada de diferentes maneiras (oral, escrita visual ou gestualmente) e registrada em material durável (p. 32).

No caso específico da pesquisa documental, trabalhamos, sobretudo, com as fontes primárias, que, conforme Gonsalves (2003), são considerados dados originais produzidos pelas próprias pessoas que os coletaram. Completa ainda a autora que esse tipo de fonte é caracterizado pela relação direta com os fatos a serem analisados, ou seja, o que identifica a fonte primária é a proximidade da fonte com o acontecimento; em outras palavras, a relação mais direta do investigador com o documento. Porém, ele está sujeito à leitura ou à visão de cada pesquisador, o que não garante a verdade do registro em termos absolutos, porque:

qualquer pessoa que relata um acontecimento não o faz imparcialmente; apresenta a versão pessoal com suas distorções conscientes ou inconscientes. Portanto, a fonte primária não se refere à exatidão ou veracidade do registro, mas à minimização de interferência entre registro e o acontecimento. (RICHARDSON, 1985, p.207 *apud* GONSALVES, 2003, p.33).

Barros (2005) faz uma discussão muito interessante a respeito da distinção entre bibliografia e fonte

A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo. Uma fonte pode preencher uma destas duas funções: ou ela é o meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e interpretar (fonte histórica = fonte de informações sobre o passado), ou ela mesma [...] é o próprio fato histórico. (p.63-64).

Neste trabalho, ao usarmos como fonte histórica as Cartas de Paula Frassinetti, notamos que elas adquirem também uma dimensão de fato histórico, uma vez que se tornam, segundo Barros (2005), *testemunho* ou *discurso* de uma época. Em razão disto, em todo o trabalho, manteremos a grafia original das fontes.

É muito importante levantarmos essa discussão, pois, para alguns autores, as fontes de época eram chamadas de *fontes primárias* ou *fontes de primeira mão*. De acordo com Barros (2005), atualmente, há uma tendência de chamar somente de *fonte*, e, esporadicamente, de documento histórico qualquer espécie de documentação de época. O que o autor quer chamar a atenção é que documento histórico:

Hoje em dia é praticamente um sinônimo de fonte histórica, embora os historiadores estejam preferindo utilizar cada vez mais no lugar de documento a expressão fonte que, além de ser uma expressão mais abrangente, é menos associável às práticas historiográficas do passado ('documento' tomado exclusivamente como uma espécie de 'prova' ou 'testemunho do que aconteceu', à maneira positivista) (p.64).

Analisaremos as fontes históricas dentro do enfoque interpretativo, em que Gómez (1998) considera que “a realidade social tem uma natureza constituída radicalmente diferente da realidade natural. O mundo social não é fixo, nem estável, mas dinâmico e mutante devido ao seu caráter inacabado e construtivo”. Entendendo então que:

a realidade é uma criação histórica, relativa e contingente, do mesmo modo que se constrói pode se transformar, reconstruir ou destruir. É uma realidade em si mesma inacabada, em contínuo processo de criação e mudança (p.102).

Por sua vez, as relações sujeito-objeto, no enfoque interpretativo inserido no processo de investigação, é um fenômeno social caracterizado pela interação. Assim, a relação entre investigador e realidade investigada, segundo Gómez (1998):

É condicionada em certa medida pela situação de investigação, pois reage ante o que investiga ou ante a própria situação experimental. De maneira similar, o experimentador é influenciado pelas reações da realidade estudada, pelo conhecimento que vai adquirindo, pelas relações que estabelece e pelos significados que compartilha. Se a influência de interação existe de qualquer maneira, sendo praticamente impossível neutralizá-la sem pôr em risco o próprio processo de investigação, o correto é reconhecê-la, compreender seu alcance e suas conseqüências (p. 103).

Ainda segundo este autor:

A investigação interpretativa que propõe a compreensão dos significados no âmbito da realidade natural de interações sociais, não poderá reduzir seu estudo à identificação de pautas ou padrões comuns de comportamento, transferíveis de contexto para contexto, mas se preocupará também com a compreensão dos aspectos singulares, anômalos, imprevistos, diferenciadores (GOMÉZ, 1998, p. 105).

Neste sentido, este trabalho tem como preocupação analisar e interpretar as fontes históricas primárias como um compromisso social e ético, cuja intenção é: “se a escola é o fim de nossas pesquisas e de tudo o que escrevemos, o resultado de nossas pesquisas deveria a ela chegar e, de algum modo, a ela beneficiar” (GARCIA, 2003, p. 11).

Dentro deste contexto (a tentativa de sistematizar o “currículo” proposto por Paula Frassinetti, assim como, os princípios metodológicos para desenvolvê-lo), o presente trabalho pretende ser um marco referencial para o educador doroteano, na medida em que possa contribuir para revitalizar e fortalecer a missão educativa e o ideal de Paula Frassinetti hoje.

Para fins metodológicos, esta dissertação apresenta-se em quatro capítulos, assim discriminados.

No primeiro capítulo, apresentaremos uma breve reflexão sobre a Igreja Católica e a educação feminina no século XIX, revelando o papel da Congregação de Santa Dorotéia no processo de romanização do catolicismo no Brasil.

No segundo capítulo, analisaremos a fundação da Congregação de Santa Dorotéia, a partir do panorama geral da Itália no século XIX, enfatizando o entendimento do contexto

histórico e cultural da trajetória de vida de Paula Frassinetti do seu nascimento até a origem e a expansão da Congregação de Santa Dorotéia.

No terceiro capítulo, promoveremos uma discussão sobre as intuições pedagógicas de Paula Frassinetti, como parte formadora do seu projeto educativo, e posteriormente do currículo. Também, verificaremos as similaridades entre o projeto educativo de Marcelino Champagnat e o de Paula Frassinetti, ambos realizados no século XIX, na Europa; que, através de suas intuições pedagógicas, teceram o projeto educativo das Irmandades Religiosas fundadas por eles. No caso de Marcelino Champagnat, pela Congregação Marista, voltada à educação masculina; e Paula Frassinetti, pela Congregação de Santa Dorotéia, voltada à educação feminina.

No quarto capítulo, levantaremos algumas considerações sobre a teoria do currículo, e posteriormente examinaremos o “currículo” como trajetória do Projeto Educativo de Paula Frassinetti.

As considerações finais direcionam-se a respeito da análise das fontes pesquisadas, para entender o projeto educativo e o currículo tecidos por Paula Frassinetti.

1. A IGREJA CATÓLICA E A EDUCAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX

“Não deixemos de aprender bem e de praticar a importantíssima lição que Jesus Cristo nos deu: praticarmos nós primeiro tudo aquilo que queremos ensinar a praticar aos outros”.

Paula Frassinetti – Carta 98 – Roma, 16 de Dezembro de 1853.

Paula Frassinetti viveu no século XIX; marcado por profundas rupturas que foram responsáveis por significativas mudanças e transformações na história da Itália, da Europa e do mundo. No caso específico, a Unificação Italiana, que aconteceu tardiamente após várias lutas armadas e conflitos ideológicos. Assim, nesse contexto de transformações, segundo documento da Congregação de Santa Dorotéia:

A Igreja mantinha-se apegada aos valores tradicionais, lutando ferrenhamente para manutenção da autoridade papal. Estabeleceu-se então, a busca do fortalecimento da Igreja, na figura do Papa; do reavivamento espiritual, da expansão das missões no mundo; da revitalização de ordens religiosas e, em especial, das femininas. (RAÍZES DA NOSSA MISSÃO EDUCATIVA: QUESTÕES E INTERPELAÇÕES, 2000, p. 9)

Para entender em que contexto histórico e cultural nasce o Projeto Educativo de Paula Frassinetti, levantaremos algumas concepções da Igreja Católica e da educação feminina no século XIX. De acordo com Manoel (1996):

O catolicismo conservador partia do suposto de que as leis divinas e naturais teriam estabelecido as tarefas domésticas como domínio próprio das mulheres e as atividades sociais e cívicas como domínio masculino, com a preponderância das últimas sobre as primeiras. Assim, toda proposta de profissionalização feminina ou concessão de direitos cívicos às mulheres era entendida como atentado às leis criadas por Deus, um retrocesso à barbárie, o desmoronamento da sociedade civil (p. 32).

De acordo com a Carta intitulada *Pensamento*, colocada em epígrafe, e que é cópia original da caligrafia de Paula Frassinetti, endereçada a todas as Irmãs da Congregação de Santa Dorotéia, podemos identificar, na primeira parte, os aspectos dogmáticos e teocêntricos do catolicismo conservador; na segunda parte, lembra o tom das *hagiografias*². Podemos também fazer um paralelo do primeiro verso da Carta com o Canto III, verso 9, da parte do Inferno, da obra *Divina Comédia*, de Dante Alighieri:

Il nostro Spoo che ci ama tanto,
Che bel posto non ci prepara in paradiso!
La nostra abitazione non sarà piú questa
povera casa .ristritta, ma tutta l'ampiezza

² Biografia de santo; escrito acerca dos santos. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994 -1995, p. 335.

e la ricchezza de' Cieli.
 Studiamoci di vivere piú povere che sia possibile,
 e piú sicuramente sarà nostro il paradiso.
 Chiudamo gli occhi a tutte le bellezze del mondo per riservarci
 A vedere le bellezze Del cielo.

O nosso Esposo que nos ama muito, que lugar bonito está preparando para nós no paraíso!
 A nossa casa não será mais esta pobre habitação, mas toda a amplitude e a riqueza dos Céus.
 Nos propomos viver o mais pobremente possível, e, com certeza, o paraíso será nosso.
 Fechamos os olhos para todas as belezas do mundo para nos reservarmos a ver as belezas do céu. (1º verso da Carta de Paula Frassinetti)

Dinanzi a me non fuor cose create
 se non eterne, e io eterno duro.
 Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate!
 Inferno, Canto III, 9.

Antes de mim coisa alguma foi criada
 exceto coisas eternas, e eterna eu duro.
 deixai toda esperança, vós que entraís!

Na terceira parte, os vocábulos mostram uma devida aderência ao pensamento teocêntrico e medieval, embora a Carta seja do século XIX. Quando diz “alegro-me da minha beatitude somente porque O agrada”, demonstra uma relação de subserviência, que lembra as cantigas de amor da Baixa Idade Média; aparece o tom de suserania e vassalagem: Deus, como suserano (pronomes O), e ela, como vassalo.

A Carta apresenta uma estrutura paralelística e com tom repetitivo, que tende a reforçar a fé e a devoção dela.

É importante ressaltar a força do elemento místico presente na Carta, envolto por uma poética de alcance religioso. De fato, o espírito que move Paula Frassinetti a escrever a Carta é a doçura e é também a total e íntegra entrega à divindade, a exemplo dos santos, que dedicaram com total paixão à causa da fé contemplativa. Paula Frassinetti escreve como que dominada por aquele que ela contempla. Na mesma medida em que prega desvio das coisas terrenas, contempla em pensamento uma riqueza por ela postulada como maior e por vir.

A relação desta carta com o projeto educativo de Paula Frassinetti está expressa na obra (RAÍZES DA NOSSA MISSÃO EDUCATIVA, 2000, p. 38): “o educador doroteano, nas suas ações, necessita seguir as atitudes de ‘Paula Frassinetti’, onde a contemplação dos mistérios da vida de Jesus possibilita olhar Jesus, escutar Jesus, ver o que Ele faz, e assim decidir a segui-Lo, continuando a Sua missão”.

Podemos afirmar que Paula Frassinetti construiu e desenvolveu seu Projeto Educativo a partir de uma profunda adesão à vontade de Deus, expressa por ela em diversas

ocasiões: “Vontade de Deus és meu paraíso” (Carta 573, 6); “Deixemos agir o Senhor, que disporá o que for da sua maior glória” (Carta 555); “Deus seja o seu refúgio, Maria Santíssima o seu conforto” (Carta, 347); “Jesus está comigo. Coragem! É sua a força d’ Ele” (Carta 516); “Esforcemo-nos por imitá-Lo, seguindo-O em tudo [...]” (Constituição 1851); “Se se apoiar em Deus será onipotente” (Carta 390); “Deus é tudo e o resto é nada [...]” (Constituições de 1851); “Eleva o seu coração a Deus, de Quem lhe virá toda a luz, toda a graça [...]” (Carta 324); e “Estou tranqüila porque sei que essa missão é obra de Deus” (Carta 324).

Enfim, o que norteia e fundamenta o projeto educativo das escolas da Congregação de Santa Dorotéia é a pedagogia de Jesus Cristo e as intuições pedagógicas de Paula Frassinetti.

Enquanto na Europa a consolidação da burguesia desencadeou a Revolução Francesa, as guerras napoleônicas, as revoluções de 1830 e 1848 na França, o Brasil, após a independência em 1822, vivia o I Império; porém, havia um conflito entre o lusitanismo e a classe dominante nacional. O povo brasileiro não se sentia livre de Portugal, uma vez que o imperador era português, e temia um retorno à colonização. O lusitanismo queria um estado forte, que pudesse garantir seus interesses comerciais internos, enquanto a classe dominante nacional via em D. Pedro I um prolongamento do absolutismo.

Desta forma, em 1831, D. Pedro I abdica do trono, rompendo assim os laços entre Brasil e Portugal, consolidando o poder da aristocracia rural, que molda a Monarquia de acordo com o seu interesse.

A respeito da sociedade brasileira, durante o século XIX, diz D’ Incao (1997):

Sofreu uma série de transformações: a consolidação do capitalismo; o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social; a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade – *burguesa*- reorganizadora das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas; e, por que não, a sensibilidade e a forma de pensar o amor (p.223)

Podemos afirmar que, no início do século XIX, a vida urbana ainda era incipiente, pois o Brasil era um imenso país rural; porém, segundo D’Incao (1997), o estilo de vida predominante da elite era influenciado pelas representações do imaginário da aristocracia portuguesa, do cotidiano dos fazendeiros e dos resultados das diversidades e interações sociais advindas do sistema escravista, que se denominou chamar família patriarcal brasileira. Por exemplo, no Nordeste, o patriarcalismo rural perdurou até a metade do século XX.

Segundo Azzi (2002):

Durante as primeiras décadas do regime republicano, a finalidade da educação feminina já estava bem delineada, sobretudo na região sudeste, e nos principais centros urbanos do país. Tratava-se de preparar as moças para sua inserção progressiva na sociedade urbana, pautada pelos padrões burgueses de

comportamento. Nesse novo contexto, a mulher adquiria um novo status social; devia distinguir-se pela fineza dos modos, pelas habilidades artísticas em termos de música e literatura, brilhando dessa forma nas reuniões e saraus familiares. No jogo da bolsa matrimonial da época, seu valor já não era medido tanto pelo aporte econômico que trazia pelo seu dote, ou pela predisposição para uma maternidade fecunda, como pela habilidade da moça em atuar dentro do novo contexto social, marcado cada vez mais pela influência européia (p. 22).

Num estudo sobre mulheres do sertão nordestino, Falci (1997) comenta a condição feminina:

Muitas filhas de famílias poderosas nasceram, casaram, e em geral, morreram nas fazendas de gado. Não estudaram as primeiras letras nas escolas particulares dirigidas por padres, e não foram enviadas a São Luís para o curso médio, nem a Recife e Bahia, como ocorria com os rapazes de sua categoria social. Raramente aprenderam a ler, e quando o fizeram, foi com professores particulares, contratado pelos pais para ministrar aulas em casa. Muitas apenas conheceram as primeiras letras e aprenderam a assinar o nome. Enquanto seus irmãos e primos do sexo masculino liam Cícero em latim ou Virgílio, recebiam noções de grego e do pensamento de Platão e Aristóteles, aprendiam ciências naturais, filosofia, geografia e francês, elas aprendiam a arte de bordar em branco, o crochê, o matiz, a costura e a música (p. 21).

Em outro momento, fazendo referência particularmente à educação feminina, Falci (1997) destaca que essas meninas:

Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe, e as chamadas prendas domésticas: orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano ou solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. Entretanto essas atividades, além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem vistas socialmente. Tornavam-se facilmente alvo de maledicência por parte de homens e mulheres que acusavam a incapacidade do homem da casa, ou observavam sua decadência econômica. Por isso, muitas vendiam o produto de suas atividades através de outras pessoas, por não querer aparecer. Na época era voz comum que a mulher não precisava, e não deveria, ganhar dinheiro (p. 22).

Através desses exemplos, entendemos que o processo de adaptação da sociedade nordestina aos novos valores urbanos foi mais lento do que em outras regiões do Brasil.

Para o catolicismo conservador, oferecer ensino profissionalizante ou conceder direitos cívicos às mulheres era inconcebível. Assim, de acordo com Manoel (1996):

No Brasil, a implantação do projeto liberal, por não representar um momento decisivo da luta burguesa para superar o mundo aristocrático e rural, mas significando um reordenamento da própria oligarquia ao redor de uma nova ordenação política, não provocou exclusões e eliminações, mas cooptações e inclusões. Na esfera religiosa e educacional a conciliação se manifestou fortemente (p. 17).

Segundo Fernandes (1975), a formação da burguesia no Brasil não apresentou as mesmas características dos países capitalistas europeus, em particular a França e a Inglaterra, porque, sob a égide do colonialismo e, em seguida, do imperialismo, o capitalismo aqui se

desenvolveu tardiamente. Os latifundiários escravistas não incorporavam a lógica capitalista, pois se orientavam por outra racionalidade, chamada por ele de patrimonialista.

Desta forma, diz Fernandes (1975), o desenvolvimento capitalista no Brasil, apesar das mudanças ao longo do tempo, manteve seus traços principais: o caráter dependente e a convivência do moderno com o arcaico.

Quando D' Incao (1997) descreve que “a vida burguesa reorganiza as vivências domésticas” (p.225), significa que a burguesia tinha como representação de modelo ideal de família, um lar acolhedor, com ambiente sólido, filhos educados e esposas dedicadas aos maridos.

Desta forma, é possível afirmar que as Escolas Dorotéias preparavam as jovens para o ingresso segundo os novos valores e padrões culturais da vida social urbana.

O mundo moderno mostrava à oligarquia a necessidade de se iniciar uma educação feminina, mas, ao mesmo tempo, temia que a forma de educar pudesse causar transformações nas jovens e conseqüentes mudanças nas relações familiares. Neste contexto, “é que se manifestava a ambigüidade da oligarquia: desejava o moderno e temia a modernidade” (MANOEL, 1996, p. 29). Afinal, por que o moderno era tão temível pela oligarquia brasileira no século XIX? Porque, segundo Manoel (1996, p. 30): “moderno, naquela altura do século XIX brasileiro, significava muito mais do que máquinas, ferrovias, eletricidade, bancos. Significava também, sobretudo, a extensão de direitos civis para todos, inclusive às mulheres”. Assim, a oligarquia mostra duas faces: é moderna, mas simultaneamente conservadora.

Segundo Carvalho (2002), o conjunto de direitos, civis, sociais e políticos, que poderia embrionar um Estado de cidadãos, não existia durante a passagem do período colonial à independência. A própria independência não foi capaz de introduzir mudanças no conjunto desses direitos. Apesar de constituir um avanço no que se refere aos direitos políticos a independência do Brasil, feita com a manutenção da escravidão, foi um grande limitador de acesso aos direitos civis.

Ainda relata Carvalho (2002) que o acesso a um direito não significava garantia de outros direitos; portanto, essa condição, que ele chama *cidadania inconclusa*, ou seja, a garantia de direitos civis ou políticos no Brasil, nunca representou a solução dos muitos problemas sociais, pois eles marcham em velocidades díspares. Assim, falar em estender os direitos civis às mulheres soava mais como uma retórica.

Na historiografia da educação brasileira, nota-se que não era uma preocupação da sociedade patriarcal oferecer escolarização para as mulheres, até meados do século XIX,

quando se destaca a existência de dois projetos educacionais, que divergiam em suas propostas.

Um, o liberal, laico, preocupado com a convivência a mais harmoniosa possível dos cidadãos sob a égide da Constituição, tinha por objetivo, além do ensino das ciências e letras, a formação cívica e moral, conforme os pressupostos da liberal-democracia representativa. O outro, o católico, com os olhos postos na eternidade, visava à formação de bons católicos que, por isso seriam bons cidadãos, e também por isso rejeitava a moral contratual proposta pela sociedade burguesa (MANOEL, 1996, p. 19).

A partir de 1808, com a chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro, o Brasil vai receber novos ares da cultura européia, que aos poucos vai sendo inculcada na sociedade, exigindo um posicionamento em relação à educação feminina, tornando necessário que as mulheres aprendessem a ler, escrever e conversar.

A influência de além mar se fez sentir de forma mais intensa nesse período, com inovações na arquitetura urbana, no vestuário e nos meios de comunicação. Essa admiração pela cultura européia facilitou, sem dúvida, a fixação das irmãs em Pernambuco. Se por um lado as religiosas estavam marcadas por uma espiritualidade sobrenaturalista, e contrária ao bem estar, por outro, na medida em que se comprometiam com a atividade educacional, iam também se amoldando pouco a pouco aos novos padrões da sociedade burguesa. Assim sendo, aumentam os recursos higiênicos oferecidos às alunas, e a reforma dos prédios visa proporcionar-lhes maior conforto (AZZI, 2000, p. 119).

Para entendermos melhor o contexto da implantação no Brasil dos Colégios Católicos das Dorotéias, voltados à educação feminina, é necessário compreendermos um pouco sobre a história da educação brasileira. Assim, utilizando a periodização criada por Saviani et al. (2006) para a história da educação brasileira, analisamos o quarto período, denominado por ele de “breve século XIX”, que se estende de 1827, da criação da Lei das Escolas de Primeiras Letras, até 1890, da implantação dos grupos escolares. Esse período corresponde ao recorte temporal do presente trabalho.

No século XIX, várias medidas foram colocadas em prática pelos deputados da Assembléia Constituinte, no que tange à educação no Brasil. A Constituição de 1824 instituiu a gratuidade da instrução primária para todos, sem distinção de sexo.

O decreto de 15 de outubro de 1827, outorgado por D. Pedro I, trata da primeira Lei Geral relativa ao Ensino Elementar. Ela se torna um marco referencial da educação imperial para os professores do ensino primário e ginásial nas províncias. O decreto tratou de vários assuntos: descentralização do ensino, remuneração dos professores, ensino mútuo, currículo mínimo, admissão de professores e escolas das meninas. Em seu artigo 1º, estabelecia que as Escolas de Primeiras Letras - hoje, Ensino Fundamental - deveriam ensinar, para os meninos, a leitura, a escrita, as quatro operações de cálculo e as noções de geometria.

Manoel (1996) relata que nesse Decreto:

O governo imperial havia estabelecido um currículo não profissionalizante para a educação feminina, voltado para a formação de donas-de-casa, composto das seguintes disciplinas: leitura, escrita, quatro operações, gramática, moral cristã, doutrina católica e prendas domésticas (p. 23).

No que se refere à educação feminina, o decreto regulamentou:

Haverão escolas de meninas nas cidades, vilas e lugares mais populosos em que os Presidentes de Províncias, em Conselho, julgarem conveniente este estabelecimento. As mestras, além do programa de ensino declarado, com exclusão das noções de geometria, e limitado a instrução de aritmética só as quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica³.

Segundo Saviani et al. (2006), na vigência da Lei das Escolas de Primeiras Letras (1827-1854), vigorou o método de *ensino mútuo*⁴, conhecido também como monitorial ou lancasteriano. Neste método, os castigos eram aplicados com muita severidade, seguindo o modelo utilizado pelo britânico *Lancaster*.⁵

O Decreto nº 1331-A, de 17 de fevereiro de 1854, de acordo com Saviani et al. (2006), “aprovou o Regulamento para a Reforma do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte” (p. 18), que ficou conhecido como Reforma Couto Ferraz (1854-1867), por ser este, na ocasião, o ministro do Império. Embora a Reforma surgisse para atender o Rio de Janeiro (sede da Corte), ela traçava normas para as províncias.

Podemos ressaltar alguns aspectos relevantes da Reforma Couto Ferraz, de acordo com Saviani et al. (2006), tais como: instrução pública primária, inspeção escolar, regulamentação das escolas privadas, e regime disciplinar dos docentes e diretores da escola.

Em relação aos estudos segundo Saviani et al. (2006), a Reforma Couto Ferraz apresentava a seguinte organização:

a) uma escola primária dividida em duas classes: a primeira compreenderia escolas de instrução elementar, denominadas *escolas de primeiro grau*; a segunda corresponderia a instrução primária superior, ministrada *nas escolas de segundo grau*;

³ Lei de Instrução Pública. 1827. BORGES, W. R. **Siminário de mininas orphãs e educandas Nossa Senhora da Glória**: (Primeiros Ensaio para a Profissionalização Feminina em São Paulo 1825-1935). Rio Claro, SP: UNESP, 1973. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, p. 86.

⁴ SAADI, Lamia Jorge. **Educação marista: o colégio Champagnat de Franca (1902-1971)**. Franca, SP, 2002, 223p. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. O método mútuo já era conhecido desde as escolas monásticas da época merovíngia, na França, mas foram os britânicos Andrew Bell e Joseph Lancaster que o sistematizaram. SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XIX**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. O método mútuo, conhecido também como monitorial ou lancasteriano, consistia em instruir vários alunos ao mesmo tempo, aproveitando os alunos mais adiantados como auxiliares do mestre, em classes numerosas.

⁵ SAVIANI, op. cit., para Lancaster eram punidos com severidade os alunos que faltavam a disciplina, ou constringiam fisicamente ou moralmente, conforme descreve em detalhes na obra de Lancaster “Sistema britânico de educação”, escrita em 1823.

- b) uma instrução secundária ministrada no Colégio Pedro II, com a duração de sete anos, e nas aulas públicas avulsas, consagrando, portanto, a coexistência dos dois modelos então em vigor;
- c) os alunos seriam agrupados em turmas, adotando-se, portanto, a seriação e o ensino simultâneo (p. 20).

O currículo básico a ser ministrado nas escolas primárias de primeiro grau, segundo o artigo 47º da Reforma Couto Ferraz, segundo Saviani et al. (2006), era composto pelos seguintes conteúdos: “a instrução moral e religiosa, a leitura e escrita, as noções essenciais de gramática, os princípios elementares de aritmética, o sistema de pesos e medidas do município” (p. 21).

No aspecto administrativo, a Reforma Couto Ferraz apresentava um caráter centralizador, principalmente quando trata das atribuições do inspetor geral, que controlava as informações dos dados das instruções primárias e secundárias de todas as províncias.

Do ponto de vista pedagógico, a Reforma Couto Ferraz, segundo Saviani et al. (2006), substituiu o método mútuo, pelo *método simultâneo*⁶, dentro do espírito do iluminismo e trouxe a obrigatoriedade da frequência de crianças maiores de sete anos ao ensino de primeiro grau. No entanto, não se constitui em uma obrigatoriedade para todos, uma vez que os escravos foram excluídos.

Enfim, a Reforma Couto Ferraz apresenta um ensino:

Estreitamente ligado à prática pode ser reconhecido como uma idéia-força da Reforma Couto Ferraz. Ela está presente não apenas no que se refere à formação de professores. Encontra-se também nas atribuições do Conselho Diretor, no processo de seleção dos professores públicos e dos adjuntos e explicita-se no centro do currículo quando se prevê no artigo 47: a) o estudo do sistema de pesos e medidas do município, e não só dele, mas também das províncias e ‘das Nações com que o Brasil tem mais relações comerciais’; b) ‘o desenvolvimento da aritmética em suas aplicações práticas’; c) as ciências e a história natural ‘aplicáveis aos usos da vida’ (SAVAINI et al., 2006, p. 22).

O último legado da história da educação brasileira durante o Império é a Reforma Leôncio de Carvalho, adotada através do Decreto nº 7247, de 19 de abril de 1879, que alterou os ensinos primário, secundário e superior do Rio de Janeiro, município sede do Império. Ela adota algumas inovações em relação à Reforma Couto Ferraz:

⁶ Visa a atender um grande número de alunos separados em subgrupos conforme o grau de desenvolvimento. Segundo esse método, cada professor deveria atender a três classes. Foi criado e sistematizado por São João Batista de La Salle (1651-1719), que suavizou a disciplina escolar da sua época, proibindo os castigos físicos. MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. “Método simultâneo” (verbete). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira Educa Brasil**. São Paulo: Midiamix, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=277>> Acesso em: 6 jun. 2007. Era também chamado de “método dos Irmãos das Escolas Cristãs” – dos La Salistas, segundo SAADI, op. cit., p. 36-37, ele surgiu “dos métodos pedagógicos dos congressistas dos séculos XVII e XVIII. Antes da Revolução, os Irmãos e as Irmãs agrupavam, em uma só sala, uns 60 alunos de todos os níveis, repartidos em 9 divisões de cálculos. Se o número de alunos fosse maior que a lotação da classe, abria-se uma segunda classe, exatamente igual à primeira”.

Prevê a criação de jardins-de-infância para crianças de 3 a 7 anos (artigo 5º); caixa escolar (artigo 6º); bibliotecas e museus escolares (artigo 7º); subvenção a instituições particulares, equiparação de escolas normais particulares às oficiais e de escolas secundárias privadas ao Colégio Pedro II, criação de escolas profissionais, de bibliotecas populares e de bibliotecas e museus pedagógicos onde houver escola normal (artigo 8º); e a regulamentação do ensino superior abrangendo a associação de particulares para a fundação de cursos livres (artigo 21); a permissão a particulares para abrir cursos livres em salas dos edifícios das escolas ou faculdades do Estado (artigo 22); as faculdades de direito (artigo 23) e as faculdades de medicina (artigo 24) (SAVIANI et al., 2006, p. 26).

Neste sentido, a Reforma Leôncio de Carvalho, além de adotar o *método intuitivo*⁷, tem também no seu bojo a idéia do descompromisso do Estado com a educação, na medida em que incentiva o desenvolvimento do ensino livre, que, de certa forma, “limita a necessidade do ensino oficial e traz economia para o Estado, cuja inspeção salva os interesses da moral e da ordem social” (BARROSO, 2005, p. 61-62 apud SAVIANI et al., 2006, p. 25).

Notamos, assim, a importância do legado das Reformas educacionais do século XIX para a educação brasileira, na medida em que contribuíram, segundo Saviani et al. (2006), para o favorecimento da iniciativa particular, as quais vão ser criadas no período imperial para atender a crescente burguesia em ascensão, como no caso dos Colégios da Congregação de Santa Dorotéia, fundados em Recife (1866) e Belém (1877) a pedido dos bispos das Dioceses de Pernambuco e do Pará, voltados para a educação feminina.

Dentro deste contexto, alguns intelectuais liberais e positivistas, como Teixeira Mendes, Tito Lívio de Castro e José Veríssimo, sabiam da necessidade da educação das mulheres, mas apresentavam algumas recomendações, conforme diz Manoel (1996):

Recomendavam que ela não ultrapassasse os limites da formação de donas-de-casa e mães de família. José Veríssimo, aliás, ia mais longe. Aceitava, e mesmo recomendava, a educação feminina, para que as mulheres pudessem ser boas mães. Entretanto, diz ele no seu livro ‘A educação nacional’ que, dado serem as mulheres menos inteligentes do que os homens, elas não devem receber instrução em matemática e outras disciplinas científicas (p. 31).

Outra personagem que igualmente recomendava, mas apresentava reservas quanto à educação feminina foi o Barão do Rio Branco, como comenta Manoel (1996):

Em uma série de artigos de jornal, intitulados ‘Cartas do amigo ausente’, definiu um projeto de ‘revolução dentro da ordem’ para a educação feminina, educação que deveria constituir-se apenas de prendas domésticas e outras disciplinas que pudessem formar damas prendadas e boas donas-de-casa (p. 31).

⁷Segundo Valdamarin apud SAVIANI, op. cit., p. 92-93, método adotado na segunda metade do século XIX nas escolas européias, americanas e brasileiras, tendo como principais teóricos Pestalozzi e Froebel. Também denominado ensino pelo aspecto ou lições de coisas, que apresenta dois princípios básicos: a observação e o trabalho. Segundo Valdamarin apud SAVIANI, op. cit., p. 92-93, “aliando a observação e trabalho numa mesma atividade, o método intuitivo pretende direcionar o desenvolvimento da criança de modo que a observação gere o raciocínio e o trabalho prepare o futuro produtor, tornando indissociáveis pensar e construir”.

Porém, o bispo de São Paulo D. Antônio Joaquim de Melo interessou-se pela questão da educação feminina, e, em 1850, inicia uma série de reformas educacionais sob a égide do catolicismo conservador e da política ultramontana. Conforme expressa Manoel:

O projeto educacional ultramontano, executado pelo bispo de São Paulo, pretendia abarcar duas esferas sociais ao mesmo tempo: a religiosa e a familiar. Na primeira, formar sacerdotes dentro do espírito das reformas ultramontanas, constituindo um clero atuante, culto, virtuoso, capaz de interferir na religiosidade dos paulistas e conformar os fiéis à atitude política assumida naquele momento pela Cúria Romana. Na segunda, educar meninas e jovens conforme os conceitos elaborados pela Igreja ultramontana, de tal sorte que elas viessem, posteriormente, a ser educadoras dos filhos e de toda a sociedade conforme os preceitos e a doutrina do catolicismo conservador (MANOEL, 1996, p.49).

Em consequência desse projeto educacional, a Igreja acreditava na recristianização da sociedade brasileira, e, para tal, as escolas católicas femininas optaram pelo regime do *internato*, por entender que seria o melhor modelo pedagógico. Manoel (1996) afirma:

Nesse recinto, isoladas do mundo exterior, as alunas eram postas em contato com um universo artificial [...] recortado segundo os critérios da doutrina católica e inculcado por um método pedagógico claramente decalcado no Ratio Studiorum⁸ dos jesuítas (p. 51).

Dessa maneira, a oligarquia brasileira se aliou ao catolicismo conservador, que recebeu o nome de *Ultramontano*, ao desenvolver uma política de combate à modernidade, e entregou a ele a missão de educar suas filhas dentro da moral católica.

Havia vários motivos do emprego do método jesuítico pelas congregações religiosas. Segundo os padres Beaulieu e Charboneau, em seu livro *Educação brasileira e colégios de padres* (1966)⁹, todas as escolas católicas durante o século XIX, no Brasil, utilizaram os princípios do método jesuítico como uma estratégia contra a modernidade.

⁸ O Ratio Studiorum, publicado em 1599 foi pensado para ordenar as instituições de ensino dos Jesuítas. Oferecendo uma base comum em coerência com os preceitos da Igreja Católica, objetivou uma formação uniforme a todos que freqüentassem os colégios da Ordem Jesuítica em qualquer lugar do mundo. Na realidade, tratava-se de um manual de organização e administração escolar, incluindo procedimentos didáticos e pedagógicos, visando à formação do aluno. BORTOLOTTI, Karen Fernanda da Silva. **O Ratio Studiorum e a missão no Brasil**. Disponível em: <www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n2/ratio.htm>. Acesso em: 09 jan. 2006.

⁹ BEAULLIEU; G; CHARBONEAU, E., MARTINS, L.A. *Educação Brasileira e colégios de padres*. São Paulo: Herder, 1966, p. 40. apud MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo, SP: UNESP, 1996, p. 86.

Para Manoel (1996): “recusando essas teorias educacionais produzidas pelo mundo moderno e se defrontando com a expansão de religiões protestantes ou não cristãs, a Igreja se socorreu do *tomismo*¹⁰ medieval, por meio do *Ratio Studiorum*, da Companhia de Jesus” (p. 90).

Ainda de acordo com Manoel (1996), a reabilitação dos jesuítas em 1814, por Pio VII, e a retomada do tomismo em 1879, por Leão XIII, constitui-se um plano traçado pela Igreja Católica contra o mundo moderno.

Essa tendência perdurou nos anos iniciais da república brasileira como atesta Louro (1997):

Para filhos de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita, e das noções básicas de matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês, que, na maior parte dos casos, era ministrado nas próprias casas por professores particulares, eu em escolas religiosas. As habilidades com as agulhas, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de mando das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças, acrescidas de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino, e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para esses jovens (p. 23).

Para a Congregação Dorotéia, o modelo de educar as meninas por meio de *internato* seria a melhor maneira de formar jovens para uma vida adulta responsável, que viria ao encontro com o que a oligarquia desejava: uma educação que cultivasse nas suas filhas a moralidade e a religiosidade, característico de um sistema educacional conservador. Este modelo de educação foi comum aos institutos religiosos tanto masculinos, quanto femininos, e tinham como objetivo uma instrução cultural e artística dentro da ótica humanista. Citaremos como exemplo o prospecto do Colégio de Itu, que, de acordo com Manoel (1988)¹¹, tinha como objetivo:

Formar as meninas na prática das virtudes que convém ao seu sexo; fazer com que cedo contraíam hábitos de ordem, modéstia, trabalho; inspirar-lhes, com o amor à religião, um grande afeto às obrigações que ela impõe, ornar o seu espírito com uma instrução apropriada à sua idade e aos deveres que um dia terão de cumprir na sociedade; eis o fim a que se propõem as Irmãs de São José no seu desvelo para com as jovens pensionistas, cuja educação lhes é confiada (p.193).

¹⁰ O Tomismo - doutrina escolástica de Tomás de Aquino adotada oficialmente pela Igreja Católica. Caracteriza-se pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo, rompendo com todas as doutrinas que não se harmonizavam com os princípios da filosofia aristotélica. JUNIOR, Mauricio. **História do Cristianismo XII**. Disponível em: <www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/historia-do-cristianismo-12.html> Acesso em: 09 jan.2006.

¹¹ Manoel, 1988, p.193. apud Arquivo Público do Estado de S. Paulo. Ofícios da Instrução Pública de Itu, Ordem 5062, Lata 41.

Manoel (1996) ao falar do regime de internato ressalta que:

Retiradas da vida corrente, as alunas absorviam um conjunto de normas e preceitos educativos planejados pelo centro do ultramontanismo, concretizando o projeto de formação de um alicerce religioso, sobre o qual se reconstruiria uma sociedade segundo os critérios e propostas da Igreja conservadora: uma sociedade católica, ordeira, hierarquizada, moralizada, antimoderna, antiliberal, antifeminista (p. 52).

No século XIX, aumenta o número de colégios internos no Brasil, por dois motivos essenciais. O primeiro consistiu na dificuldade de comunicação e nas distâncias das regiões onde as necessidades de instrução se faziam mais urgentes. Em razão disto, os pais mandavam os filhos para os internatos com o objetivo de receberem uma educação de qualidade. O segundo motivo refere-se à predominância de um autoritarismo, fruto do patriarcalismo dos latifundiários, que acreditavam que a reclusão era uma boa estratégia de aprendizado. Sendo assim, até meados do século XIX, os internatos religiosos tornaram-se uma preferência da elite brasileira.

Foucault (1977, p. 130) ao analisar os internatos infere que “o internato aparece como o regime de educação, se não o mais freqüente, pelo menos o mais perfeito” e complementa seu pensamento afirmando que na realidade, o internato servia para domesticação dos corpos.

Em seus estudos, Manoel (1996) conclui que:

A função-chave do internato era: a vigilância. Vigilância de todos os instantes, de todos os movimentos, de todos os atos públicos ou particulares, de forma que a privacidade fosse desmontada e todas ficassem diante de todas sem características próprias, sem marcas pessoais, sem individualidade (p. 78).

Sob essa perspectiva, as Congregações religiosas, voltadas à educação tanto masculina quanto feminina, vão assumir papel fundamental na formação de jovens, filhos da burguesia em ascensão; principalmente, por conta das grandes transformações econômicas, sociais e culturais pelas quais o Brasil passa no século XIX. Isso faz com que muitos pais procurem os colégios católicos, principalmente o modelo de internato, em função de apresentarem projetos educativos que vinham ao encontro das necessidades da época: preparar seus filhos tanto do ponto de vista cultural como também para adquirir hábitos para o ingresso na vida urbana.

Dentro deste contexto se deu a chegada das Irmãs dorotéias ao Brasil, mais precisamente em Recife (PE). Para Azzi (2000), a instalação das Dorotéias no Brasil “esteve diretamente vinculada ao projeto de introduzir no país a *mentalidade tridentina*¹², dentro da nova configuração ultramontana assumida ao longo do pontificado de Pio IX” (p. 53):

Se fundamentalmente o que se quer aplicar no Brasil é a reforma de Trento, sua interpretação sofre as influências posteriores do movimento de espiritualidade francesa do século XVII e do ultramontanismo do século XIX. Não se trata, pois, de uma pura e simples reedição da mentalidade tridentina. De qualquer forma, é preciso notar que esses movimentos subseqüentes radicalizam apenas a visão tridentina de uma Igreja que se sobrepõe e se segrega da realidade do mundo (AZZI, 2000, p. 271).

Assim, nesse contexto:

Para que a educação fosse produtiva, forçoso se fazia isolar a criança de todo contato com esse mundo necessariamente mau e corruptor. Assim, o internato seria escola e guardião, ensinaria e defenderia as “flexíveis almas juvenis”, para usar aqui as palavras do papa Pio IX (MANOEL, 1996, p. 77).

Apesar de todos os colégios católicos utilizarem a doutrina ultramontana, existiam diferenças entre os vários institutos que se dedicaram à educação feminina. Por exemplo, de acordo com Azzi (2000):

As dorotéias foram fundadas em meados do século XIX, quando a sociedade burguesa estava em afirmação progressiva na Europa, enaltecendo os novos valores da cultura letrada, do trabalho, bem como apregoando a abolição dos privilégios dinásticos. Esse contexto social tornava as irmãs italianas mais sensíveis aos valores da modernidade, tanto mais em se tratando de uma fundação originária do norte da Itália (p. 168).

Desta forma, a oligarquia sentia-se garantida com o ultramontanismo, pois ele podia impedir o avanço do mundo moderno, do capitalismo, do liberalismo, e afastar o comunismo. Assim, “a oligarquia tinha a certeza de que o ultramontanismo e o seu conceito de ordem, respeito ao poder constituído e aceitação passiva das condições de vida jamais colocaria em perigo a sociedade de classes no Brasil” (MANOEL, 1996, p. 72).

¹² Mentalidade Tridentina: tem raízes na história da Igreja no século XVI. O Concílio de Trento convocado pelo Papa Paulo III e realizado na cidade de Trento, na Itália. Foi um movimento de reação da Igreja contra os avanços do protestantismo, por isso foi chamado também de Contra Reforma. Neste foi discutido todo o corpo das doutrinas católicas à luz das críticas dos protestantes, onde ficou definido as seguintes ações: a catequização dos habitantes de terras descobertas, através da ação dos jesuítas; a retomada do Tribunal do Santo Ofício (Inquisição); criação do *Index Librorum Proibitorium* (Índice de Livros Proibidos) e evitar a propagação de idéias contrárias à Igreja Católica. O Concílio de Trento também condenou a doutrina protestante da justificação pela fé, proibiu a intervenção dos príncipes nos negócios eclesiásticos e a acumulação de benefícios. Definiu o pecado original e declarou, como texto bíblico autêntico, a tradução de São Jerônimo, denominada “Vulgata”. Manteve os sete sacramentos, o celibato clerical e a indissolubilidade do matrimônio, o culto dos santos e das relíquias, a doutrina do purgatório e as indulgências e recomendou a criação de escolas para a preparação dos que quisessem ingressar no clero, denominadas seminários.

SOUTO MAIOR, A. História geral. 14. ed. 1971.

Disponível em: <<http://www.paginaoriental.com/catecismo/conciliodetrento.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2006.

Portanto, considerando o ideário católico ultramontano, os objetivos da educação feminina eram:

Complementares: a educação e a instrução. Portanto, distinguíam os objetivos educacionais dos objetivos instrucionais.

À instrução caberia municiar a inteligência com as conquistas e descobertas do saber e da ciência em assuntos meramente humanos. Assim, os objetivos instrucionais se limitariam a introduzir a educanda no universo das Ciências Naturais, da Matemática, da Geometria etc.

À educação caberia a tarefa de modelar o caráter da educanda conforme os preceitos e valores morais católicos. Os objetivos educacionais propunham levar a aluna a absorver esses preceitos morais e religiosos por meio da prática de virtude, do conhecimento das verdades religiosas e da assimilação dos bons exemplos preservados pela história (MANOEL, 1996, p. 76).

A educação feminina católica no século XIX tinha como objetivo oferecer uma educação cristã, dentro da visão ultramontana; para tanto, o regime do internato foi o modelo pedagógico preferido dessas instituições escolares católicas, principalmente no Brasil. Incluem-se as da Congregação de Santa Dorotéia, por se entender que ofereciam ensino de qualidade; além de manterem as jovens sob controle e vigilância, visando à preservação da virgindade, inocência e prevenção contra perigos.

O conteúdo ensinado nas escolas religiosas para jovens definia o perfil das alunas que se queria formar. Portanto, as escolas ministravam as disciplinas voltadas às humanidades, às noções básicas da aritmética e geometria e, para complementar, ao ensino de trabalhos manuais e artes em geral, que dariam um toque ornamental na educação das jovens.

Segundo D' Incao (1997), o processo de modernização ocorrido no século XIX nas cidades do Rio de Janeiro e Recife agregou novos valores ao imaginário da família burguesa, delineando o papel feminino e, simultaneamente, apresentando novas atividades que poderiam ser assumidas pelas mulheres no espaço doméstico:

Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visavam “educar” a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família – a medicina, por exemplo, combatia severamente o ócio e sugeria que as mulheres se ocupassem o máximo dos afazeres domésticos. Considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole (D' INCAO, 1997, p. 230).

As mulheres da elite começam a se interessar pela leitura, principalmente de autores representantes do romantismo brasileiro, que versavam sobre temáticas urbanas; no caso em especial, José de Alencar, que representava o amor como um estado de alma. D' Incao (1997) narra que “no romantismo são propostos sentimentos novos, em que a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade. A escolha, porém, é feita dentro do quadro de proibições da época, à distância e sem os beliscões” (p. 234).

O perfil da mulher no século XIX, segundo as obras de José Alencar - principalmente na trilogia *Diva* (1862), *Lucíola* (1864) e *Senhora* (1875) - retrata os hábitos e costumes da classe burguesa em ascensão no Brasil nessa época. As personagens principais desses romances são: Emília, Lúcia e Aurélia, que apresentam uma visão idealizada de mulher: romântica, de grande beleza e sedução, mas também casta e pura. Nos romances de Alencar, o amor é sempre vitorioso; é o caso de Aurélia, em *Senhora*, que mostra o amor que é capaz de vencer, mesmo no caso de um casamento realizado por interesse econômico.

O ideal de mulher nesse período corresponde àquela que apresentasse uma tez pálida e bem alva, de formas generosas, submissa, quieta, obediente, recatada, frágil, inocente, intocável e passiva. Mulheres que se dedicavam à leitura, às aulas de piano e de dança, aos bordados e às costuras, como narra Alencar (1964) no romance *Diva*:

Essa moça tinha desde tenros anos o espírito mais cultivado do que faria supor o seu natural acanhamento. Lia muito, e já de longe penetrava o mundo com olhar perspicaz, embora através das ilusões douradas. Sua imaginação fôra a tempo educada: ela desenhava bem, sabia música e a executava com mestria; excedia-se em todos os mimosos lavôres de agulha, que são prendas da mulher (p. 17).

Através da literatura, observa-se que essa visão idílica e romântica passada por José de Alencar vem ao encontro do perfil que as Escolas Católicas femininas desejavam formar em suas alunas; em especial os Colégios da Congregação de Santa Dorotéia, os quais, por meio de ensinamentos sobre urbanidade, bordados, pinturas, confecção de flores, canto coral e piano, ofereciam às filhas da elite pernambucana e paraense as características indispensáveis para a sociedade católica e conservadora.

Enfim, a missão era formar jovens cultas, devotas, com uma boa cultura ornamental, de boas maneiras, com noções de francês, com boa caligrafia, que soubessem declamar e apresentar-se em público, e, sobretudo, cultivar as virtudes e os exercícios espirituais.

Dentro desse contexto histórico-cultural, emerge o projeto educativo de Paula Frassientti, que se propõe a educar, por meio de princípios e valores, como: simplicidade e acolhimento, energia e equilíbrio, coragem e audácia, firmeza e suavidade, humildade e verdade, retidão e coerência, perspicácia e intuição, alegria e ternura, compreensão e misericórdia, fraternidade e solidariedade. São questões que analisaremos nos capítulos posteriores.

2. A FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA

“A firmeza seja sempre temperada com a suavidade nos modos e nas palavras”.
Paula Frassinetti - Carta 801- Roma, 31 de Julho de 1877.

2.1. PANORAMA GERAL DA ITÁLIA NO SÉCULO XIX

O século XIX caracterizou-se por profundas transformações econômicas e sociais que atingiram a Europa, em especial a Itália e a Alemanha, por conta do processo de unificação política nesses dois países.

Em linhas gerais, falaremos do caso italiano, uma vez que o objetivo é traçar o cenário histórico do período estudado neste trabalho, ou seja, de 1834 a 1882, para que possamos entender o projeto educativo de Paula Frassinetti.

A unificação italiana deve ser compreendida dentro do macro-contexto europeu, em que, segundo Moraes (1998), o liberalismo foi a base política e ideológica da sustentação e divulgação das lutas nacionalistas.

Para Arruda; Piletti (2003), a situação no norte da Península Itálica era a seguinte: “a industrialização impulsionou o comércio e as cidades cresceram rapidamente. Politicamente, porém, ela estava fragmentada em diversos pequenos Estados” (p. 267).

Após o Congresso de Viena, a Itália ficou sob a tutela do Império Austríaco, e estava dividida em sete Estados, conforme o quadro abaixo:

Divisão Política da Itália (antes da Unificação Política)

Estado	Capital	Situação política
Reino do Piemonte-Sardenha	Turim	Autônomo e soberano, governado pela tradicional Casa de Savóia. (Victor Emanuel I, Conde de Cavour como 1º ministro)
Lombardio-Veneziano	Milão/ Veneza	Sob o domínio do Império Austro-húngaro.
Reino das Duas Sicílias	Nápoles	Que compreendia Sicília e Nápoles, governado pelos Reis Bourbons de Nápoles (ramo espanhol).
Estados Pontifícios	Roma	Sob o domínio do Papa.
Grão-ducado da Toscana	Florença	Governado pelo Grão-Duque D'Áustria.
Ducado de Parma	Parma	Sob a tutela dos Bourbons do Reino das Duas Sicílias, governado pelo Duque de Parma.
Ducado de Módena	Módena	Governado por duque dependente dos austríacos. Duque de Módena.

Fonte: Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/verdi.htm>. Acesso em 24 set. 2006.

No processo de unificação política da Itália cada classe social defendia seu interesse. A alta burguesia defendia a formação de um único Estado para a toda península, pois dessa forma a unificação criaria:

um mercado interno único e lhe abriria a possibilidade de concorrer no mercado externo, garantindo o desenvolvimento econômico. Assim, para esse grupo, a unidade do país assumia um sentido liberal. Tal propósito era revestido por um sentimento nacionalista, capaz de atrair o apoio de outros grupos sociais à proposta de unificação (ARRUDA, PILETTI, 2003, p. 267).

A alta burguesia queria realizar a unificação a partir do Reino do Piemonte-Sardenha, considerado mais forte, pois era a forma mais fácil e rápida, assim como a menos propícia de correr riscos.

Já a média burguesia, segundo Arruda; Piletti (2003), estava “aliada ao proletariado urbano, desejava um Estado que adotasse medidas econômicas e sociais de tendência democrática” (p. 267). Desta maneira, preferindo que o processo de unificação se realizasse na forma republicana. Havia ainda os que defendiam a unidade dos Estados italianos em uma federação sob o domínio do Papa.

Em síntese, os aspectos econômicos, políticos, sociais e ideológicos que contribuíram para formar o clima do século XIX foram: a liberdade do homem e do cidadão, a luta pela independência e pela unidade de algumas nações, o amadurecimento da ciência e da técnica, o

desenvolvimento comercial e industrial, o crescimento da população, a afirmação do capitalismo e a formação da classe operária.

A luta pela unidade da Itália, ao mesmo tempo em que assumia um caráter liberal, era revestida também por um sentimento nacionalista, que possibilitava buscar apoio de outros grupos pela causa da unificação.

O “*Risorgimento*”¹³ ou “*Risorgimento Italiano*”, que, segundo Gramsci (2002), aparece como um movimento “pouco claro e justificado em seu desenvolvimento devido à insuficiência das forças ‘interiores’ que parecem tê-lo produzido, à escassez dos elementos objetivos ‘nacionais’” (p. 28). Gramsci (2002) abordava o *Risorgimento* como um organismo “inconsistente e gelatinoso”, cuja trajetória dera lugar a “algo bastardo”, pois não tinha uma classe dirigente para comandar a formação do Estado nacional italiano, assim como também não conseguia adesão do povo no quadro estatal (p. 105).

Para Gramsci (2002), o problema consistiu na direção político-militar na formação e no desenvolvimento da nação e do Estado moderno italiano, pela diversidade dos processos e da necessidade da combinação das forças internas com as das relações internacionais.

Desta forma, Gramsci (2002) aponta que no âmbito nacional, pode-se entender o *Risorgimento* por dois ângulos: primeiro, a formação de uma nova burguesia, que traz como consequência uma retomada da vida italiana e o crescimento de uma consciência dos problemas da nova nação italiana; por outro ângulo, as mudanças na cultura tradicional da Itália, por conta da cultura europeia para a formação de uma nova consciência histórica e a reconstrução e projeção no presente do passado italiano a partir de Roma.

Dessa maneira, o “*Risorgimento italiano*” provoca uma reação da Igreja, que defendia a origem divina do Estado. A luta pela unificação italiana fazia crescer dentro dos italianos um sentimento nacionalista forte; em contrapartida, o poder temporal do Papa era um obstáculo para a realização do sonho da unidade política da nação.

Segundo Barbeiro (2005), em 1848, houve uma tentativa de unificação da Itália sob a liderança de Giuseppe Mazzini, que era membro dos “*Carbonários*”¹⁴, os quais exaltavam o movimento nacionalista “*Jovem Itália*”; porém, ocorreu o fracasso. Contudo, Mazzini foi o primeiro teórico a analisar a situação italiana; no entanto, a sua ação e influência ficam limitadas.

¹³ Movimento nacionalista surgido na Itália e liderado por Mazzini e Gioberti, cujo objetivo era a expulsão dos austríacos e unificação do país. (BARBEIRO, Heródoto; CANTELE, Bruna Renata; SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. **História**: de olho no mundo do trabalho. São Paulo, SP: Scipione, 2005, p.327).

¹⁴ Membros da antiga sociedade secreta Carbonária, ramo da maçonaria. Reuniam-se em minas de carvão abandonadas. (Ibid., p.327).

Podemos afirmar que o processo de unificação italiana se inicia em 1848, quando o Rei Carlos Alberto, do Piemonte Sardenha, declara guerra à Áustria. O rei foi vencido e deixou o trono para o seu filho, Vitor Emanuel II, que nomeou como Primeiro-Ministro o Conde Camillo de Cavour. Segundo Barbeiro; Cantele; Schneeberger, (2005), para Cavour:

a unificação só seria possível sob a liderança de um Estado poderoso e moderno e com o apoio na burguesia industrial, cujo interesse maior era a união aduaneira entre os diversos territórios autônomos (p. 328).

A partir desse raciocínio, o grande problema para a unificação constituía o norte e o centro da Itália, que estavam sob o domínio austríaco. Por este motivo, os piemonteses uniram-se aos franceses de Napoleão III. Derrotados os oponentes, toda a Lombardia, inclusive a capital Milão, foi anexada ao reino de Piemonte. A vitória piemontesa gerou movimentos favoráveis à unificação em toda a península. Até os estados papais, no pontificado de Pio IX, estavam ameaçados. Mas a pressão dos católicos franceses e a ameaça prussiana de socorrer os austríacos obrigaram Napoleão III a retirar o apoio aos piemonteses (BARBEIRO; CANTELE; SCHNEEBERGER, 2005, p. 328).

Os efeitos da campanha nacionalista repercutiram por toda a Itália. Os pequenos Estados de Toscana, Parma e Módena tiveram seus governos derrubados e uniram-se ao Piemonte. Ainda, restava o sul, que

foi reunido ao reino de piemontês pelas forças comandadas por Giuseppe Garibaldi, o mesmo que lutara na Guerra dos Farrapos, no Brasil. Desembarcou na Sicília liderando os 'camisas vermelhas'. E em 1860, o Reino das Duas Sicílias, governado pela dinastia Bourbon, foi dominado. A seguir, as tropas piemontesas anexaram os Estados Papais, exceto a cidade de Roma, Vitor Emanuel entrou em Nápoles junto de Garibaldi, que o aclamou rei da Itália (BARBEIRO; CANTELE; SCHNEEBERGER, 2005, p. 328).

Faltavam ainda o Vêneto, Veneza, Trieste, Trento e alguns estados papais. Em 1866, a conquista de Veneza tornou-se possível graças à guerra entre a Áustria e a Prússia que os italianos se aliaram. Vencida pelos prussianos, a Áustria pediu o arbitramento de Napoleão III. Depois de um plebiscito, Veneza passou à Itália e a Áustria ficaria ainda com Trieste e Trento até 1919.

Também faltava Roma, mas o Papa recusava entregar a cidade que ele considerava a garantia da independência da Igreja Católica; assim como, a reconhecer a autoridade de Vitor Emanuel II sobre os territórios conquistados. Como em 1870, os prussianos invadiram e venceram a França, os italianos aproveitaram-se da oportunidade e tomaram Roma, após ocuparem o restante dos Estados pontifícios, assim a Itália estava definitivamente unificada, mas o Papa Pio XI se negava a aceitar a anexação de Roma.

Em 1871, o rei Vitor Emanuel II ofereceu ao Papa uma indenização (Lei de Garantia), que resguardava seus direitos espirituais, mas retirava seu poder temporal. Isso provocou nos segmentos conservadores da Igreja um ato abusivo em relação à suprema autoridade católica.

A ruptura entre o Estado italiano e a Igreja Católica deu origem à chamada Questão Romana, a qual só foi resolvida em 1929 com a assinatura do Tratado de Latrão, entre Mussolini e o Papa Pio XI, criando o Estado do Vaticano.

Essas mudanças vão afetar diretamente a Igreja Católica, pois abalaram a moral e a fé cristãs, assim como resultaram na separação entre a igreja e o estado.

A Igreja abalada, em seu poder temporal, vai difundir seus princípios através dos sofrimentos e das ações de muitos missionários. Assim, com a queda do poder temporal, a Igreja vai ganhando terreno no plano espiritual; principalmente com o surgimento de várias congregações religiosas, na Europa (França, Itália, Espanha e Bélgica), que nasceram como uma resposta ao desafio dos tempos.

Gênova, cidade de nascimento de Paula Frassinetti, tinha sido um grande centro comercial e marítimo e apresentava-se sensível em se integrar ao grupo que lutava pelo *Risorgimento*, pois entre os seus habitantes vivia Giuseppe Mazzini, o principal líder do movimento.

Dentro deste ambiente de luta pelos ideais de liberdade e independência, a Igreja se via abalada e atacada no seu campo temporal. E para agravar a situação ainda havia vestígios da influência do *Jansenismo*¹⁵ e da *Maçonaria*; assim como, de um movimento lento de descristianização e do afrouxamento dos costumes. Diante dos impasses e obstáculos e das condições históricas desfavoráveis, em 1834, Paula Frassinetti iniciou sua obra, fundando em Quinto, o Instituto para trabalhar na formação espiritual de jovens carentes.

Podemos citar algumas passagens nas correspondências de Paula Frassinetti, nas quais ela narra os momentos de aflição, angústia e sofrimento por conta dos conflitos na Itália. Relata também as inundações do rio Tibre, que acabavam agravando a situação.

Graves danos ocorreram na casa de Roma causados pela inundações do rio Tibre. Paula Frassinetti escreve falando do período difícil por que passou a cidade de Roma: a

¹⁵ Jansenismo- doutrina de Jansênio (1585-1638), teólogo holandês e bispo de Ypres. Com o intuito de reformular globalmente a vida cristã, o holandês Cornélio Jansênio deu início a um movimento que abalou a Igreja católica durante os séculos XVII e XVIII. Descontente com o exagerado racionalismo dos teólogos escolásticos, Jansênio uniu-se a Jean Duvergier de Hauranne, futuro abade de Saint-Cyran, que também pretendia o retorno do **catolicismo** à disciplina e à moral religiosa dos primórdios do cristianismo. Os **jansenistas** dedicaram-se particularmente à discussão do problema da graça, buscando nas obras de Santo Agostinho (354-430) elementos que permitissem conciliar as teses dos partidários da Reforma com a **doutrina católica**. Disponível em: < <http://www.guia.heu.nom.br/jansenismo.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2006.

miséria, a falta de emprego, as elevadas taxas de impostos e a duplicação dos preços dos produtos. Isso tudo iria refletir-se no Colégio:

O Colégio das Doroteias continua, mais ou menos, como dantes. As alunas são cinqüenta e uma; saíram doze por causa dos tempos. Foram por duas vezes ao Santo Padre, e junto aqui o cumprimento que leram e uma cartinha das próprias alunas, como vê, convidando essas a unirem-se-lhes, etc. Espero que esta comunicação também faça algum bem a esse colégio. Ontem foi apresentado ao Santo Padre o óbolo do Colégio de Gênova; também lhe mando cópia do cumprimento, com a bênção que S. Santidade se dignou escrever nele pelo seu próprio punho¹⁶. (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 443, Roma, 13 de Fevereiro de 1871, p. 17-18)¹⁷.

Narra também a situação das Escolas e das Casas Religiosas de Roma diante da questão política que o país vivia:

Até aqui nada de novo a nosso respeito; contudo, esperam-se grandes coisas por ocasião da abertura das novas Escolas. Diversos mosteiros já foram confiscados, e a muito tomaram mais de metade do edifício; de modo que todas as casas religiosas, tanto de homens como de mulheres, estão em grande angústia. (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 465, Roma, 9 de Outubro de 1871, p. 56).

É nesse contexto que Paula Frassinetti vai reunir suas companheiras para empreender seu projeto educativo, através da fundação da Congregação de Santa Dorotéia, que começou humildemente e foi se espalhando para outros países e continentes.

¹⁶ Benedicat vos Deus, dilectissimae filiae, et dirigat semper gressus vestros in viis suis. Pius P. IX (Deus vos abençoe, dilectíssimas filhas, e dirija sempre os vossos passos nos seus caminhos. Pio IX).

¹⁷ Em todo o trabalho será mantida a grafia original das fontes.

2.2. PAULA FRASSINETTI: FUNDADORA DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA DOROTÉIA

Paula Ângela Maria Frassinetti, nasceu em Gênova, na Itália, em três de março de 1809, sendo filha de João Batista Frassinetti e de Ângela Viale.



FIGURA 1: Paula Frassinetti (1809-1882).

Fonte: *Quem é Paula?* – Congregação de Santa Dorotéia. [s.d]. CD.

Foi batizada no mesmo dia do seu nascimento, na Paróquia de Santo Estevão, em Gênova.



FIGURA 2: Chiesa Parrocchiale di S. Stefano. Igreja Paroquial de Santo Estevão.

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma



FIGURA 3: Battistero di S. Stefano dove Paola venne batezzata. Batistério de Santo Estevão onde Paula foi batizada.

Igreja Paroquial de Santo Estevão.

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Sua Primeira Eucaristia coincidiu com o dia da ordenação sacerdotal do seu irmão, José Frassinetti, que foi enviado como pároco para a igreja de São Pedro em Quinto, aldeia a cinco milhas de Gênova. Seus pais eram conhecidos pela vida íntegra e pelos sólidos princípios religiosos. Referindo-se ao pai de Paula Frassinetti, Rossetto (2004) relata:

Homem austero à antiga, o pai, como diz quem o conheceu, tinha plena consciência de sua autoridade e estava profundamente convencido de impô-la à educação dos filhos. Desconfiado da euforia científica, cujos efeitos via na crise de valores morais, espirituais e educacionais e alheio às mundanidades, comunicou aos seus um nobre sentido de seriedade da vida, o amor ao trabalho e sobretudo à fé, uma fé inteligente e viva que iluminava com suas certezas o sentido da existência (p. 18).

O pai de Paula Frassinetti era comerciante de tecidos, o que permitia dar à família uma relativa segurança econômica e um nível de vida razoável pelas condições da época. Sua mãe, conforme escreve Rossetto (2004), “era piedosa e amável, em contraste com o pai, severo e exigente; e, não obstante a morte prematura, deixou na alma dos filhos, sobretudo na de José e de Paula, a marca profunda de sua piedade sólida e atraente” (p. 19).

Seus quatro irmãos José, Francisco, João e Rafael se tornaram sacerdotes como era o desejo de seus pais. Segundo Rossetto (2004), assumiram “entregar a Deus, quanto de si depende, os próprios filhos, adornados pela graça, como dele os receberam no santo batismo” (p. 18).

Não há dúvida da importância e da influência dos irmãos na formação de Paula Frassinetti; segundo Lubich e Lazzarin (1981), “ela tinha adquirido uma certa cultura ouvindo as conversas dos irmãos, todos lançados nos estudos de teologia” (p. 42).

Paulo José Maria Frassinetti, o mais velho, foi ordenado pelas Ordens Sacras, em Savona, em 1827. Era um apóstolo da juventude, da eucaristia e do sacerdócio. Fundou a Congregação dos Filhos de Santa Maria Imaculada; escreveu várias obras, entre as quais a *Teologia Moral*. Entre ele e Paula Frassinetti existia uma grande amizade e entendimento, comprovada por trocas de correspondência.

Francisco Frassinetti, o segundo irmão, era o mais parecido fisicamente com Paula. Em 1841, ordena-se na Congregação dos Cônegos Regulares Lateranenses, onde serviu como superior e Pároco da Igreja de Santa Maria Incoronata, em Polcevera (Gênova) durante 44 anos.

Os outros dois irmãos nasceram depois de Paula Frassinetti. João Frassinetti foi ordenado em 1835, pelas Ordens Sacras, em Gênova, mais tarde deixou o Seminário e passou a auxiliar seu irmão José, na Paróquia de Santa Sabina. Sempre presente na vida de Paula Frassinetti, acompanhou-a em 1841, quando a Congregação foi transferida para Roma; e a visitava com freqüência. Quando da Beatificação de Paula, era o único irmão ainda vivo.

Rafael Frassinetti, o irmão mais novo, também seguiu a carreira religiosa, mas, por conta da saúde debilitada, auxiliava seu irmão Padre José, ensinando Doutrina Cristã para as crianças da igreja de Santa Sabina.

De acordo com Rossetto (2004), Paula Frassinetti cresceu numa família cristã, motivo pelo qual foi se abrindo e aderindo à graça divina; afirma que ela gostava de rezar com a mãe e com os irmãos e era respeitosa e dócil com todos os membros de sua família.

Paula Frassinetti, segundo Rossetto (2004), não tinha completado nove anos de idade quando sua mãe faleceu, em 1818. Sua tia Ana, irmã de seu pai, ficou com a responsabilidade de cuidar da família, porém ela veio a falecer três anos depois. Assim, com doze anos, Paula passou a ser a dona da casa. Levantava-se cedo para assistir à missa, cuidava das tarefas domésticas e se dedicava aos irmãos com carinho e afeto de mãe.

Nas memórias de Irmã Vassallo (1998), consta que “a infância de Paulinha, bem como o seu nascimento, não foram marcados por quaisquer sinais extraordinários, prodigiosos, com os quais Deus costuma não raras vezes honrar aqueles que Ele escolheu para grandes empresas da sua glória” (p. 18). Relata ainda a fala de seu irmão mais novo Pe. Rafael Frassinetti a respeito da infância de Paula Frassinetti:

Desde pequena foi sempre boa, mas nela nada houve de extraordinário. Era obediente não só ao pai e à mãe, mas também aos irmãos; humilde, fazia com gosto os trabalhos mais baixos da casa, ajudando a criada. Nunca foi mandada à escola nem a mestra alguma. O pai, e um pouco os irmãos, ensinaram-na a ler e a escrever (VASSALO, 1998, p.19).

Paula Frassinetti aprendeu, em casa, a ler e a escrever corretamente com o pai e os irmãos. Adquiriu muitos conhecimentos culturais, participava das conversas do “serão” com o pai, quando estudavam e discutiam os temas que eram trazidos da escola pelos irmãos. O Senhor Frassinetti temia mandá-la à escola por causa dos costumes pagãos da época, como descreve Rossetto (2004):

O Sr. João Batista tinha receio de que as escolas e os mestres influenciassem negativamente sua filha. Julgava mais oportuno iniciá-la ele próprio nos estudos, ministrando-lhe as primeiras noções. Paula desenvolveu rapidamente a escrita, apenas observando os irmãos. Toda a sua cultura intelectual, que certamente não era limitada, deve-se ao próprio esforço (p. 20-21).

Paula Frassinetti nasceu e cresceu numa época de grandes conflitos ideológicos geradores de muitos confrontos com a Igreja Católica, numa sociedade que sofria as conseqüências da Revolução Francesa. A religião não era significativa nem para a elite e nem mesmo para as classes populares.

Desde cedo Paula Frassinetti teve desejo de seguir a vida religiosa, mas seu pai não se entusiasmava com a idéia. Porém, seu irmão D. José, pároco de Quinto, pediu ao pai que lhe mandasse a irmã, dizendo-lhe que o ar puro do campo seria uma boa terapia para a saúde delicada dela. Com este argumento, em 1831, o pai de Paula Frassinetti permite que ela parta para Quinto.

A companhia e as conversas com o irmão ajudaram a crescer em Paula Frassinetti o desejo de consagrar-se definitivamente ao Senhor. A vida da Paróquia oferecia um espaço para a oração e abria-lhe um campo de possibilidades para criar uma missão para os necessitados.



FIGURA 4: Parrocchia di Quinto dove Paola raggiunse il fratello Don Giuseppe Frassinetti. Paróquia de Quinto, onde Paula esteve com seu irmão D. José Frassinetti
Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Posteriormente, reuniu um grupo de jovens com os quais mantinha encontros aos domingos e dias festivos. Nesses encontros, faziam leituras, conversavam e cantavam, subiam ao Monte Moro e passeavam pelos bosques para contemplar a natureza.



FIGURA 5: Nei Boschi di Monte Moro Paola parlava Del Signore con le amiche. Nos bosques de Monte Moro, Paula falava do Senhor às amigas.
Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Além de sua dedicação à catequese, em 12 de agosto de 1834, Paula Frassinetti, com apenas 25 anos, abriu em Quinto uma escola paroquial com as seis primeiras companheiras, que passaram a ser chamadas de *Filhas de Santa Fé*, estabelecendo a primeira casa. Elas ensinavam às crianças o catecismo, o amor e cumprimento dos deveres, o respeito e a obediência aos pais e a devoção a Nossa Senhora. A escolha da data para a fundação do Instituto teve um grande significado para Paula Frassinetti, pois como devota de santa Clara, a data coincidia com o dia em que a Igreja comemora a festa litúrgica dedicada a referida santa. Paula Frassinetti esperava, segundo Rossetto (2004), “obter de santa Clara o espírito de verdadeira pobreza para si mesma, para as companheiras que iniciavam com ela o caminho e para as futuras filhas” (p. 44).

O serviço de catequese e da escola paroquial foram os espaços privilegiados que favoreceram o despertar do interesse para a área de educação em Paula Frassinetti, tais como: o acolhimento, a delicadeza, a simplicidade, a afabilidade, a suavidade, a firmeza, a caridade e o zelo.

Em Quinto, o projeto inicial de Paula Frassinetti e de suas companheiras foi dando lugar a uma instituição, que passou a ser chamada *Instituto para meninas pobres*.

Em 1835, encontra-se com o Padre Lucas Passi, que propõe a ela assumir a obra de Santa Dorotéia, por ele fundada. Paula Frassinetti aceita o convite, e a partir daí muda o nome de sua instituição de *Filhas de Santa Fé*, para o de *Irmãs de Santa Dorotéia*.

Ainda, em 1835, Paula Frassinetti assume o comando de uma escola no bairro de S. Teodoro, em Gênova; porém, por problemas internos, dissolve a comunidade de Quinto e retorna à casa do pai. Mesmo assim, não perdia a esperança de voltar para a escola de S. Teodoro.

Em 1836, Paula Frassinetti chega a Gênova para retomar o trabalho com a comunidade de S. Teodoro. Em dezembro desse mesmo ano, transfere-se para Montagnola dei Servi, com o objetivo de abrir o noviciado. Essa intenção somente se realizou em 1837.

Em quatro de março de 1838, Paula Frassinetti recebeu o hábito religioso com mais doze companheiras. Em 10 de janeiro de 1839, emitiu os votos religiosos, com três das primeiras companheiras. Em 1840, transferiu-se para o palácio Morando, em Gênova. Em 1841 chegou a Roma com mais duas Irmãs, estabelecendo-se no Beco dos Santos Apóstolos, nº 46. Em 1842, abriu uma casa em Macerata. Neste mesmo ano, assumiu a direção da Escola de Beneficência em Santo Ângelo, em Pescherie (Roma).



FIGURA 6: Parrocchia di S. Ângelo in Pescheria, una delle sette raggiunte de Paola con la Pia Opera di S. Dorotea – Paróquia de Santo Ângelo em Pescheria, uma das paróquias onde Paula fundou a Pia Opera de Santa Dorotéia.

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Ainda em 1842, transferiu-se para a casa da Rua Panisperna em Roma, onde abre o Noviciado, um colégio e uma escola gratuita.



FIGURA 7: Nel 1842 Paola acquistó la prima casa in via Panisperna, per il noviziato e la scuola Rimose aperta fino al 1846 – Em 1842, Paula adquiriu a primeira casa na via Panisperna para o Noviciado e a Escola. Ficou aberta até 1846.

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Em 1844, iniciou as negociações para a abertura de um Colégio em Fabriano, onde as Irmãs assumem a direção das Escolas Municipais Femininas. E, posteriormente, aceitou a direção do Conservatório de Santa Maria do Refúgio, junto a Santo Onofre (Roma), onde ela e algumas Irmãs vão se transferir e, mais tarde, transformá-lo na Casa Geral da Congregação.



FIGURA 8: Casa Geral da Congregação de Santa Dorotéia – Santo Onofre (Roma).

Fonte: Santa Paula em Santo Onofre – Congregação de Santa Dorotéia – Roma. CD

Em 1846, Paula Frassinetti acrescentou à Profissão Religiosa, o Voto de Perseverança no Instituto. Em 1850, foi para Nápoles, onde foi recebida pelos Reis de Nápoles, que lhes abriram boas perspectivas para uma fundação de uma Casa no Reino.

Em 1851, finalmente imprimiu as Regras do Instituto, que vinha elaborando desde 1842. Em 1852, Paula Frassinetti chegou a Bolonha, com a finalidade de realizar a união com as Irmãs de Santa Dorotéia, de Bolonha, que tinham assumido as Regras do Padre Lucas Passi.

Mesmo com a morte de seu pai, em fevereiro de 1853, ela fundou um colégio nobre em Bolonha. Em 1855, o Instituto recebeu a aprovação da Igreja, através do *Decretum Laudis*, de Pio IX. Em 1858, sob a liderança de Paula Frassinetti, as Dorotéias assumiram a direção de um Orfanato, em Recanati, e, logo a seguir, também fundaram um colégio nessa mesma localidade.

O Instituto e o Plano das Constituições para as Casas do Estado Pontifício foram aprovados pelo Decreto de 24 de agosto de 1860. Em 1861, Paula Frassinetti — apesar das dificuldades principalmente pela falta de irmãs para atenderem a todos os pedidos que chegavam para abertura de colégios ou para assumirem instituições — aceitou a direção do Conservatório da Divina Providência, em Roma. Nesse mesmo ano, instalou um Colégio em Albaro (Gênova), no antigo Palácio Raggi.



FIGURA 9: Via Ripetta: Conservatório della Divina Providenza, accettato tra difficoltà e com eroica obbedienza al Papa – Via Ripetta: Conservatório da Divina Providência, aceito com dificuldade e heróica obediência ao Papa.

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Em 16 de junho de 1863, o Papa Pio IX aprovou, para todo o Instituto, o Plano Resumido das Constituições.



FIGURA 10: Pio IX in atto di approvare il piano ristretto delle Costituzioni (1863).
Pio IX no ato da aprovação do plano resumido das Constituições (1863).
Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Em 10 de janeiro de 1866, Paula Frassinetti enviou seis irmãs para Recife, com a finalidade de abrir um Colégio no Brasil, a pedido do Bispo de Pernambuco, D. Manuel de Medeiros, o qual foi denominado Colégio São José.



FIGURA 11: Colégio São José (Recife) – no centro o prédio original, que existe até hoje.

Fonte: Site do Colégio São José – Recife. Disponível em: <http://www.colegiodesaojose.br/historia.html>

Em 1866, Paula Frassinetti enviou também três irmãs para Lisboa, dando início ao primeiro Colégio em Portugal. Em 1867, assumiu a direção da Casa das Artigianelle, em Carignano (Gênova). No dia 2 de janeiro de 1868, morreu seu irmão, Padre José Frassinetti. Em 1870, as Dorotéias assumiram a direção do Colégio de Covilhã, em Portugal.

Em 1871, Paula Frassinetti enviou quatro irmãs para a cidade de Nepi (Itália), para que assumissem as Escolas Municipais.

Em 1872, o Instituto foi consagrado ao Sagrado Coração de Jesus, a exemplo de muitos outros institutos e congregações religiosas, principalmente na Itália, onde a igreja passava por muitas dificuldades. Paula Frassinetti escreveu a todas as Irmãs da Congregação contando a importância e o significado do ato da Consagração:

Os tempos tristíssimos que vivemos, tão injuriosos para a Pessoa adorável e amável de Jesus Cristo Nosso Senhor, e tão adversos à sua santa Esposa, a Igreja, e ao seu Vigário na terra, o Romano Pontífice; os perigos gravíssimos e pavorosos que assolam a sociedade inteira e, mais particularmente, as famílias religiosas masculinas e femininas, ameaçadas de uma total dissolução, induziram muitas destas a consagrar-se solenemente ao Coração Santíssimo de Jesus, fonte de graça e abrigo seguríssimo contra as mais terríveis e graves calamidades. Aliás, não somente às famílias religiosas, mas várias corporações laicas e militares já prestaram a sua homenagem de devoção ao Coração Divino (p. 121).

Paula Frassinetti disse ainda: “o nosso Instituto que, até agora, não teve força para atingir um maior desenvolvimento, e se mantém ainda pobre e fraco, venha a tomar tal vigor e consistência sob o benéfico influxo do Coração Santíssimo de Jesus” (p. 122), e assim, era necessário crescer e desenvolver para poder cumprir sua missão educativa.

Em 1873, as Dorotéias assumiram a direção do Asilo Van Zeller, na cidade de Porto (Portugal). Em 1874, mais uma instituição foi incorporada por Paula Frassinetti, o Conservatório de Nossa Senhora das Dores, em Roma. Em 1875, Paula Frassinetti foi pessoalmente visitar todas as Casas de Portugal para conhecer a realidade e as dificuldades de cada colégio.

Em 17 de julho de 1876, Paula Frassinetti partiu de Roma para visitar Gênova e Bolonha, cidade onde foi acometida em 19 de agosto, por uma paralisia. Em 13 de setembro do mesmo ano voltou para Roma e, mesmo em período de recuperação, resolveu realizar a Primeira Congregação Geral, que aconteceu em 29 de setembro.

Ao se recuperar um pouco de sua doença, Paula Frassinetti retomou suas atividades, porém seu estado geral piorou; foi acometida por uma gangrena seca na primeira falange do dedo indicador esquerdo, que se manifestava em dores constantes, ameaçando espalhar-se por todo o braço.

Em 1877, são enviadas para Belém, no Pará, as primeiras irmãs, para dirigirem o Orfanato de Santo Antônio.



FIGURA 12: Igreja do Colégio Santo Antônio - originária do Convento que lhe deu o nome - construído no século XVIII, foi a primeira edificação a ser decorada com Painéis de Azulejos em Belém do Pará, com temas sobre episódios da vida de Santo Antônio e São Francisco. Localizado na Praça Dom Macedo Costa, 128 (centro) - Belém do Pará.

Fonte:Disponível em: <http://www.ceramicanorio.com/paineis/azulejosportuigcolstoantoniobelem/>>

Em 1878, Paula Frassinetti abriu um colégio em Vila do Conde (Portugal) e, nesse mesmo ano, nomeia a Irmã Elisa Vassallo para visitar as Casas de Portugal. Ainda, nesse mesmo ano, abre um colégio no Bairro Castro Pretório, ao lado da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Roma. Em 1879, mais um novo colégio é aberto em Portugal, desta vez em Vila Nova de Gaia. Em 1882, mesmo muito doente, o Instituto assume a direção da Escola, no *Borgo Pio*, confiada pelo Papa Leão XIII, em Roma, nas proximidades do Vaticano.

A expansão da Congregação de Santa Dorotéia, durante a vida de Paula Frassinetti, deu-se em três países: na Itália, a partir de Quinto (Gênova), Macerata, Recanati, Nepi, Fabriano e Bolonha, tendo como Casa Geral da Congregação, a cidade de Roma; em Portugal, a partir de Lisboa, Covilhã, Porto, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia, e finalmente no Brasil, em Recife e Belém, conforme mapa abaixo:

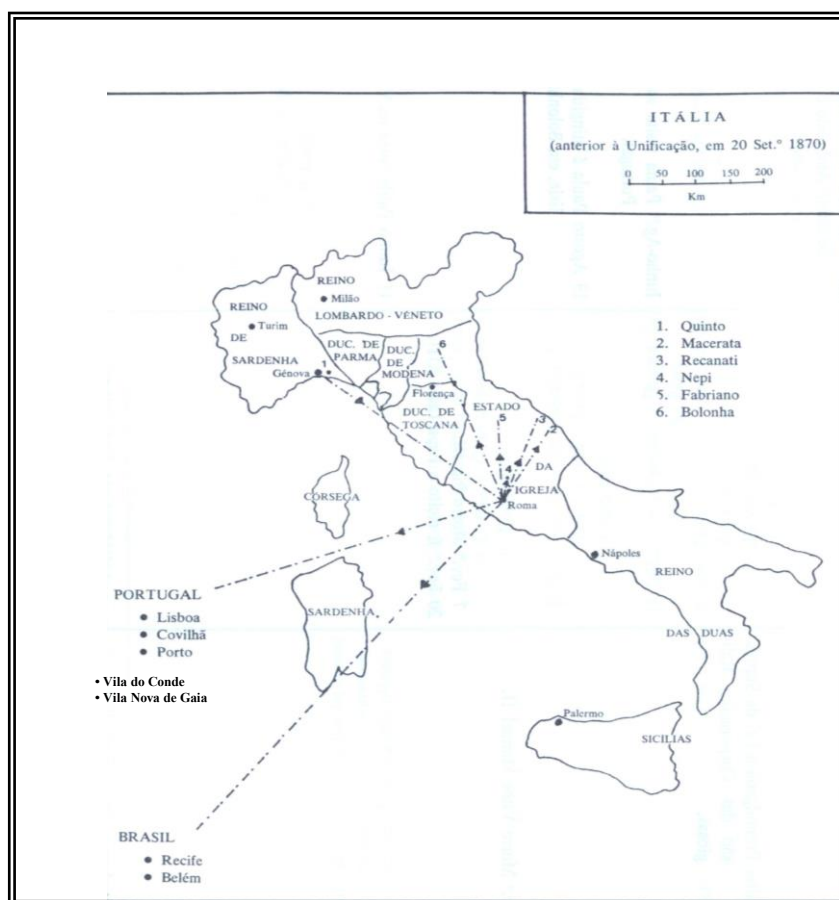


FIGURA 13: Mapa da expansão do Instituto durante a vida de Madre Paula.
Fonte: FRASSINETTI, Paula. Cartas. vol. I, 1987, p. XXXII.

Apesar da debilidade física, provocada pelo agravamento de seu estado de saúde, ela preparou as irmãs para dar continuidade à missão educativa do Instituto, por meio de suas intuições pedagógicas: a ousadia, a coragem, o diálogo, a obediência e a fé. Como podemos observar na introdução da publicação das Cartas em 1987, Irmã Clotilde Mgnagni assim descreve Paula Frassinetti:

mulher de governo, de rara intuição psicológica, audaz na conquista do Reino, ensinou às suas Irmãs a aspirar à plenitude da caridade, guiando-as pelo seguro e alegre caminho da Fé vivida com autenticidade e generosa entrega na vida quotidiana e no serviço apostólico do Instituto (MGNAGNI apud FRASSINETTI 1987, p. XII).

No início de junho de 1882, Paula Frassinetti sofreu uma crise de bronquite, que progrediu para uma pneumonia.

Irmã Maria Elisa Vassallo narra que Paula Frassinetti, por conta da paralisia, tinha dificuldade para falar; por isso, fazia anotações ou sinais para se fazer entender. Desta forma, Vassallo compreendeu que Paula Frassinetti queria ter nas mãos uma imagem da Imaculada.

Assim, de posse da Virgem pronunciou com muita dificuldade suas últimas palavras: “Senhora minha, lembrai-vos de que sou vossa filha” (ROSSETO, 2004, p. 210).

Em 11 de junho de 1882, num domingo, Paula Frassinetti faleceu, e em 19 de maio de 1891, tem início o processo ordinário de comprovação de sua santidade. Em 1903, seu corpo foi exumado no cemitério de Verano, em Roma, e, como mais uma prova de sua santidade, de acordo com Rossetto (2004), “apresentava-se incorrupto, intacto e flexível” (p. 211).

Em 1906, 24 anos após sua morte, o caixão com seu corpo foi transportado para a Casa Geral, em Santo Onofre (Roma). Mons. Ugolini, então capelão, e as Irmãs Dorotéias presentes ao abrirem o caixão encontraram o corpo de Paula intacto. A partir desse episódio, segundo Rossetto (2004), “em 21 de agosto de 1906, foi oficialmente introduzida à causa da beatificação e canonização de Paula Frassinetti” (p. 211).

De acordo com os registros da Congregação de Santa Dorotéia, o corpo de Madre Paula foi submerso em um ácido líquido, e, após a primeira quinquena, foi constatado que estava inalterado; somente um pouco escurecido devido ao teor ácido do líquido. Retirado o corpo, após secar todo o líquido, sob os cuidados contínuos das irmãs, o corpo foi colocado na sacristia. Alguns dias depois, veio à ordem do Postulador para deitá-lo numa urna e colocá-lo numa parede da capela.

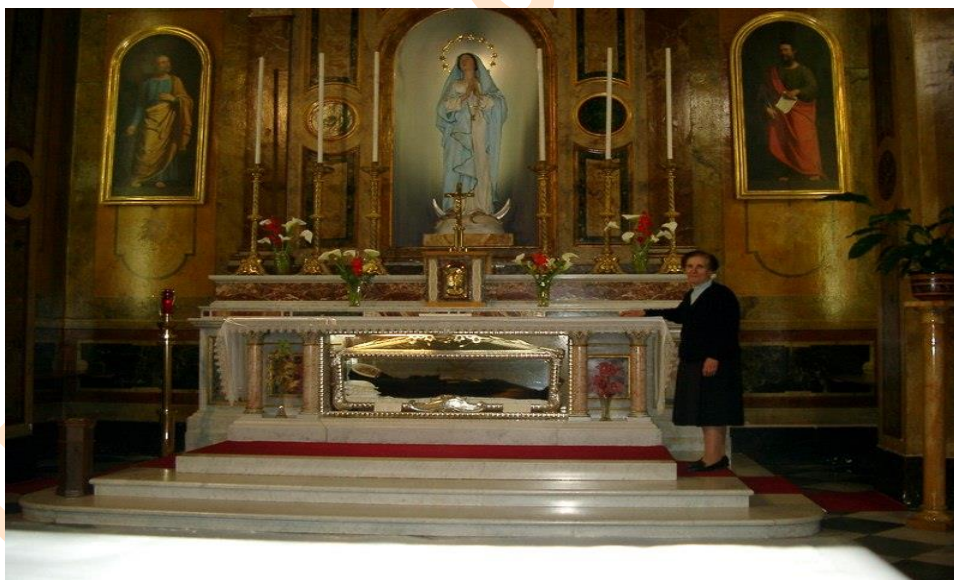


FIGURA 14: Capela da Casa de Santo Onofre (Roma) onde se encontra a urna com o corpo de Paula Frassinetti.

Fonte: Santa Paula em Santo Onofre – Congregação de Santa Dorotéia – Roma. CD

A Igreja reconheceu dois milagres por intercessão de Paula Frassinetti, para oficializar sua beatificação. O primeiro, em 1919, a cura de Vincenzino Giovagnoli, menino

de mais de dois anos, com periostite aguda no pé direito. Sua avó envolveu o pé do neto com um lenço usado por Madre Paula em vida; e o segundo, em 1924, quando a religiosa Dorotéia, Irmã Virgínia Caselini, com uma otite aguda bilateral, pôs uma relíquia de Paula Frassinetti no ouvido doente, invocando incessantemente sua fundadora, e, segundo Rossetto (2004):

Uma noite, no auge da dor, rezou repleta de confiança: ‘Madre fundadora, valei-me!’ Sentiu que alguém lhe ofereceu uma bebida fresca, acariciou-lhe três vezes o ouvido enfermo e disse: ‘Agora descanse’. Quando acordou estava completamente curada! (p. 213).

Em oito de junho de 1930, o Papa Pio XI ao declarar Paula Frassinetti beata exclamou tratar-se da história de uma mulher que “passou pela terra na ponta dos pés fazendo o bem” (ROSSETTO, 2004, p. 14).

Passados mais de cinquenta anos da beatificação, Rossetto (2004) relata que mais um milagre foi operado por Paula Frassinetti. Este aconteceu no dia 7 de agosto de 1981, em S. Calogero, cidade localizada ao sul da Itália, na Calábria. Maria Maccarone, mulher simples, com diagnóstico de poliartrite reumatóide crônica encontrava-se imobilizada na cama, cerca de treze anos, quando recebeu a graça da cura. A partir deste milagre, em nove de janeiro de 1982, a Igreja reinicia o processo de canonização de Paula Frassinetti, mas o mesmo só foi reconhecido em 24 de setembro de 1983, quando houve a promulgação do decreto provando a autenticidade do milagre de S. Cologero.

No dia 11 de março de 1984, em Roma, o papa João Paulo II incluía Paula Frassinetti no catálogo dos santos católicos.



FIGURA 15: Il S. Padre, Giovanni Paolo II, in preghiera davanti all’urna della Fondatrice (10/06/1982) – O Santo Padre, João Paulo II, em oração diante da urna da Fundadora (10/06/1982).

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Paula Frassinetti estava canonizada e, ao declará-la santa, assim falou o Papa na homilia:

A fundadora das Irmãs de Santa Dorotéia é uma verdadeira chamada de atenção para os verdadeiros valores da mulher; para a expressão dos mais delicados dotes femininos; para a afirmação da identidade e dignidade da mulher, que a Igreja sempre defendeu e apoiou para incremento moral da sociedade e advento do Reino de Cristo. (ROSSETTO, 2004, p. 215).

Os valores da mulher a que o papa João Paulo II se refere são aqueles considerados ideais pela moral da igreja católica, quanto ao papel feminino, ou seja, as mulheres deveriam ser devotas, puras, com formação religiosa e com princípios éticos e morais, princípios pregados em seu projeto educativo e ensinados nos colégios da Congregação Dorotéia por ela fundados.

Paula Frassinetti foi uma mulher do seu tempo. Viveu no século XIX, um século de transformações importantes na Europa. Na Itália, as lutas pela unificação geraram inúmeras situações adversas para as Congregações Católicas, mas com sua coragem e persistência, manteve-se firme em sua missão educativa.

Paula Frassinetti, como relata Rossetto (2004), deixou 369 irmãs educadoras, distribuídas por 21 comunidades em três países, Itália, Brasil e Portugal, que deram continuidade à sua missão, exercendo sua ação apostólica principalmente em escolas, internatos e retiros espirituais para adultos, jovens e crianças.

Pequena Cronologia de Santa Paula

- 1809 - (03/03) Nascimento e Batismo, em Gênova, na Itália.
- 1834 - (12/08) Com seis companheiras funda a Congregação
- 1836 - Assume a “Pia Obra de Santa Dorotéia”
- 1841 - (19/05) Chega a Roma, onde estabelece a Congregação
- 1866 - Envia irmãs para o Brasil e Portugal
- 1882 - (11/06) Morre em Roma, com 73 anos. Deixa 21 casas e 369 irmãs.
- 1891 - (19/05) Inicia-se o Processo Ordinário sobre sua fama de santidade.
- 1906 - (20/03) Exumação do seu corpo, encontrado incorrupto e flexível.
- 1930 - (08/06) Beatificação, pelo Papa Pio XI.
- 1984 - (11/03) Canonização, pelo Papa João Paulo II.

2.3. A CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA

A Congregação Religiosa de Santa Dorotéia foi fundada por Paula Frassinetti dentro do contexto da unificação italiana, em Quinto, no litoral de Gênova, em 12 de agosto de 1834, sob a direção de seu irmão Pe. José Frassinetti, que era padre naquela paróquia. A Irmandade ainda contou com o consentimento do Cardeal Arcebispo Plácido Maria Tadini.

Com o desejo de fundar um instituto, ela e seu irmão, Pe. José Frassinetti decidiram ouvir o parecer de autoridades religiosas e esclarecidas sobre esse assunto de tanta importância. Pe. Frassinetti apresentou o projeto a vários sacerdotes. Todos foram unânimes em aprovar a idéia da fundação, conforme lhes foi apresentado.

No Santuário de S. Martinho de Albaro, Paula Frassinetti e mais seis jovens, Mariana Danero, Teresa Albino, Madalena Oliva, Mariana Serra, Madalena Pitto e Maria Carbone, consagram-se a Deus. O padre José Frassinetti celebrou a missa na igreja do convento de Santa Clara, marcando o início da vida religiosa desse grupo, que foi morar numa pequena casa alugada; dedicando-se às crianças pobres de Quinto. O nome escolhido para o Novo Instituto foi *Filhas da Santa Fé*, mas a congregação era conhecida pelo povo, segundo Rossetto (2004), como “*Instituto para meninas pobres*”. Assim tem início a trajetória educativa de Paula Frassinetti.



FIGURA 16: In S. Chiara, il 12 agosto de 1834, Paola e la compagne S'impegnarono a convidare la ideale e la vila – Em Santa Clara, a 12 de agosto de 1834, Paula e as companheiras empenharam-se a partilhar o ideal e a vida.

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Paula Frassinetti e as sete Irmãs dedicavam todo o tempo à oração e ao trabalho missionário da escola, ensinando a ler e a escrever; também ordenava catecismo, labores domésticos, trabalhos artísticos, e preparavam para a Primeira Eucaristia.

O objetivo do instituto era promover tanto a instrução interna, por meio de Educandários e dos Exercícios Espirituais, como a educação externa, por intermédio de escolas e de catecismos.



FIGURA 17: Escudo da Congregação de Santa Dorotéia.

Fonte: TONIOSSO, 2006, p.26.

A história do escudo da Congregação de Santa Dorotéia nos revela toda a missão educativa proposta por Paula Frassinetti ao fundar a Instituição, como relata Toniosso (2006):

O escudo da Congregação consta de duas partes: uma central, o escudo propriamente dito; a outra, externa, a ornamental. A primeira parte é essencial; foi aprovada por um ofício da Heráldica e por um especial Decreto real. Eis sua descrição: dentro de um oval azul, surge da terra, de cor marrom, de onde brotam tufo de erva verde, uma árvore de copa frondosa e arredondada; à esquerda, à sombra da árvore, um lírio abre suas seis pétalas brancas, numa haste verde, com folhas numerosas, maiores em baixo, mais raras e menores em cima, mas sempre verdes, como a erva; à direita, uma pomba branca com as asas abertas, em posição de voar para a copa da árvore. Sobre a árvore brilha uma estrela dourada com seis pontas. A árvore - um 'frassino' - é o símbolo do Instituto; a terra é a Santa Igreja de Deus, onde florescem virtudes e graças; a pomba é o símbolo da dorotéia, que foi chamada para esconder-se por entre a fronde do místico 'frassino'; o lírio representa as meninas e jovens que, à sombra do 'frassino', protege e educa na prática da pureza e de todas as virtudes cristãs. A estrela é a Virgem Maria, Rainha e Mãe do Instituto de Santa Dorotéia. A segunda parte, a ornamental, que completa o escudo, tem também o seu significado simbólico. Da concha inferior, que pode representar um cestinho, saem três rosas e três maçãs; as rosas e as maçãs adaptadas ao nosso Instituto. Deste modo, todos os pormenores do escudo falam ao coração das Dorotéias: maçãs do milagre, que o Anjo levou a Teófilo em nome de Santa Dorotéia, enquanto se encaminhava para o martírio; as flores e os frutos do jardim do Esposo. Da concha superior partem duas filas de pérolas: as pérolas preciosas das virtudes que devem adornar toda Dorotéia, as 'gemas', como as chamava Santa Paula e, sobretudo, a adesão generosa à vontade de Deus - 'única gema'; - a humanidade: 'preciosa gema'; a caridade: 'virtude rainha e característica do nosso Instituto'. A concha, receptáculo vivo das pérolas, é o místico 'escrínio' do Coração Divino de Jesus, 'virtutum omnium abyssus' e 'dives in omnes qui invocant Eum'. Uma fita branca, pendente do ornato, tem os dizeres: 'In simplicitate laboro'. Assim como foi descrito em suas duas partes, será feito, de hoje em diante, o escudo em todas as nossas Casas. Deste modo, ele será único e idêntico em todos os seus pormenores, para todo o Instituto; e do mesmo modo, quando o escudo servir para ornamento de edifícios,

salas, etc. Nos carimbos, quer de borracha, quer de metal, dever-se-á acrescentar, em volta, os dizeres: CONGREGATIO SORORUM A SANCTA DOROTHEA, dizeres com que a Igreja aprovou a nossa mínima Congregação. Estes dizeres devem ser escritos em latim, língua oficial da Igreja (TONIOSSO, 2006, p. 26).

De acordo com as Constituições (1999) em todas as casas do Instituto será permitido abrir educandários e escolas, porém nunca reunindo as alunas externas com as alunas internas (educandas). As Irmãs da Congregação de Santa Dorotéia também podiam prestar serviços aos educandários e orfanatos, quando convidadas, desde que a diretora do colégio chamado aceitasse o convite; no entanto, era recomendado, no caso da aceitação, para que nunca se envolvessem ou interferissem nas normas e no regulamento das referidas instituições.

A Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia tem esse nome a partir de 1836, quando Paula Frassinetti assumiu a Pia Obra, fundada por Padre Lucas de Passi, sacerdote amigo de seu irmão Padre José Frassinetti; a chamada Pia Obra de Santa Dorotéia.

Segundo relata Lubich; Lazzarin (1981), Padre Lucas:

era um activo e empreendedor padre de Bérgamo, semeara já na Lombardia, na zona de Veneza e na Ligúria, pequenos grupos de mulheres de boa vontade, que tinham tomado a peito a educação religiosa e humana das crianças. Naqueles tempos, tal iniciativa podia considerar-se revolucionária (p. 51).

A história de Santa Dorotéia inspirou o nome da Congregação fundada por Paula Frassinetti, relata Toniosso (2006):

Santa Dorotéia, virgem e mártir, viveu na região de Cesaréia da Capadócia, hoje território da Turquia, nos primeiros séculos da era Cristã e morreu decapitada. Perseguida por sua fé, ao ser conduzida à morte, rezou agradecendo a Deus por ter sido chamada ao paraíso. Um dos soldados que a conduzia, em tom brincalhão, disse-lhe: 'Adeus, Dorotéia, envia-me do teu paraíso maçãs e rosas'. Pouco após ter sido decapitada, o soldado, que se chamava Teófilo, recebeu de um menino três maçãs e três rosas. Admirado com este fato pois era inverno e nada florescia ou frutificava nos campos gelados, Teófilo converteu-se e também se tornou mártir da fé cristã. Santa Dorotéia tem sua graça associada às flores, às frutas e aos jovens. É a padroeira dos floristas, jardineiros e também das noivas (p. 24).

O Projeto da Pia Obra foi criado em 1815 pelos irmãos sacerdotes Lucas e Marcos Dei Conti Passi, com o propósito de propiciar uma educação cristã às meninas social, moral e economicamente desamparadas. Convidada a participar do projeto, Paula Frassinetti aceitou o desafio, pois achava que a obra poderia abrir perspectivas novas à sua pequena e tímida instituição, dando oportunidade a maior número de jovens para o serviço apostólico. Para Padre Lucas Passi também era vantajoso, pois, como tinha uma saúde frágil, temia que, com sua morte, o projeto viesse a enfraquecer.

Na estrutura da Pia Obra, segundo as Constituições (1999), as Irmãs Dorotéias tinham o título de Secretárias, cabendo-lhes auxiliar os párocos, compilar documentos, lavrar atas e estimular as cooperadoras. Constavam também na organização as zeladoras, que eram

senhoras da sociedade, que orientavam as vice-zeladoras, responsáveis pelas informações sobre as meninas recebidas na obra, orientavam-nas para a Igreja e preparavam-nas para os sacramentos, assim como ajudavam os párocos e cuidavam das meninas nas ruas, nas fábricas e nas escolas, com a finalidade de afastá-las de todo o mal.

Na realidade, as Irmãs Dorotéias não podiam assumir todas as atividades ativamente; logo, ficavam com a função de orientar as zeladoras e as vice-zeladoras para que elas conduzissem os encontros, os oratórios festivos e as recreações das meninas. Desta forma, a aceitação de Paula Frassinetti seria a garantia do fortalecimento do Projeto. E somente a partir da vinculação com a Pia Obra que o novo instituto dirigido por ela passou a denominar-se Instituto de Santa Dorotéia.

De acordo com o trabalho *Aprofundar as nossas raízes - Pia Obra*, escrito pelo Colégio Nossa Senhora das Dores e Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia de Nova Friburgo (RJ):

A Pia Obra aparece nas Constituições doroteanas em 1851, propondo-se a, com zelo e vigilância, trabalhar com os párocos, as senhoras da sociedade e os jovens. Paula Frassinetti considerava a Pia Obra o primeiro e principal meio ao qual se propõe o Instituto para obter o seu fim. Para dedicar-se a ela, as irmãs acrescentaram o voto de trabalhar na Pia Obra aos de obediência, pobreza e castidade. Em 1965, com as grandes mudanças ocorridas na sociedade, as irmãs sentiram a impossibilidade de continuar o trabalho da Pia Obra, nos moldes em que ela havia sido idealizada. Foram, então, dispensadas do 4º Voto (trabalhar na Pia Obra). As irmãs mantiveram, contudo, o espírito da Pia Obra, cujos elementos constitutivos continuam presentes em suas casas: o compromisso paroquial e o chamamento dos leigos para o apostolado junto aos jovens [s. d.].

O Manual da Pia Obra, segundo Azzi (2000), apresentava os seguintes objetivos:

preparar a mulher à virtude, assegurar por esse modo a moral do povo, e prover à pública educação. Tudo isso segundo as necessidades das crianças sujeitas, e as possibilidades das pessoas na Pia Obra empregadas, seus compromissos particulares e obrigações de consciência (p. 189).

Enfim, a Pia Obra “tratava-se, portanto, de uma espécie de voluntariado leigo destinado a preservar a juventude pobre dentro dos ensinamentos morais e religiosos da fé católica” (AZZI, 2000, p. 189, v. 1).

Em 1836, quando o Instituto foi transferido para Gênova, Paula Frassinetti assumiu a direção da Pia Obra de Santa Dorotéia. No início da expansão do Instituto surgiram muitas vocações, mas o primeiro noviciado foi aberto somente em 1837. As irmãs ajudavam os párocos na catequese paroquial, na Pia Obra de Santa Dorotéia, e realizavam encontros com as jovens.

De acordo com Azzi (2000) estimuladas pelo Pe. Passi:

foram surgindo em outras cidades grupos de moças que se agruparam sob o nome de Santa Dorotéia. Paula sentiu então necessidade de manter maior independência do

seu instituto, procurando preservar a especificidade educativa de sua nova fundação. Isso gerou em seguida alguns desentendimentos com o Pe. Passi, o qual chegara a pensar em agrupar as diversas fundações de Santa Dorotéia num único instituto, sob sua direção. Paula manteve o nome de Santa Dorotéia, mas decidiu assumir pessoalmente o encargo de conseguir de Roma a aprovação do instituto por ela mesma fundado (p. 12).

Em 1841 Paula Frassinetti transferiu-se para Roma, a fim de obter mais rapidamente a aprovação do Instituto pela Santa Sé. Porém, o reconhecimento pontifício só foi conseguido após esperar vinte anos. Nesse período, relata Azzi (2000), Paula Frassinetti “aproximou-se de forma significativa da Companhia de Jesus, sendo aconselhada a redigir as novas regras segundo o modelo das Damas do Sagrado Coração de Jesus, fundação de inspiração jesuítica” (p. 9, v. 1).

Em 1844, o Papa confiou à Paula Frassinetti a direção do Conservatório de Santa Maria do Refúgio; hoje, Casa Geral da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia da Frassinetti. De Roma, a Congregação expandiu-se para outras cidades italianas: Macerata, Fabriano, Bolonha, Recanati e Nepi.



FIGURA 18: Salita S. Onofrio: nel 1844 il Papa Gregório XVI affidò a Paola questo Conservatorio di S. Maria Del Ruffio che divenne la sua residenza – Salita de Santo Onofre em 1844, o Papa Gregório XVI confiou a Paula este Conservatório de Santa Maria do Refúgio que se tornou sua residência

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Em 1846, difunde-se na Itália um espírito anti-religioso, em função do confronto entre o iluminismo, representado pelos católicos liberais, e os ultra-montanistas, que defendiam a linha conservadora da Igreja, representada pelo Papa. Neste período, as Dorotéias são perseguidas, passando por momentos de muitas dificuldades.

Para conseguir a legitimidade do Instituto e das Constituições, Paula Frassinetti solicitou à Cúria Romana a aprovação somente das casas localizadas no Estado Pontifício. Por meio do *decretum laudis*, assinado pelo Papa Pio IX, em 22 de agosto de 1855, conseguiu a aprovação, que foi publicada no dia 24 de agosto de 1860. Posteriormente, em 16 de julho de 1863, a aprovação estendeu-se para toda a Congregação de Santa Dorotéia.

A devoção à Santa Sé e a ligação com a orientação dos discípulos de Loyola deram à Congregação de Santa Dorotéia uma conotação *ultramontana*¹⁸, tendo, como consequência, uma reação dos liberais, tanto na Itália como no Brasil, mais tarde. Para tanto, o bispo de Pernambuco, D. Manoel de Medeiros empenhou-se para que logo as irmãs estivessem bem instaladas, e assim iniciassem suas atividades educacionais. Como relata a cronista Irmã Giuseppina Pingiani (1866 apud Azzi, 2000, p. 91):

O bispo disse que faria tudo para o estabelecimento e prosperidade do Instituto Santa Dorotéia na sua diocese, ainda que tivesse que gastar todos os seus bens para que nada faltasse às irmãs. Tal era verdadeiramente seu desejo, e deu ordens ao seu mordomo para prover as irmãs de quanto tinha necessidade.

Como as comunidades das Dorotéias em Roma eram guiadas pelos jesuítas, foi com essa mesma orientação que as primeiras religiosas vieram para o Brasil, sendo que, nos primeiros tempos de permanência em nosso país, a obra das Dorotéias ficou conhecida como “Missão”, nomenclatura comum para designar uma comunidade eclesial incipiente e ainda em formação. Dessa maneira, a “Missão das Dorotéias” continuou atuando no Brasil, dependendo do Governo Geral da Congregação em Roma até o fim do Império, porque não havia ainda no país uma organização mais sólida do Instituto, para que fosse instituída uma província.

A vinda das primeiras religiosas para o nordeste do Brasil foi preparada dentro de um espírito missionário, característico do ultramontanismo, que permeou a expansão colonial nas terras da Ásia, África, assim como na América. A Congregação Dorotéia foi um dos primeiros institutos religiosos estabelecidos no Brasil a dedicar-se exclusivamente à educação feminina.

No dia 10 de janeiro de 1866, por solicitação do bispo da diocese de Pernambuco, D. Manoel de Medeiros, partiram para o Brasil as primeiras Dorotéias: Irmã Casavecchia, Irmã

¹⁸ Na concepção de GAETA, Maria Aparecida J. V. **Os percursos do ultramontanismo em São Paulo (1873-1894)**. São Paulo, SP: USP, 1991. Tese (Doutorado)- Faculdade de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 31. O ultramontanismo foi uma orientação política desenvolvida pela Igreja após a Revolução Francesa, marcado pelo centralismo institucional em Roma, um fechamento sobre si mesma, uma recusa de contato com o mundo moderno.

Josefina Pingiani, Irmã Virgínia Janozzi, Irmã Sofia Filippa, Irmã Toscani e Irmã Gertrudes Mattei; e fundam o Colégio São José, em Recife (PE). Na mesma época, chegavam as primeiras irmãs em Lisboa (Portugal), atendendo ao desejo do Pe. Fulconis: Irmã Josefina Bozzano, Irmã Luisa Guelfi e Irmã Puliti. E, posteriormente, em 1877, por solicitação do bispo do Pará, as Dorotéias chegaram em Belém (PA) e fundaram o Colégio Santo Antônio.

O objetivo das Escolas Dorotéias era a formação das jovens dentro do modelo feminino católico, como relata Azzi (2000), referindo-se às próprias palavras de Paula Frassinetti, “preparando-as para serem futuras mães de família” (p. 338), para que mais tarde dessem aos seus filhos uma sólida educação cristã. Assim, a instrução religiosa e a formação moral constituíam a missão educativa. Nesses primeiros tempos no nordeste brasileiro, as Dorotéias deram também uma grande contribuição, porque preparavam as jovens - a maioria proveniente da zona rural - para sua inserção na nova sociedade urbana em formação.

O ardor missionário de Paula Frassinetti pode ser retratado em suas palavras às irmãs: “A irreligião vai avançando, pelo que é preciso que nos empenhemos, a todo custo, em fazer o maior bem possível [...] e, já que os maus tanto se esforçam por corromper a juventude, procuremos nós salvá-la o mais que pudermos” (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 302, Roma, 27 de Agosto, de 1867, p. 506).

Podemos falar que até hoje, a linha traçada pelo último Plano Trienal de Educação: 2004-2006, chamado *Plano Interprovincial de Educação*¹⁹, define a linha e a organização pedagógica da Congregação de Santa Dorotéia, com base no *XIX Capítulo Geral da Congregação*²⁰ e de um plano de formação continuada denominada *CADOR*²¹, porém sem perder de vista os princípios e as intuições de Paula Frassinetti.

¹⁹ Plano Interprovincial de Educação é um plano orientador das ações educativas das Escolas das Províncias Brasileiras, que é construído para um período de três a quatro anos; é constituído de um marco referencial, a partir das necessidades advindas do cotidiano escolar. E tem como objetivo assegurar o que há de mais significativo na proposta educativa da Congregação de Santa Dorotéia (CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA DO BRASIL. **Plano interprovincial de educação dorotéia 2003-2005**. Recife, PE, 2002).

²⁰ O Capítulo Geral apresenta as diretrizes gerais da Congregação de Santa Dorotéia. O último Capítulo Geral XIX foi realizado em outubro de 2003, em Roma. O mesmo definiu como objetivo geral: enraizados na espiritualidade de Paula Frassinetti e decididos a viver a profecia da nossa vocação cristã, assumimos, como Congregação que propôs como objetivo “assumir o risco da justiça do Reino”, na missão educativa para que possam ser, o risco da justiça do Reino em nossa missão educativa, para sermos, juntamente com outros, presença- palavra- ação transformadora e significativa, no mundo ferido de hoje. (CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA DO BRASIL. **Plano trienal de educação 2004-2006**: Província Brasil Sul pastoral escolar. Belo Horizonte, MG, 2003, p. 60).

²¹ CADOR (Caminhada Doroteana) constitui um plano de formação continuada para educadores das províncias que ocorre a cada dois anos. O mesmo se realiza desde 1980 na Província Sul, em diferentes cidades, onde se localizam as escolas. O objetivo da CADOR é traçar as linhas de ação para todos os colégios da Província, tendo como base o Capítulo Geral e o Plano Interprovincial de Educação.

O Plano Interprovincial de Educação possui três eixos temáticos: Missão Educativa, Referenciais Teóricos e Ética e Justiça, os quais orientam a missão das Escolas Doroteanas, de acordo com o ideal do projeto educativo de Paula Frassinetti.

No primeiro eixo, a Missão Educativa vincula-se aos princípios éticos e cristãos, em relação à doutrina e a determinações da Igreja.

No segundo eixo, os Referenciais Teóricos são constituídos do Evangelho, das Diretrizes da Igreja, da Educação Evangélico-Libertadora, das Intuições Pedagógicas de Paula Frassinetti e das Diretrizes da Congregação de Santa Dorotéia. Esses referenciais teóricos, de acordo com o Plano Interprovincial de Educação (2002), são:

subjacentes à prática educativa desenvolvida nas escolas dorotéias, sustentam-se em teorias do conhecimento que concebem a relação sujeito-objeto, construída na interlocução e que tenham como finalidade precípua o cultivo da via plena. Essa postura exige da escola e dos educadores o questionamento constante de sua finalidade, ressignificando os referenciais teóricos à luz do Evangelho e das intuições pedagógicas de Paula Frassinetti (p. 23).

E finalmente, o terceiro eixo, a Ética e Justiça definem e norteiam a educação das Escolas Dorotéias, que, segundo o Plano Interprovincial de Educação (2002) são:

fundadas na crença de que a pessoa é vista e acolhida como expressão de um ato criador e amoroso de Deus que a torna irmanada à grande comunidade dos viventes [...] e na construção da justiça e vivência da ética cristã, a escola dorotéia entende o diálogo como elemento fundante do processo de formação, devendo estar presente na comunidade educativa para ajudar o crescimento da comunhão e do clima de família (p. 25-26).

O Capítulo Geral é realizado em Roma, a cada seis anos, reunindo representantes das províncias brasileiras e de todas as escolas existentes nos continentes europeu, asiático, africano e americano; define os princípios educativos e prioridades de ações, que norteiam a missão educativa da Congregação de Santa Dorotéia.

E finalmente, a CADOR (Caminhada Doroteana) constitui um plano de formação continuada para os educadores de forma geral, de todos os colégios da Província Sul, da Congregação de Santa Dorotéia, há mais de 26 anos. O objetivo é reciclar os participantes, através de cursos de formação geral voltados à educação; um momento de troca de experiências entre os colégios.

Observamos que os documentos que orientam e definem a construção do projeto educativo de hoje são o Plano Interprovincial de Educação e o Capítulo Geral, auxiliados pela CADOR, que alimenta os educadores que trabalham nos Colégios Doroteanos, através da formação contínua, sempre à luz dos princípios de Paula Frassinetti, mas redimensionados para o contexto histórico e cultural vigente.

Atualmente, as Irmãs de Santa Dorotéia, filhas de Paula Frassinetti, trabalham na orientação de Escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Também se dedicam as obras sociais, localizadas em diversas regiões do mundo, inclusive no Brasil; estão presentes na Pastoral da Juventude, na Pastoral Universitária, nos meios populares e nas paróquias.

LUCIANA DE OLIVEIRA SENE

3. AS INTUIÇÕES PEDAGÓGICAS DE PAULA FRASSINETTI E O DESENVOLVIMENTO DE SEU PROJETO EDUCATIVO

“A instrução moral nos noviciados é necessaríssima, mas deve estar unida à prática, porque de contrário saberão falar da virtude, mas não a saberão praticar”.
Paula Frassinetti – Carta 191, Roma, 10 de janeiro de 1862.

3.1. INTUIÇÕES PEDAGÓGICAS DE PAULA FRASSINETTI

Paula Frassinetti assumiu o papel de educadora e acreditou que todas as pessoas seriam educáveis. Apesar de não possuir uma formação acadêmica, por meio de suas *intuições pedagógicas*²², construiu as diretrizes da Congregação, por ela fundada, que tinha como missão educativa: “Pela nossa vocação na Igreja somos enviadas a evangelizar através da educação com preferência pela juventude e pelos mais pobres”. (CONSTITUIÇÕES, art. 26. *apud* CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA DO BRASIL, 2003, p. 46).

Paula Frassinetti, a partir da criação da Congregação, vai tecendo os princípios e valores que irão iluminar a sua prática pedagógica. As suas intuições pedagógicas foram construídas na elaboração das *Constituições e Regras do Instituto*, assim como na vivência de seu cotidiano. Segundo Costa et al. (2002):

Ela longe de buscar fundamentações teóricas, que a conduzissem a uma linha de ação, assumiu, com suas intuições, opções que a levaram a viabilizar um projeto que atendesse à realidade que se apresentava, naquele momento. Ela tinha clareza dos princípios e valores que defendia, assim como apontava algumas soluções para os problemas (p. 18).

Com relação a elaboração de um projeto educativo por intermédio de intuições pedagógicas, podemos fazer um paralelo entre Paula Frassinetti e Marcelino Champagnat, fundador da Congregação Marista, também denominada Instituto dos Pequenos Irmãos de

²² Segundo Almeida (2000, p.20-21) - Paula Frassinetti não foi uma pedagoga profissional, pois esse título está relacionado com uma formação sistemática e universitária, que ela não tinha. Mas, Paula foi uma grande educadora, foi essa a sua tarefa: trabalhar para ajudar as pessoas a crescer e se tornar melhores. Por isso, falamos aqui das intuições pedagógicas de Paula e não de uma pedagogia de Paula. Na verdade, as pedagogias são modos determinados de aplicar e desenvolver a educação, são teorias sistematizadas e voltadas para situações específicas; nesse sentido, se Paula tivesse sido uma pedagoga sua pedagogia, talvez, e isso é quase certo, já não pudesse ser aplicada em nosso tempo; mas, como ela tinha intuições baseadas em princípios e valores universalistas, então, ainda hoje, suas intuições poderiam ser tornadas pedagogias vivas e coerentes com o tempo histórico em que estão sendo processadas.

Maria, voltada à educação masculina. Assim como Paula Frassinetti, Champagnat viveu no final do século XVIII e parte do século XIX, na França numa época agitada por revoluções, perseguições religiosas e conflitos decorrentes do fim da era napoleônica. A revolução francesa resultou no descontentamento da burguesia em relação ao Antigo Regime, resultando no aparecimento de idéias liberais de grandes pensadores.

Segundo Saadi (2002), Champagnat recebeu de sua mãe e de sua tia Luiza, freira da Ordem de São José de Chamberry os princípios religiosos, e de seu pai, os valores morais vigentes na sociedade e no Estado.

Ele não tinha uma formação acadêmica; era praticamente analfabeto ao ingressar no seminário, e foi através de suas intuições que fundou a Congregação Religiosa Marista, em 2 de janeiro de 1817. Segundo Saadi (2002):

A obra Marista surgiu da necessidade que Marcelino Champagnat viveu em sua terra da falta de escolas para as crianças do interior da França. Seu objetivo era como o de outras Congregações ensinantes: abrir internatos e externatos para as crianças abandonadas, para os órfãos e para aqueles cujas famílias não tinham como dar educação escolarizada (p. 34).

Champagnat incentivava nos educadores a prática das virtudes: da ponderação, da simplicidade, da modéstia, da humildade, do zelo e da autenticidade, tendo como objetivo proporcionar aos alunos uma educação integral, que segundo Saadi (2002) “era baseada no grande ideal: formar bons cristãos e virtuosos cidadãos” (p. 47). Preocupava-se com a formação de seus mestres, e dizia que a paciência era uma das principais virtudes que o educador deve ter com o aluno, segundo Saadi (2002) assim o comparava com o Anjo da Guarda, “que é aquele que com uma das mãos guia no dia a dia e com a outra nos aponta o caminho do céu” (p. 53).

Paula Frassinetti falava da educação pela “via do coração e do amor” e para Champagnat o “amor” era a principal característica de sua pedagogia. Enquanto Paula Frassinetti pregava “suavidade e firmeza”, Champagnat falava em “bondade e firmeza”. Pedia muito aos educadores o equilíbrio, assim como Paula Frassinetti solicitava prudência às Irmãs.

Marcelino Champagnat educava através do exemplo, dizia que as escolas maristas deveriam irradiar a bondade e a cordialidade. Visitava as escolas para animar os mestres e os alunos, assim como o fazia Paula Frassinetti.

As intuições pedagógicas de Paula Frassinetti a serem analisadas nos tópicos a seguir são: a prática do *diálogo*, em todas as situações, assim como o aprendizado da escuta; o *testemunho* se manifesta através dos exemplos de vida dos santos, como princípio e norte para as ações; a *formação cultural e espiritual das Irmãs*, como preocupação de ter nas escolas da

Congregação de Santa Dorotéia mestras preparadas para assumirem o trabalho de ensinar; a *coragem e audácia*, em assumir a tarefa de educar em momentos históricos difíceis, assim como de aceitar os desafios impostos pelo cotidiano; *educar pela via do amor e do coração*, no sentido de que a prática pedagógica das Escolas Dorotéias é marcada pela afetividade, pelo exercício do amor e da tolerância; a *suavidade e firmeza*, na hora de educar e de repreender; a *prudência*, no sentido do equilíbrio nas diversas situações e nas tomadas de decisão; o *incentivo à prática das virtudes*: simplicidade, humildade, caridade, alegria, ternura, obediência, perseverança e fé nas Irmãs e nas alunas.

3.1.1. DIÁLOGO

Nas cartas de Paula Frassinetti não encontramos nenhuma menção sobre as “intuições pedagógicas”, mas através de suas mensagens e atitudes, ela vai tecendo-as. Podemos afirmar, então, que uma das principais intuições de Paula é o *diálogo*, que é uma via fundamental para a construção de seu Projeto Educativo. Como observa Silva (2000):

O diálogo é a via, por excelência, da construção de um projeto. Nesse sentido, podemos destacar três elementos essenciais presentes em qualquer diálogo verdadeiro e claramente perceptíveis nas mensagens, posições e atitudes de Paula: a necessidade de presença inteira dos que querem dialogar; a capacidade para o silêncio por parte de quem quer escutar o “outro” e o anúncio (a mensagem) que precisa ser transmitida (p. 8-9).

Segundo a Congregação de Santa Dorotéia do Brasil (2000):

O diálogo é a condição da educação e é, igualmente a condição do encontro com o homem, com a natureza e com Deus. Diálogo quando sou capaz de reconhecer que há alguém e algo para além de mim mesmo, que deve ser respeitado na sua diferença e especificidade e a quem devo buscar para efetivar a humanidade em mim (p. 19).

Em suas Cartas, ela sempre recomendava que tivessem paciência, prudência, equilíbrio, numa permanente atitude de escuta para resolver os impasses surgidos no dia-a-dia. Era até insistente no sentido de repetir os seus conselhos e orientações. Sempre muito direta, apontando para o que deveria ser feito, ou para, muitas vezes, pedir ajuda. Ainda, suas cartas demonstram que Paula Frassinetti utilizava a firmeza e suavidade, características pregadas por ela, tanto para corrigir quanto para aconselhar.

Quando Paula Frassinetti propunha a paciência e a oração, como resposta para solução dos problemas, estava de certa maneira sugerindo o diálogo entre as partes e, acima

de tudo, o diálogo com Deus: “com a oração tudo se obtém e tudo se vence”. (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 331, Roma, 24 de Maio de 1868, p.572).

As correspondências de Paula Frassinetti mostram que ela soube dialogar nos mais diversos momentos de sua vida: em reunião com a Congregação nos seus primeiros tempos, no pedido de aprovação da Congregação para a Igreja, nas dificuldades financeiras, nos problemas para atender à demanda de expansão do Instituto para outras localidades, na alegria diante dos resultados obtidos nas diferentes Casas do Instituto, nas celebrações e festividades, nas preocupações com as doenças das Irmãs e alunas e nas calamidades públicas decorrentes do momento histórico vivido, situações que vemos registrada em suas Cartas às outras Irmãs, à sua família, às autoridades religiosas e aos pais das alunas.

Um exemplo retirado das Constituições, no capítulo que se intitula “Aviso às Mestras acerca dos seus deveres”, o diálogo aparece implícito, assim como o bom senso, o equilíbrio, a prudência, a imparcialidade e a justiça:

As que forem encarregadas da educação das meninas se guardem cuidadosamente de toda parcialidade e preferências. Com ânimo sem sempre igual, mostrem uma perfeita justiça para com todas, evitando a severidade excessiva para com umas e indulgência para com outras. Do contrário causaria danos funestos, 1º, porque com a parcialidade ou preferência se falta à justiça para com os pais, que nos confiam suas filhas para que ocupemos o seu lugar e as façamos progredir igualmente, tanto nas artes domésticas, quanto na virtude; 2º, falta-se ao espírito religioso, apegando-se de preferência a alguma qualidade exterior algum dom mais ou menos feliz da natureza, quando não se deveria ver em cada educanda senão um depósito sagrado que Jesus Cristo nos confiou e que um dia deverá ser, no meio do mundo, um instrumento do seu amor e da sua glória (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS-MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1999, p. 69).

Um outro exemplo da importância do diálogo consta do trecho da Carta que Paula Frassinetti escreve para Irmã Josefina Bozzano, ao solicitar que esta envie a Roma a Irmã Casavecchia, a fim de que conversassem a respeito da preparação, orientação e instruções para a missão no Brasil:

O assunto do Brasil urge, por isso é necessário preparar as Irmãs que deverão partir; e, como entre estas está a Irmã Casavecchia, convém que venha aqui para ser um pouco instruída e preparada. Devendo ir para tão longe, gosto também de a ver e de a ter algum tempo em minha companhia. Mande-a, pois, logo que possa e, se fosse possível fazê-la partir de barco antes que piorasse o tempo, ficaria duplamente contente. Se, ao receber esta minha carta, o mar já estivesse agitado, devido à estação em que estamos, não a exponha, e veja se encontra uma oportunidade para a mandar por terra (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 235, Roma, 19 de Setembro de 1865, p. 389).

Em situações de conflito, Paula Frassinetti mostrou em vários momentos a força do diálogo para o enfrentamento ou solução deles, como na Carta que escreve para a Superiora de Gênova em que menciona que não considerava oportuna a visita das alunas a Roma, devido ao momento histórico pelo qual a cidade passava; no caso, o processo de unificação

italiana, que colocou Roma no centro dos conflitos. Para o alento das alunas, Paula Frassinetti sugere à Superiora que tivesse prudência para explicar os motivos da negativa, da forma que melhor lhe conviesse, podendo inclusive, usar de seu nome:

Essas alunas pedem-me que dê licença, às que têm autorização dos pais, para virem aqui com as suas mestras, etc. Suponho que seja um frevor nascido da inesperada benignidade do Santo Padre, mas não convém condescender, por muitos motivos que não exponho por brevidade. Contudo, para não lhes dar uma negativa tão absoluta, num momento de forte entusiasmo, poderia dizer-lhes em meu nome que apreciei a bela cartinha, que me regozizei com a sua alegria e que, quanto a deixá-las vir aqui, o permitiria logo e de todo o coração, mas que, atendendo aos tempos, não se pode realizar por agora; que, assim que tudo esteja calmo, o que espero aconteça em breve, tornaremos a falar nisso. Sugiro-lhe estas poucas palavras, mas pode apresentar-lhes a coisa do modo que mais as possa entender (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 445, Roma, 1 de Março de 1871, p. 22).

O diálogo para Paula Frassinetti pode ser traduzido como o respeito fundamental ao outro, e para que ele aconteça, é necessário ter atitude de escuta e também saber silenciar quando o momento exige.

3.1.2. TESTEMUNHO

O horizonte para Paula Frassinetti era o Cristianismo apoiado pela fé, esperança, amor e ação. Desta maneira, gostava de recorrer ao exemplo da vida dos santos, assim como de seu testemunho para as situações do cotidiano. E, assim falava a todas as Irmãs:

Coragem, portanto, minhas dilectíssimas Irmãs, prossegui com alegria o caminho da perfeição religiosa, segundo o espírito do nosso Instituto. O caminho é árduo e espinhoso, não se pode negar, mas o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Maria Santíssima e dos Santos vo-lo tornará não só fácil e plano, mas suave e aprazível. O que fizeram os Santos também nós o podemos fazer, porque, se tivermos boa vontade, Deus estará sempre pronto a ajudar-nos com a sua abundante graça. Esta boa vontade não vos falta, sei-o bem, e congratulo-me convosco de todo o coração (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 789, Roma, 9 de Janeiro de 1877, p. 687-688).

Paula Frassinetti procurava mostrar sempre o exemplo de algum santo que pudesse traduzir um horizonte de ação cristã para o momento vivido. Para tanto, às vezes indicava São José, outras vezes São Francisco de Assis; em outras ocasiões, citava Santa Dorotéia, Santo Inácio de Loyola e Santa Joana Francisca de Chantal, sobre a qual fez várias citações em suas correspondências com as Irmãs, como podemos exemplificar numa carta que recomendava às Irmãs Superiores, as mesmas instruções extraídas de relatos deixados por Santa Jona Francisca de Chantal:

Informe-se, de quando em quando, se as suas Irmãs, estão providas do conveniente, levando-as a dizerem-lhe, elas mesmas, de que sentem necessidade, quer no alimento, quer no vestuário; certifique-se se não passam frio por falta de roupa; observe pessoalmente as suas camas para verificar se os colchões e os cobertores estão em bom estado. Em suma, previna todas as suas necessidades, não menos do corpo que da alma (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 791, Roma, 16 de Fevereiro de 1877, p. 696).

Dessa forma, os exemplos de Paula Frassinetti serviam de espelho para as ações do cotidiano, pois cada santo representava um horizonte de sentido, que ela deixou como parte de seus ensinamentos para a Congregação.

Na realidade, ao mostrar os modelos dos santos, Paula Frassinetti queria retratar a representação ou as representações que cada um simbolizava. No caso da figura de Maria, ao mesmo tempo em que representa a multiplicidade de sentidos (quando aparece com as várias denominações), também apresenta o símbolo da unidade, como a Mãe de Deus. Assim, ela compreendia a Congregação, ou seja, como uma pluralidade, pela diversidade, e única, como uma comunidade.

Paula Frassinetti tinha tanta clareza de seu projeto educativo que - mesmo após o Decreto Régio de 1872, por meio do qual a Irmã Luísa Gianelli, Superiora do Conservatório de Ripetta, foi notificada de que cessaria a antiga administração e começaria uma nova, pois novos donos iriam tomar posse - escreve uma carta a Irmã Josefina Troiani, comentando que a nova direção de Ripetta havia aprovado o sistema pedagógico do Instituto, que continuaria a cargo das Dorotéias:

A nova Direcção agradeu plenamente a nossa instrução, ou seja, o nosso método de ensino e direcção interna, pelo que Ripetta está assegurada; e isto será bom também para nós aqui. Continuemos a rezar e a confiar unicamente em Deus (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 533, Roma, 16 de Setembro de 1872, p. 202).

E finaliza essa situação em carta comentando para a Irmã Josefina Bozzano sobre o sucesso do Colégio de Ripetta, em relação ao ensino e direção: “o assunto de Ripetta, como saberá, porque dele falam todos os jornais, não só se resolveu, mas fomos louvadas e aprovadas quanto à instrução e direcção” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 535, Roma, 18 de Setembro de 1872, p. 207).

Paula Frassinetti, por intermédio de sua visão de educação, orientou a Superiora da Casa de Gênova em como tratar uma Irmã com dificuldades, assim como para aproveitar suas aptidões e habilidades para a formação das noviças e aspirantes:

Soube pela Irmã Teresa Pingiani que a Irmã Galli procede bastante mal. Na verdade, não pensei retratar-lha de modo a poder ajudá-la, para que não se perturbasse. A Irmã Galli é uma alma bendita, com pouquíssima cabeça; por isso, tem necessidade de ser muito ajudada espiritualmente. Quando começa a descontrolar-se, e se vê nela mau humor, é preciso falar-lhe e, a bem, levá-la a raciocinar, dizendo-lhe porém as coisas com clareza. Além disso, convém tê-la ocupada, mas não com a pintura,

porque o mau cheiro do verniz lhe excita os nervos, e também porque, encontrando-se ainda fraca pelas febres que teve, faz-lhe mal a demasiada aplicação. Portanto, sirva-se dela para ensinar desenho e bordados; nestas duas coisas é hábil. Mas não lhe confie uma classe de alunas, porque as não sabe manter; deve servir-se dela única e exclusivamente para os labores. Também os poderia ensinar às noviças e às aspirantes²³ (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 582, Roma, 5 de Maio de 1873, p. 297).

Como dizia Paula Frassinetti: “recomendo-lhe muito, muito a presença de Deus, o santo recolhimento e a pregação eficacíssima do bom exemplo” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 681, Roma, Fevereiro de 1875, p. 482).

Enfim, o testemunho se dava através de ações positivas, da fraternidade, da colaboração, da prática da oração, da atitude de escuta e do acolhimento.

3.1.3. A FORMAÇÃO DAS IRMÃS: ENTRE O CULTURAL E O ESPIRITUAL

“Para assumir uma classe, não é suficiente ser instruídas, mas é necessário ainda conhecer perfeitamente os fundamentos das coisas que se ensinam, a fim de estar prevenidas para explicá-los às alunas, com brevidade, clareza e precisão”.
(Constituições 1851, p.71).

Paula Frassinetti preocupava-se com a formação das Irmãs, no sentido de prepará-las para assumirem o papel de Mestras para as alunas. Por isso, priorizava principalmente os exemplos de atitudes, não só os de palavras. Numa carta dirigida a todas as Irmãs do Instituto, escreve:

Amemos, minhas caríssimas Filhas, amemos muito, muito, a Deus, mas tenhamos cuidado que o nosso amor não seja só de palavras. Deus não se contentou com dizer-nos que nos ama; mas, porque realmente nos ama, deu-nos o que de mais querido e precioso nos poderia dar, dando-se Ele mesmo, inteiramente, na Pessoa do seu Filho Unigênito.

Demos também nós a Deus aquilo que de mais querido possuímos, isto é, a nossa vontade, deixando-nos daqui em diante moldar por Ele como o barro nas mãos do oleiro, persuadidas de que tudo quanto Deus fizer de nós será para o nosso verdadeiro bem (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 102, Roma, 12 de Dezembro de 1854, p. 141).

Paula Frassinetti queria atender a todos os pedidos que recebia para fundar outros institutos na Itália, mas, para isso, tinha que contar com mais vocações; também com pessoas com mais instrução e cultura. Numa carta dirigida à Irmã Luísa Gianelli, ela relata esta situação:

²³ Designação que se dava às Irmãs de Votos Temporários.

Recomeçam os pedidos: no mês passado tive dois, e ambos bons, pelo bem que se poderia fazer e também pelas vantagens que trariam. As vocações parecem que vêm: noviças mestras temos seis que já receberam o hábito e quatro que se preparam para o receber, e todas dão boas esperanças. Ainda há outras que pediram para entrar; por isso espero que, dentro de alguns anos. Já não estejamos tão torturadas por causa de Irmãs. Entretanto, procuro que estas se instruem em tudo: a pobre da Irmã Josefina Bozzano, gasta-se, pode dizer-se, dia e noite. Oh, se tivéssemos sempre procurado que as jovens estudassem, como sofreríamos menos agora! Porque o que nos faz sofrer não é tanto a escassez de membros, quanto a sua incapacidade (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 135, Roma, 7 de Janeiro de 1858, p. 200).

Mostrando ainda a necessidade de Irmãs mais instruídas, escreve para a Irmã Luísa Gianelli, em Gênova, solicitando duas religiosas para atender ao pedido do Bispo de Recanati, para fundar uma Casa nessa localidade:

A sua prezadíssima carta de [s.d]²⁴ afligiu-me bastante por causa da morte da boa Irmã Teresa Levrero e por vê-la em circunstâncias tais que me não pode ajudar. A estas horas terá recebido uma outra carta minha, que repeti, com receio de que não tivesse chegado a primeira, isto é, aquela em que lhe pedia as duas Irmãs. Sinto muitíssimo o transtorno pela falta dessas duas Irmãs, mas encontro-me num tal aperto, que não sei mesmo como sair dele. Se lhe fizesse falta a Boero²⁵, porque mais habituada e mais capaz, poderia mandar-me apenas uma das que receberam o Hábito, e eu supriria a Boero por uma coadjutora de Macerata. Mas de uma jovem um pouquinho instruída tenho verdadeira necessidade porque, como já lhe disse, de Bolonha não ma podem dar, nem tão-pouco de Macerata e de Fabriano; e daqui, pior, pois das três que receberam o Hábito o ano passado nenhuma é apta para fazer a leitura no refeitório. Como educandas, não as puseram a estudar; e, como noviças, não foram instruídas porque a Irmã Ângela²⁶ estava sempre doente. Principiaram agora com a Irmã Josefina²⁷, mas, tendo de se ocupar também dos trabalhos da casa e das crianças, pouco tempo lhes cresce. Estou certa, porém, de que daqui a algum tempo poderemos dispor delas, mas por agora não sei mesmo o que fazer. Procuro noite e dia, e não encontro meio (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 136, Roma, 15 de Janeiro de 1858, p. 202).

O interesse de Paula Frassinetti pelo desenvolvimento cultural das Irmãs se revelava, quando dizia que umas deviam ensinar as outras. Tomemos como exemplo o caso do ensino da língua francesa:

Procurem animar-se mutuamente, e o que uma sabe ensine-o à outra. Peça à Superiora²⁸ que vos fale em francês e, se puder, que vo-lo ensine; e entre vós esforçai-vos por praticá-lo, especialmente no recreio, e assim as tolices que disserdes servirão para vos fazer rir. Enfim, procurai continuar como até agora a ser boas Irmãs, ajudando-vos mutuamente, quer no espiritual, quer no material (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 169, Roma, 16 de julho de 1860, p. 263).

Em carta dirigida à Irmã Josefina Bozzano, Superiora de Gênova, elogia interesse desta para com a instrução e com o empenho pela cultura das Irmãs:

Faz muito bem em mandar instruir as Irmãs, e estou contente que vá aquele padre para o inglês. Alegra-me que haja boas esperanças relativamente à Sra. Rostano; rezo e peço que rezem. De facto, se se pudesse estabelecer aí um bom colégio, não

²⁴ Data omissa

²⁵ Irmã Ângela Boero

²⁶ Irmã Ângela Costa

²⁷ Irmã Josefina Bozzano, Mestra de Noviças.

²⁸ Irmã Teresa Casavecchia.

seria pequeno bem (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 179, Roma, 18 de Janeiro de 1861, p. 283).

Novamente relata a necessidade e o interesse que tinha pela formação cultural das noviças, pensando em aproveitá-las futuramente:

Às poucas noviças que ficaram farei com que a Alemã lhes dê lições, mas até que me possa servir delas há muito que fazer, porque não são caracteres facilmente moldáveis. A Tuzzi é realmente rude: ainda não aprendeu a coser, nem sequer o corrente; tem um fundo ótimo, mas é muito cialfusa²⁹. A Irmã Agostinelli dará muito bom resultado, mas precisa de tempo porque é agarotada. A Meluzzi é a que tem mais formação espiritual, mas não tem instrução alguma: não é capaz de escrever uma carta (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 189, Roma, Dezembro [s.d] de 1861, p. 304-305).

Ainda inquieta com a formação das noviças, orienta a Superiora de Gênova que cumpra certas exigências quando da admissão de candidatas ao noviciado, explicando que se no passado não fora feito, agora seria urgente fazê-lo:

O que não fiz no passado espero fazê-lo no futuro; e calorosamente lhe recomendo que o faça também, isto é, que não admita senão aquelas que têm as qualidades prescritas pelas Regras, e assim não se erra. É necessário ainda exercitá-las bem na santa mortificação durante o noviciado; e as que se mostram teimosas e duras de juízo, abrir-lhes a porta. A instrução moral nos noviciados é necessaríssima, mas deve estar unida à prática, porque de contrário saberão falar da virtude, mas não a saberão praticar (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 191, Roma, 10 de Janeiro de 1862, p. 309).

Mais uma vez, demonstra o cultivo pela cultura das Irmãs e das alunas em Carta para Irmã Josefina Pingiani:

Esquecia-me de lhe dizer que as nossas Irmãs, e também as alunas, fazem muitos progressos no desenho; por isso, diga à Irmã Cholet que se exercite bem nos modelos que tem, porque na primeira oportunidade lhe mandarei outros muito mais bonitos, e, portanto, mais difíceis. A Galli³⁰ faz-se uma grande pintora: além do B. Berchmans, pintou um belíssimo Santo Estanislau; começou agora um Coração de Jesus, e, se conseguir reproduzir o original, ficará muito devoto. Se desejar algum quadro pintado por ela, diga-mo, ou seja, diga-me que imagem quereria, que lha mandarei pintar (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 337, Roma, 29 de Julho de 1868, p. 587).

Em Carta enviada à Irmã Josefina Troiani, Superiora da casa de Gênova, relata a relevância da formação cultural das Irmãs:

A Irmã Bozzano comunicou-me, há tempos, que aprendiam o francês as suas poucas Irmãs, e que tinha facilidade em que outras também o aprendessem; e que, se quisesse aproveitar, mandando-lhe alguém nos dias feriados, ela se prestaria a isso de boa vontade. Respondi-lhe que, entretanto, lhe falasse nisso, e depois eu escreveria à Irmã, mas não sei se o fez. É certo que hoje o francês é tão necessário como o italiano, pelo que recomendo que o faça estudar e falar tanto às Irmãs como às alunas (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 418, Roma, 26 de Agosto de 1870, p. 757).

²⁹ Desajeitada.

³⁰ Irmã Maria Amália Galli, noviça.

Lamentando a falta de irmãs preparadas, na Casa de Santo Onofre em Roma, narra as dificuldades que as Superiores das Casas Maiores tinham no dia-a-dia, assim como os sacrifícios que faziam para superá-las:

Envelheci, estando sempre na situação em que agora aí se encontra. Infelizmente, é bem verdade que quem tem pouca experiência julga sempre que nas casas grandes há toda a abundância; e, pelo contrário, só Deus sabe os sacrifícios que fazem as Superiores dessas casas para prover às necessidades e como é duro achar-se sempre com Irmãs novas, sem experiência de espécie alguma e sem estarem formadas (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 440, Roma, 17 de Janeiro de 1871, p. 9).

Paula Frassinetti escreveu à Superiora de Covilhã para explicar por que a Superiora de Lisboa não poderia ceder uma irmã para ela, porque não teria outra para substituí-la na função. No caso, a única capaz seria a Irmã Catarina, mas sua ausência desorganizaria o colégio. Preocupada, responde que é preciso organizar o noviciado em Lisboa, apesar do ônus de sacrifícios, do rigor com as regras, já que, para ela, o mais importante era a formação das noviças:

A Superiora de Lisboa escreveu-me em resposta a uma carta minha, na qual lhe recomendava que separasse as noviças, dando-lhes uma soto-mestra³¹, etc. Respondeu-me que, apta para tal ofício, não a tem; a única capaz, também segundo o parecer do Sr. Ficarelli³², seria a Catarina³³, a que ela lhe pediu; mas a Irmã lhe respondera que não lha mandaria, a não ser com a condição de lhe dar uma outra, pois a saída dela desorganizaria o colégio; e que, em sua substituição, ela lhe mandaria a da aula externa³⁴.

Respondi-lhe que aprovava o seu plano e que eu estava persuadida de que a Irmã se acomodaria tendo em vista o maior bem do noviciado. Certamente, se não procuramos formar bem as Irmãs no noviciado, nunca teremos boas religiosas; por isso é preciso saber fazer algum sacrifício, quando se trata de prover os noviciados (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 466, Roma, 17 de Outubro de 1871, p. 57-58).

Uma Carta enviada do Brasil fala da solicitação de fundações aqui no país. E Paula Frassinetti comenta e orienta à Superiora de Gênova sobre a necessidade de preparar irmãs, mas, com muita virtude e capacidade a fim de assumirem as futuras casas:

Manifeste esta minha necessidade a essas Irmãs, recomendando-lhes em meu nome o exercício de todas as virtudes, a fim de se tornarem menos indignas da sublime vocação para as missões estrangeiras!. Peçamos fervorosamente ao Senhor que continue a derramar sobre elas as suas misericórdias.

Prepare-me, portanto, bons elementos, para quando for necessário, mas com diligência; e conviria que, além de virtudes morais, tivessem habilidade, isto é, que soubessem bordar a branco, a ouro e seda, que soubessem fazer flores, que soubessem desenho e música. Digo-lhe isto para que faça tudo o que puder para instruir essas Irmãs jovens, que mostram melhor espírito (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 481, Roma, 4 de Fevereiro de 1872, p. 90).

³¹ O termo "Soto Mestra" significa Vice-Mestra, que tinha a função de auxiliar diretamente a mestra das noviças, substituindo-a em eventuais ausências; cuidava da rotina do noviciado e convivia mais diretamente com os afazeres e zelava pela formação das noviças.

³² P. Vicente Ficarelli, S.J., Superior da Missão portuguesa.

³³ Irmã Catarina Lemos.

³⁴ Destinada a crianças pobres.

Dirigindo-se à Superiora de Gênova, parabenizando-a pelo aumento das vocações em sua Casa; fala também sobre a necessidade de preparar as Irmãs com uma boa formação espiritual e intelectual, para que possam assumir a missão da Congregação:

Vejo com muito prazer que vão entrando nesse noviciado jovens de boas esperanças, e de todo o coração o agradeço a Deus.

E, como terá visto na última carta a necessidade que temos de bons elementos, procurará formá-los, o melhor que lhe for possível, no amor de todo o sacrifício (condição necessária para ser Irmã de Santa Dorotéia) e procurará também que adquiram todas aquelas virtudes e conhecimentos que os possam tornar mais capazes para o desempenho dos deveres que o Instituto tem para com o próximo, mediante o seu duplo fim (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 483, Roma, 8 de Fevereiro de 1872, p. 92).

Por conta das exigências por parte do Governo por um maior número de Irmãs com diplomas, Paula Frassinetti aprova mudanças provisórias de Irmãs, para que elas obtivessem o referido título. Se tais medidas não acontecessem, alguns Colégios correriam o risco de fechar, como demonstra a missiva enviada à Irmã Josefina Troiani, Superiora de Gênova:

Assim que recebi a carta da Irmã Maurel, que me falava em seu nome acerca da Irmã Stombellini, escrevi imediatamente para Bolonha a fim de que lha mandassem. A Superiora respondeu-me na volta do correio e perguntava-me se, juntamente com a Irmã Stombellini, podia mandar para aí a Irmã Parodi³⁵, para que também ela pudesse tirar o diploma; respondi afirmativamente (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 490, Roma, 23 de Março de 1872, p. 106).

Retomando o assunto da Casa de Bolonha, Paula Frassinetti solicitou à Irmã Josefina Troiani:

Se puder ajudá-las com mestras seculares boas, faça-o; e, quando houver outras Irmãs com diploma, nos agradecerão. Entretanto, a Irmã Maurel³⁶ ponha a estudar todas as que tenham capacidade. Escrevi para Bolonha dizendo que, para este fim mandem a Irmã Stombellini e uma noviça muito desembaraçada, em vez da Parodi; mas receio que a minha carta não tenha chegado a tempo, porque demoraram um dia a expedi-la. (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 491, Roma, 28 de Março de 1872, p. 108).

Podemos perceber pelas correspondências de Paula Frassinetti com as Superiores das diversas Casas da Congregação, a relevância que para ela possuía a formação das Irmãs, tanto do ponto de vista intelectual, quanto espiritual. Expressava isso das mais diferentes formas: advertindo, elogiando, motivando, encorajando; enfim, sempre congratulando as irmãs que realizavam iniciativas próprias no sentido de ações, visando à formação das Mestras.

Pensando na preparação cultural das Irmãs, para suprir a sala de aula, Paula Frassinetti descreve a situação da Casa de Santo Onofre, em Roma, à Irmã Josefina Bozzano, Superiora de Gênova. Desta forma, justifica a falta de Irmãs capacitadas para ajudar em outras Casas, e por conta desses problemas, escreve sobre a necessidade de se aumentarem cada vez

³⁵ Irmã Henriqueta Parodi.

³⁶ Irmã Antônia Maurel, ajudante no Noviciado de Gênova.

mais as exigências para a admissão das noviças; uma vez que o noviciado representaria o momento ideal para se investir na instrução e na formação das futuras Mestras:

Todas as casas têm necessidade de auxílio, e eu encontro-me com um número razoável de verdadeiros peléns.³⁷ O melhor burrinho de carga é a boa Irmã Sommariva, que tem as duas classes superiores, estuda piano e dá lições às diversas alunas, tem as contas e é secretária da Madre Mestra³⁸. Quando é necessário substitui também nos labores, está nos recreios, vai à doutrina, etc., e não é um colosso.

A Irmã Meluzzi é Mestra Geral das alunas, está sempre pouco bem; mas trabalha além das forças, porque acompanha as alunas, forma-as, vai ao parlatório, dá lições de piano e de harpa, ensina canto, etc.

As outras Mestras das alunas são: para o estudo, três noviças, verdadeiras noviças em todo o sentido; e para os labores, duas aspirantes vindas de Ripetta, que têm boa vontade, mas pouca capacidade. São estas as Irmãs válidas que consegui para o colégio e para todos os ofícios da casa (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 508, Roma, 2 de Julho de 1872, p. 147).

Preocupada com as leituras e a formação das Mestras, informa à Irmã Elisa Vassallo:

Dou-lhe uma outra notícia que certamente apreciará. Adquiri diversos (exemplares de) Escola do Divino Amor e dei um a cada Irmã das que estão com as alunas. Como saberá, foi reimpresso em Gênova, precisamente quando lá estávamos; aqui na Propaganda parece-me que se vendem por vinte e cinco soldos cada um, mas o mal é que realmente não há dinheiro (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 615, Roma, 20 de Dezembro de 1873, p. 356).

Respondendo o pedido da Irmã Josefina Pingiani - atinente à solicitação de duas irmãs-mestras para o Brasil, uma para o ensino de Inglês e a outra para ministrar aulas de piano - Paula Frassinetti argumentou:

Quanto às duas Irmãs-mestras que me pede, uma para o inglês e outra para o piano, daqui não lhas posso mandar, porque as não tenho, embora sempre desejasse preparar-lhe tanto uma como outra, sabendo bem que teria necessidade de ambas, principalmente para o piano.

Sabe perfeitamente que para ser mestra de música se requer a predisposição, e esta infelizmente existia em quem não tinha bom espírito, e por isso só tenho ainda a Irmã Meluzzi. Quanto à língua inglesa, fiz o sacrifício de receber em casa duas jovens inglesas, na esperança de que se fizessem religiosas e que ao menos ensinassem a língua, mas não consegui nem uma coisa nem outra.

Contudo, quando recebi a sua carta, escrevi imediatamente à Superio de Lisboa³⁹ (a quem recomendei insistentemente, desde quando chegou à Lisboa a Irmã Viviani, que fizesse aprender música a todas as Irmãs que tivessem aptidão, aproveitando os seus tempos livres, e sei que o fez, por isso espero que tenha alguma já bem iniciada) para que insistisse com a mais adiantada na música e a faça estudar várias horas por dia, para que se habilite depressa.

Pedi-lhe também que procurasse que alguma das Irmãs jovens que lá tem aprendesse os rudimentos da língua inglesa, pois consta-me que são muito boas e fervorosas. Além disso, pedi-lhe que lhe prepare uma Irmã coadjutora educada. Se se conseguissem essas três Irmãs de Lisboa, seria uma economia de metade da despesa da viagem, e com a vantagem de saberem a língua do País, e, repito, dizem-me que

³⁷ Pessoa muito magra e sem forças.

³⁸ Irmã Assunção Pertici.

³⁹ Irmã Luísa Guelfi.

têm bom espírito (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 374, Roma, 31 de Agosto de 1869, p.662-663).

Ao receber a resposta da Superiora de Lisboa, Paula Frassinetti redigiu uma Carta à Irmã Josefina Pingiani, em que comentou:

A boa Superiora⁴⁰ respondeu-me logo que tinha uma para o piano, e bem capaz, e que já a tinha posta a estudar muitas horas por dia, a fim de se preparar convenientemente, bem entendido, sob a direcção da Irmã Viviani. E para o inglês tinha pedido a uma boa senhora inglesa, que com muito interesse estava a dar lições a duas Irmãs, isto é, à do piano e a uma outra. Dizia-me ainda a Superiora que pusera a aprender inglês aquela do piano porque, se por agora lhe bastassem uma mestra que ensinasse as duas coisas, ou seja, música e inglês, e a coadjutora, ser-lhe-ia muito mais fácil. Por isso, se puder acomodar-se assim, escreva-lhe e combine com ela. Encarreguei a referida Superiora de lhas ter preparadas para este Inverno, quando partirem os outros padres (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 377, Roma, 29 de Setembro de 1869, p.670-671).

Por conta de Decretos Oficiais, que passaram a exigir diplomas, Paula Frassinetti preocupa-se mais ainda com a formação das Mestras e como adaptar-se às mudanças. Em Carta para a Irmã Josefina Pingiani, relata as sucessivas mudanças de Irmãs que era obrigada a realizar: “nós também estamos todas bem, mas muito atrapalhadas com os novos métodos. Tive de mudar quase todas as Irmãs, quer para fazer exames, quer para prover de mestras diplomadas as diversas casas” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 542, Roma, 7 de Novembro de 1872, p. 223).

Percebemos que à medida que cresceu o número das Casas da Congregação, assim como os pedidos de criação de novos institutos, fazia-se necessário aumentar ainda mais a urgência de investimento na formação das noviças, uma vez que nos primeiros tempos do Instituto não havia preocupação quanto às exigências para o processo de admissão para o noviciado. Problema que, começa a acontecer mais tarde, quando houve a necessidade de se fazer alguns ajustes como: o remanejamento de Irmãs de uma escola para outra, o que muitas vezes prejudicava um colégio em detrimento de outro, dependendo do local que apresentasse mais necessidade. Temos o exemplo a Carta que Paula Frassinetti escreveu à Irmã Carlota Stanchi, de Bolonha, na qual pede duas Irmãs para uma nova Fundação:

Não obstante a escassez de Irmãs com que nos encontramos, parece que o Senhor quer dilatar o nosso pobre Instituto. Sou obrigada a aceitar uma outra casa⁴¹, por isso tenho de fazer mudanças, e desta vez não posso privar essa casa de contribuir com algum sacrifício (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 272, Roma, 02 de Novembro de 1866, p. 450-451).

Dessa maneira, em decorrência da falta de irmãs-mestras preparadas para assumir a sala de aula, especialmente no ensino dos labores ou artes manuais, no ensino do piano e das

⁴⁰ Superiora de Lisboa- Irmã Luísa Guelfi.

⁴¹ Em Tivoli, porém esta fundação não chegou a realizar-se.

línguas, principalmente do Francês, houve o acúmulo e a concentração de funções nas mãos das Irmãs mais qualificadas. Como exemplo, podemos citar a Carta dirigida à Irmã Josefina Pingiani que estava em Recife, em que Paula Frassinetti a informou que estava preparando uma Irmã para vir ao Brasil:

Como escrevi à Superiora⁴², estou a preparar uma Irmã para a música e para o francês, e espero poder mandá-la em Setembro. Gostaria, porém, que não a sobrecarregasse muito e que tivesse um pouco de cuidado; lembre-se de que para formar uma mestra de canto e música são preciso anos; e para a arruinar, e assim perder tudo, basta um momento; portanto, tenha cuidado (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 290, Roma, 13 de Março de 1867, p.486).

Em relação à formação espiritual das irmãs jovens, recomendava “o máximo empenho na formação espiritual das Irmãs aspirantes, exercitando-as muito na santa mortificação. Na conferência que, se possível, lhes fará em particular todas as semanas, pratiquem o exercício da humildade” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 625, Roma, 9 de Fevereiro de 1874, p. 376).

Igualmente, orienta seguir todas as regras prescritas nas Constituições:

Minha caríssima Irmã, recomendo-lhe estas coisas, porque todos os dias sinto com mais gravidade a necessidade que temos de formar bem as Irmãs, e desde o princípio; e, se no passado não foi possível fazê-lo, e ainda não podemos fazê-lo como se desejaria, façamos ao menos tudo quando pudermos.

Das cinco que receberam o Hábito, fez-me muito boa impressão a Cervetto⁴³, e parece-me, se me não engano, que, trabalhada, em breve lhe poderá servir de Soto-Mestra, pois tem bom espírito, critério, educação e prudência; porém, tendo eu tido pouco contacto com ela, repito que poderia enganar-me e, sendo assim, não faça caso do que lhe digo. Se na realidade ela fosse como me pareceu, forme-a bem a fim de que brevemente possa servir-se dela para o noviciado (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 625, Roma, 9 de Fevereiro de 1874, p. 376).

Paula Frassinetti lamenta não poder atender ao pedido do Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, no sentido de enviar mais Irmãs para o Colégio Santo Antonio, em Belém, por conta de falta de irmãs-mestras preparadas. Desta forma, escreve e agradece a estima e o interesse do bispo pelo referido colégio, prometendo enviar, o mais breve possível, mais Irmãs para a nova Casa:

Apesar de que pedidos semelhantes me vêm, se pode dizer, de toda a parte, pois em todas as nossas há muito que fazer, louvado Deus, conheço que a necessidade da casa do Pará é tão urgente, que é preciso remediá-la com a maior brevidade possível. Por este motivo, já mandei ordem para que de Portugal partam para aí três Irmãs, uma mestra e duas coadjuvas, e de Pernambuco duas Irmãs Mestras ou três, se as puderem dispensar.

Sinto não poder dispor de mais Irmãs Mestras, mas ainda, ultimamente, se abriu um novo colégio em Portugal⁴⁴, de modo que me era completamente impossível mandar mais alguma. Espero, porém, para o ano que vem, poder mandar para o colégio do

⁴² Irmã Teresa Casavecchia.

⁴³ Irmã Luísa Cervetto.

⁴⁴ Colégio em Vila do Conde, aberto em 15 de Janeiro de 1878.

Pará uma Irmã competentíssima para dirigir os estudos mais adiantados: já, já, não posso por forma alguma mudá-la donde está. Quero esperar que o bom movimento que tem havido nessa cidade a favor das nossas Irmãs e o crédito que vai ganhando o colégio não diminuirão até essa época, antes com o auxílio de Deus e a bondosa protecção de V. Ex.^{cia} irão sempre em aumento (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 818, Roma, 4 de Abril de 1878, p. 741-742).

Preocupada com a legitimação da Congregação, Paula Frassinetti escreve uma Carta solicitando do Sumo Pontífice, o Papa Pio IX, a aprovação do Instituto e de suas Constituições, que sejam extensivas às Casas fora do Domínio Pontifício, assim como das futuras Fundações:

Por isso, a Superiora e Irmãs do referido Instituto, prostradas aos pés santíssimos de Vossa Beatitude, respeitosamente imploram que no mencionado Decreto seja abolida a limitação ao Domínio Pontifício, para que todas as casas abertas até ao presente possam gozar do importante benefício da Aprovação, e possa também o Instituto abrir casas de educação em qualquer parte onde seja solicitada, inteiramente de acordo com tudo o que vem prescrito nas Constituições solenemente aprovadas pela Santa Sé (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 176, Roma, 27 de Novembro de 1860, p. 276).

Para a preparação das Irmãs destinadas à fundação da missão no Brasil, correspondeu-se com a Irmã Josefina Bozzano informando:

A Irmã Casavecchia mande-lhe lembranças e diz que rejuvenesce; na realidade, está muito melhor. As brasileiras⁴⁵ já lêem bem o português e dizem algumas palavras. E, já que essa casa não pode desta vez contribuir com Irmãs, terá de contribuir de qualquer outro modo, ou seja, com alguns véus pretos, xailes e scotto⁴⁶, que naquelas regiões é excessivamente caro; mas depois lhe escreverei (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 238, Roma, 21 de Novembro de 1865, p. 396).

Paula Frassinetti demonstra através de suas Cartas a importância com a formação das Irmãs que fossem trabalhar com as alunas, quer na sala de aula, quer em outras atividades. Para isso, elas deveriam ser bem preparadas e bastante instruídas para realizarem suas tarefas, pois além de conhecer os fundamentos da área a ser ensinada, deveriam ter também uma boa base espiritual. Daí, a constante preocupação com a formação intelectual e espiritual das Irmãs.

3.1.4. CORAGEM E AUDÁCIA

Para Paula Frassinetti a coragem era uma exigência para alcançar seus sonhos e assumir sua missão, através das cartas ela revelava sua *pedagogia do encorajamento*.

⁴⁵ Refere-se às Irmãs destinadas à fundação do Recife- Pernambuco.

⁴⁶ Uma espécie de *merino grosso* (tecido feito de lã de carneiro).

Segundo Costa et al. (2002) Paula Frassinetti mostrou o seu lado empreendedor, ao assumir seu projeto educativo como missão e para isso não mediu esforços, enfrentando questões burocráticas, econômicas, sociais e relacionais.

A pedagogia do encorajamento também se encontra quando Paula Frassinetti acreditava:

que a coragem deveria ser uma das formas de estimular o processo de aprendizagem, ou seja, encorajar as educandas passava a ser uma forma de promovê-las, para o desenvolvimento de suas competências. Procedimento comum a essa situação era a emulação, até certo ponto, a competição, que assumia um caráter saudável, na medida em que oportunizava a percepção do valor de cada um, sem que isso fosse motivo de desprezo para os demais (COSTA et al., 2002, p.48).

Segundo Costa et al. (2002), “Santa Paula era mulher de coragem, enfrentou a autoridade de seu pai, desafiou aqueles que se opunham à formação do Instituto e ultrapassou barreiras em prol de seus ideais” (p. 46). Costa et al. (2002) ainda relatam sobre as atitudes de Paula Frassinetti diante das dificuldades e problemas de seu tempo, cuja recomendação era: “que não se perdesse a coragem, mirando-se nos exemplos corajosos de Jesus, Maria e José, e construtiva, elevando a luta pelo alcance de seus sonhos ao lugar mais importante na superação de seus temores” (p. 46).

As Cartas representaram a forma principal de comunicação de Paula Frassinetti com a comunidade das Dorotéias, espalhadas pela Itália, Portugal e Brasil. Nelas, ela sempre transmitia esperança, confiança e coragem para que diante dos desafios colocados pela vida e pelo processo histórico cultural, todas as Irmãs se sentissem encorajadas para o enfrentamento de situações difíceis que viessem a ocorrer.

Podemos citar vários exemplos destas mensagens. Em uma Carta enviada à Irmã Josefina Beau, Vice-Superiora e Mestra Geral de Lisboa, ela aconselha: “Coragem! Coragem, minha querida Irmã: quem combate vence, e quem não combate é vencido” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 556, Roma, 05 de Janeiro de 1873, p. 248). Em Carta dirigida às Irmãs de Recife, diante da dor pela morte do Bispo de Olinda, ela encoraja as irmãs a continuarem a luta no Brasil, dizendo: “Coragem, pois, repito, e grande alegria. Deus está convosco, nada vos pode faltar” (FRASSINETTI, 1987, v.I. Carta 273, Roma, 12 de Novembro de 1866, p.454). Em uma Carta para Irmã Josefina Bozzano, assegura a confiança em que nela deposita e a importância de ser firme diante das dificuldades: “Tenhamos coragem, minha querida Irmã, na nossa cruz, que Deus estará sempre conosco, se nós estivermos sempre unidas a Ele de vontade” (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 379, Roma, 12 de Novembro de 1869, p. 677).

Paula Frassinetti mostra sua coragem e audácia quando assume fundar uma Casa da Congregação fora da Europa. Ela aceita o desafio do convite do Bispo de Pernambuco,

quando menciona a projeção de criar uma fundação no Brasil. Em Carta dirigida à Irmã Josefina Bozzano, afirma que:

Parece que o Senhor quer o nosso Instituto no Brasil. O novo Bispo⁴⁷, que está à espera de ser sagrado, diz que quer como companheiros da sua viagem e dos seus trabalhos os nossos irmãos⁴⁸ e nós. A sua Diocese é Pernambuco. A messe, como pode ver, é muito grande, e ainda não existem lá Institutos de vida activa, pelo que se poderá fazer muito bem e recrutar boas vocações. Mas agora é preciso rezar muito para conhecer a vontade de Deus: primeiro, que nos faça conhecer se se deve aceitar a missão; e segundo, quem deve ir. A nossa santificação depende da realização da santíssima vontade de Deus; portanto, todo o nosso empenho deve consistir em conhecê-la-(FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 234, Roma, 4 de Agosto de 1865, p. 388).

Em carta para Irmã Virgínia Jannozzi, Mestra Geral em Recife, prega a *pedagogia do encorajamento*, exortando as virtudes da coragem, confiança e generosidade:

Entretanto, prepare-se com muita virtude, pois muita se requer em quem tem tal ofício, tanto em relação às alunas, como em relação às mestras com as quais juntamente tem de trabalhar. Portanto, coragem, minha querida Irmã Virgínia: é grande e forte, não queira por caridade abrigar no seu peito um coração pequeno, mas procure dilatá-lo quando puder! Seja generosa e liberal com Deus, e achará Deus muito liberal consigo; e, se Deus for liberal consigo, que lhe poderá faltar? Portanto, repito, coragem e grande coragem: Deus está consigo, para combater por si. (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 303, Roma, 27 de Agosto de 1867, p. 508).

Ao escrever para a Irmã Rosa Podestà, Superiora de Covilhã relata a sua aflição por causa da Casa de Bolonha, pois o Governo ordenou que o Colégio deveria ter dez mestras diplomadas, senão ele seria fechado. A ordem foi dada com apenas dez dias de antecedência, obrigando Paula Frassinetti a procurar e remodelar diversas Casas, para atender à solicitação; porém, no levantamento realizado, só encontrou sete Mestras.

Por conta dessas exigências, as Irmãs Dorotéias perderam o Conservatório de Ripetta, que passou a ser administrado pela Congregação de Caridade, ficando indefinido o que iriam fazer com as crianças daquela Casa. Diante do impasse provocado pela nova situação, Paula Frassinetti não desanima, e usando sua pedagogia do encorajamento, diz à Irmã Josefina Troiani:

Quanto à minha ida a Bolonha, ainda não decidi; peça ao Senhor que me faça conhecer o que for do seu maior beneplácito. E, entretanto, recomendo-lhe que tenha coragem e que não esteja preocupada; estou contentíssima com o seu modo de proceder, esteja tranqüila (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 494, Roma, 13 de Abril de 1872, p. 114).

Em carta à Irmã Elisa Vassallo conta boas notícias de Roma; revela o seu olhar atento e sua pedagogia do encorajamento em relação a algumas Irmãs. Procurando sempre reforçar algumas virtudes, e advertir para alguns problemas, Paula Frassinetti nunca

⁴⁷ D. Manuel de Medeiros, Bispo de Olinda (Pernambuco).

⁴⁸ Os Jesuítas.

desanimava, mesmo contando com as dificuldades de encontrar Mestras para assumirem a sala de aula, em decorrência da falta de preparo e de formação das Irmãs. Paula Frassinetti alegre-se e encoraja-se, quando vê o esforço individual de algumas das Irmãs, no sentido de superar suas limitações. Nesses exemplos, ela relata os avanços alcançados pela Irmã Luísa de que já conseguira entrar numa sala de aula, explicar geometria, e que as alunas estavam contentes com seu trabalho.

A Luísa⁴⁹ venceu-se e dá explicação de geometria às alunas, e estão contentes com ela; ocupa-se da sua discípula e dos labores, mas ajudou-nos nos trabalhos de cera e cuidou da pequena Moroni, que esteve algum tempo de cama, especialmente quando aqui estiveram os pais; mas agora já se levanta. Veja que, para a Luísa, não é pouco fazer tudo isso; e já não tem aquele semblante tão carregado (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 506, Roma, 26 de Junho de 1872, p. 143).

Segundo Paula Frassinetti, foi satisfatório para Irmã Luísa enfrentar a sala de aula, pois melhorou até o seu semblante, que antes era sempre sisudo e carregado. Fala também sobre a Irmã Galli, que apesar dos problemas de saúde, trabalhava bastante para a academia. E finalmente relata que Irmã Merluzzi atuou muito na organização das festas, principalmente na preparação das alunas nos cantos e que esta também havia estudado Francês; enfim, estava muito ocupada. E, com toque de humor, finaliza a sua carta afirmando que era muito bom, pois assim teria menos tempo para escutar suas fantasias:

A Galli de vez em quando sente-se pouco bem, mas os trabalhos da academia têm-na electrizada. A Irmã Meluzzi trabalha muito e está razoavelmente; canta e já não se queixa do peito, se bem que tenha de falar muito; faz também o exercício de falar francês, todos os dias, com as grandes; para a recepção nos dias de festa está com a Madre Mestra⁵⁰, mas durante a semana vai ela à sala. Em suma, trabalha sem respirar, e talvez lhe faça bem tanta ocupação, porque assim tem menos tempo para escutar as suas fantasias (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 506, Roma, 26 de Junho de 1872, p. 143).

Pelas mensagens transmitidas em suas cartas, Paula Frassinetti assumiu a via do encorajamento como pedagogia, ao encorajar as Irmãs, mostrando-lhes os caminhos para o crescimento pessoal, espiritual e profissional delas.

⁴⁹ Irmã Luísa Schonneschoffen, ex- Mestra Geral do Colégio de Bolonha.

⁵⁰ Irmã Assunção Pertici.

3.1.5. VIA DO CORAÇÃO E DO AMOR

Para Paula Frassinetti “a via do coração e do amor é a ação evangélica presente em todas as relações, embasando um estilo de serviço que gera confiança, abertura e disponibilidade para o verdadeiro crescimento da pessoa” (PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DOROTEANA - PROVÍNCIA BRASIL SUL, 1999 apud COSTA et al. 2002, p. 79).

Na realidade, para Paula Frassinetti, *via do coração e do amor* é uma intuição que se transformou também em um dos princípios de sua pedagogia, na medida em que a amorosidade deve ser um recurso metodológico das Mestras.

Segundo Costa et al. (2002):

Quando Paula nos aponta para a via do coração e do amor, como condição para o trato com as meninas, nos chama para um olhar de sensibilidade e de afeto, bem como, para a responsabilidade de quem assume, com paixão, a tarefa de educar. Este interesse pelo outro, valorizando-o e reconhecendo-o como parte de um contexto é a própria manifestação da amorosidade, possibilitando-lhe experimentar o forte sentimento de pertença, o qual todo ser humano almeja em suas relações (p. 43).

A condução das pessoas “pela via do coração e do amor” de acordo com Rossetto (2004):

Não significava apoiar-se no sentimento delas, mas estimular uma atitude interior de abertura e disponibilidade. Essa *via do coração e do amor* exigia confiança nas possibilidades e respeito pelos ritmos e pela liberdade, graças à qual se processava todo o crescimento, e era escola eficaz de esquecimento próprio, inspirado na lei de nos tornarmos pequenos para que o outro cresça (p. 90).

Rossetto (2004) ainda escreve que: “Paula fazia tudo com amor e por amor. Até nas repreensões eram repletas de afabilidade para convencer e mover, não o sentimento, mas a vontade de melhorar” (p. 90). Por exemplo, em Carta para Irmã Luísa Gianelli, pede: “paciência, como virtude ativa de abrir o coração; afabilidade, como expressão de bondade interior; amor, como humilde entrega de si” (ROSSETTO, 2004, p. 90).

Minha querida Filha, as pessoas não as podemos formar todas a nosso modo. E como poderíamos exercitar a paciência, se todos tivessem o nosso feitio e pensar? Tenhamos, pois, paciência em todas as coisas, e muita prudência e suavidade, como nos prescrevem as nossas Santas Regras (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 131, Roma, 19 de Setembro de 1857, p. 192).

Paula Frassinetti narra ao seu irmão Pe. José Frassinetti a inesperada transformação nas alunas de Ripetta, fruto de um intenso trabalho educativo das Irmãs, com apenas dois meses na direção do Conservatório:

Há apenas dois meses que fomos encarregadas da direção dessas jovens, e já se não reconhecem, tal foi a mudança operada para o bem. Fizemos sacrifícios heróicos, nomeadamente no aspecto de desapego e respeito humano: basta que saibas que, mesmo as pequeninas de onze e doze anos, tinham já os seus namorados, com quem

se correspondiam, etc. Agora, porém, temo-las todas modestas, muito dóceis e afeioadíssimas. Fizeram os Santos Exercícios com tanta compenetração e compunção, que nos edificaram. Enfim, operou-se nessas jovens uma tal mudança, que só poderia ser obra de Deus (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 184, Roma, 1 de Maio de 1861, p. 295).

As alunas do Colégio de Santo Onofre eram muito afeioadas à Paula Frassinetti. Em Carta a Irmã Elisa Vassallo, Superiora de Bolonha, ela comenta a respeito de algumas alunas que estariam prestes a deixar o Colégio:

Nestes dias tenho-me divertido com o algodão que nasceu no ano passado, tingi-o e fiz com ele um magnífico papagaio vermelho e verde; acabei-o esta tarde pelas cinco; ficou lindo, lindo. Fi-lo com as Sacconi (para o tio Cardeal⁵¹), que deixam o Colégio muito brevemente. A pobre Mariana toda se consome com a pena de ter de sair; perdeu as cores e já não tem vontade de fazer a Befana⁵². A Henriqueta, coitada, está sempre pouco bem, e por isso a levam antes que parte o calor. A Mariana fez com que o tio Cardeal promettesse tornar a trazê-la para se fazer religiosa, em Novembro. São muito afeioadas; a Henriqueta também se tornou boa, mas não tem saúde (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 647, Roma, 1 de Junho de 1874, p. 419).

Em suas atitudes revela a ternura e o carinho com que satisfazia as solicitações vindas das Irmãs do Brasil, procurando atender aos mínimos pedidos de materiais necessários para a Academia⁵³:

As medalhas também tive de esperar que as cunhassem na Casa da Moeda. Para os labores não se encontra nada; para conseguir canutilhos que lhe mando, teve de se correr Roma inteira, e tivemos de comprar os que havia; não há de outras cores. Também para os bordados a branco, mandei procurar em todas as lojas e não encontrei melhor do que o pouco que lhe envio.

Os colarinhos já não se usam, e por isso apenas lhe mando setenta, os melhores que se encontraram. Com a guerra, já nada vem; o comércio está paralisado, e não há senão rebotalhos⁵⁴, antigos e caros.

Este estado de coisas esperemos que não dure muito, e, quando vierem artigos bons, far-lhe-ei a provisão a tempo para a próxima academia, se eu for viva; por este ano temos de ter paciência. Mas, quando escrever, diga-me pormenorizadamente o que lhe é necessário, pois não posso saber se lhe sobra material de uma academia para a outra, nem o que aí se usa e agrada mais; e eu acrescentarei o que vir possa dar gosto e ser útil (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 421, Roma, 4 de Setembro de 1870, p. 761).

Aproveitando o despacho da encomenda para o Brasil, enviou alguns objetos religiosos doados pelo Papa, assim como outros doados por ela. Como descreve:

Os objectos que mandou o Santo Padre são dois quadros, oito estatuazinhas de metal, seis lindos terços, três brancos e três amarelos, e dezesseis imagenzitas de papel trabalhadas à volta com ponto de agulha e assentes em tule. Como verá, juntei mais alguns terços, medalhas e pequenas imagens, para que possa dar uma coisa a cada uma. Está tudo benzido pelo Santo Padre; por isso, pode dar esses objectos

⁵¹ Cardeal Carlos Sacconi.

⁵² Presente de Epifania. Corruptela popular de Epifania: Epifania, dia de Reis. Significa também: espécie de bruxa que as crianças, por antiga tradição, crêem que lhes leve presentes e doces, no dia de Reis.

⁵³ Espécie de sessão solene ou solenidade no final do ano letivo, em que as alunas apresentariam os seus trabalhos: música, canto, poesia, etc.

⁵⁴ Coisa sem valor; ninharia e restos inúteis; refugio; pedacinho.

como vindos dele, para maior consolação quem os recebe (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 499, Roma, 12 de Maio de 1872, p. 128).

Enfim, a via do coração e do amor foi o caminho escolhido por Paula Frassinetti para concretizar a missão idealizada por seu projeto educativo, que se concretizava pelo envolvimento, pela afetividade e pela conquista de toda a comunidade educativa.

3.1.6. SUAVIDADE E FIRMEZA

Como comprova sua correspondência, Paula Frassinetti administrava a Congregação com *suavidade e firmeza* e, por meio de seu exemplo e de suas recomendações, ensinava a importância dessa intuição para ser usada por todos, nos diferentes momentos de tomada de decisão. Na realidade, segundo Costa et al. (2002), esta intuição deve ser conduzida com equilíbrio entre afetividade e razão, com cautela e prudência, na hora da correção.

Tomemos alguns exemplos em que Paula Frassinetti propõe a utilização da *suavidade e firmeza*:

A firmeza seja sempre temperada com a suavidade nos modos e nas palavras (FRASSINETTI, Paula. 1987, v. II. Carta 801, Roma, 31 de Julho de 1877, p. 712).

Mostre estima, amor e confiança a todas, e de todas exija com suavidade e discrição. (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 763, Roma, 01 de Abril de 1876, p. 644).

O melhor modo é o mais suave. (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 785, Bolonha, Agosto de 1876, p. 683).

[...] falando com firmeza e suavidade, aliadas à caridade. (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 801, Roma, 31 de Julho de 1877, p. 716).

Tenhamos paciência em todas as coisas e muita prudência e suavidade. (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 131, Roma, 19 de Setembro de 1857, p. 192).

Combinem entre si, para que tudo se processe com a maior suavidade. (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 401, Roma, 11 de Junho de 1870, p. 722-723).

Conciliar o zelo eficaz com a suavidade no trato, e a caridade maternal com o exercício da própria autoridade. (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 791, Roma, 16 de Fevereiro de 1877, p. 698).

O espírito do Instituto é espírito de união, de mansidão, de suavidade e de caridade. (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 710, Roma, 11 de Outubro de 1875, p. 537).

Ao escrever para a Irmã Francisca Toscani, Vice-Superiora, da Casa de Fabriano, desaprova com firmeza a solicitação do bispo para mudança na administração, sem o seu conhecimento. Observamos a importância para Paula Frassinetti em seguir as Constituições e

os princípios da Congregação, reprovando o fato da Irmã recorrer a superiores externos em vez de ser fiel à Superiora:

Surpreendeu-me a sua prezadíssima carta de 12 do corrente. Não sabia absolutamente nada sobre a renúncia da Administração e desagradou-me bastante que se tenha feito, contra toda a regra, sem o meu conhecimento. Mais me desagradou que para ter aí outra Irmã, quer dizer, para fazer uma mudança tenham recorrido ao Bispo⁵⁵. Minha caríssima Filha, este é o primeiro caso que me acontece; e antes Deus destrua o Instituto que permitir que os seus membros caiam na tão funesta desordem de recorrer aos Superiores externos em vez das legítimas Superiores. Que sabe o Bispo se uma Irmã é mais apta para uma casa que para outra? E assim para tudo o mais. Também ao Conde⁵⁶, a quem o Sr. Bispo recorreu, desagradou um tal modo de agir das Irmãs.

Tudo isto, minha caríssima Filha, não o dê a conhecer à Superiora⁵⁷, em atenção ao seu estado de saúde, mas faça-o saber às Irmãs que tomaram parte nisso, com a proibição expressa de o darem a entender à Superiora. Minha caríssima Irmã Toscani, recomendo-lhe que esteja fortemente ligada a tudo o que é de Regra, que tenha muita coragem e que anime as outras à prática da mesma, como compete ao seu ofício⁵⁸ (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 168, Roma, 16 de Junho de 1860, p. 261).

Dirigindo-se a uma Superiora, Paula Frassinetti, mais uma vez, responde com firmeza as exigências dela:

As minhas extraordinárias ocupações não me permitiram responder às suas cartas, e envio-lhe duas linhas apenas; nem sequer agora me posso demorar e, por isso, só lhe digo que não espere ter Irmãs de Roma, como auxílio, e que pense antes em formá-las.

Minha queria Irmã, como bem sabe, em dois anos foram para o Brasil três levas de Irmãs das mais instruídas, e só Deus sabe como ficamos; temos sessenta alunas e todas de boa condição.

Aprenda também a exercitar-se, como sempre fiz eu, que, embora sobrecarregada com o peso do Generalato, sempre ensinei o pouco que sabia de labores; e ainda agora, velha e esgotada por fadigas e penas, ensino a fazer flores, porque as que tinham aprendido foram para o Brasil (FRASSINETTI, Paula. Cartas. vol. I, 1987, carta 354, Roma, 22 de Janeiro de 1869, p. 622).

Em carta à Irmã Josefina Troiani, em que informa sobre as três Irmãs enviadas para Gênova, percebemos que Paula Frassinetti usa de sua autoridade como dirigente da Congregação para orientar e recomendar como cada uma deve ser aproveitada no trabalho educativo. Nestes exemplos, torna-se nítido sua firmeza quando faz críticas às Irmãs, que também procura suavizar, ressaltando as qualidades de cada uma delas:

Nada lhe digo sobre o carácter da Irmã Galli, porque a Irmã Pingiani⁵⁹ a conhece; recomendo-lhe apenas que procure afeiçoá-la a si. A Irmã Federici tem óptimas qualidades, bom êxito nos estudos, é activa e atrai muito a juventude; mas ainda tem muitos defeitos, pelo que é necessário que a Irmã Catarina⁶⁰ se lhe afeiçoe e a trabalhe. A Irmã Recchioni só serve para labores nas escolas das pobres e nas classes

⁵⁵ Monsenhor Antônio Maria Valenziani.

⁵⁶ Conde João Vimercati, Deputado do Conservatório de Santo Onofre.

⁵⁷ Irmã Catarina Barabino.

⁵⁸ Vice-Superiora.

⁵⁹ Irmã Teresa Pingiani, Mestra Geral.

⁶⁰ Irmã Catarina Podestà.

das pequeninas, ou para a rouparia, etc. No estudo não conseguiu resultados nem sequer medíocres, e para a Doutrina ou outra coisa não serve de maneira nenhuma; de resto não vai mal: é dócil e tem boa vontade, mas, ao menos por agora, não a ponha com a Irmã Federici porque, tendo estado quase sempre juntas, têm demasiada confiança entre si. É melhor que não estejam juntas (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 543, Roma, 10 de Novembro de 1872, p. 225).

Utilizando-se de um dos seus princípios pedagógicos, *firmeza e suavidade*, Paula Frassinetti corrige a Irmã Josefina Beau (Vice-Superiora e Mestra Geral da Casa de Lisboa), quanto à prudência e à delicadeza, ao se referir aos outros, assim como esclarece, que alguns comentários feitos sobre algumas irmãs não causou boa impressão em Gênova. E, ainda, recomendou à Irmã Josefina que se deve ter a lembrança sobre a importância da prática das virtudes da caridade, da prudência e da humildade para a formação da verdadeira religiosa de Santa Dorotéia:

Não tenho tempo de reler as suas várias cartas, a fim de lhe responder; por isso, só lhe digo que me parece que procedeu bem, quando a Superiora⁶¹ lhe pediu conselho acerca dessa admissão no número das Irmãs Mestras, etc., se o fez com a devida humildade, simplicidade e submissão, como espero.

De resto, como sempre fiz e é meu dever, exorto-a a prática das virtudes que formam a verdadeira Religiosa de Santa Dorotéia. Não lhe escondo, para seu bem, que em Gênova não causou muito boa impressão, por certas murmurações feitas contra algumas.

Por caridade, minha querida Irmã Josefina, recorde-se bem de que só a virtude nos pode tornar agradáveis a Deus, e amáveis e estimáveis a todas; seja, pois, prudente no falar e muito delicada quando se refere aos outros.

Seja também humilde, humilde com todos e em breve se encontrará livre de todos os defeitos e com o domínio de si mesma. Oh, que bela vida levará em toda a parte, se estiver cheia de humildade! (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 556, Roma, 5 de Janeiro de 1873, p. 247-248).

Ao tranquilizar a Irmã Josefina Troiani, Superiora de Gênova, sobre o andamento do noviciado e da comunidade, com firmeza e discernimento, sugeriu orientações em relação à educação de algumas Irmãs:

Quanto ao restante da sua carta, não é verdade que eu lhe tenha dissimulado algo: as coisas mais essenciais a que devia olhar, relativamente ao noviciado, disse-lhas todas, embora não houvesse necessidade, porque, quando tinha melhor saúde, o noviciado andou sempre bem; e, se nele entraram abusos, foi por causa da sua longa doença. Portanto, tenha cuidado consigo, procure fortificar-se e esteja tranqüila, que o Coração Santíssimo de Jesus fará que tudo corra bem.

Mande embora do noviciado aquelas duas ou três; as outras são todas jovens de boas esperanças e, um pouco educadas e trabalhadas, darão ótimo resultado. Em geral, exceptuando as duas últimas postulantes que entraram, têm muito pouca educação, mas de resto são boas.

Nas aspirantes e nas professoras, há aqueles defeitos que são fruto da miséria humana, os quais é necessário, sim procurar diminuir quanto possível, mas não deve

⁶¹ Irmã Luísa Guelfi.

angustiar-se excessivamente com isso; faça o pouco que pode, sem se violentar, para não agravar as suas indisposições, e depois entregue a Deus o cuidado de tudo (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 595, Roma, 20 de Setembro de 1873, p. 320).

Em outra circunstância, com muita firmeza, no momento da tomada de decisão, expõe ao Padre Arcanjo Centi os motivos pelos quais sua sobrinha deveria ser despedida do noviciado, em Gênova:

A penúltima vez que fui a Gênova, em Julho de 1871, descobri na sua sobrinha certos defeitos que não são compatíveis com uma religiosa, isto é, pouco cuidado na observância da disciplina regular, aliás muita facilidade em transgredir as Santas Regras, com mau exemplo para as outras noviças. Além disso, muita facilidade em referir os defeitos alheios, semeando assim discórdias na comunidade e provocando má disposição das súbditas para com a Superiora, e outras coisas semelhantes.

Avisei a jovem de tais defeitos; mas, durante os quase dois meses que permaneci em Gênova, apercebi-me de que se não emendava e por isso, desde então, ordenei à Superiora que a mandasse embora; mas ela prometeu corrigir-se, e a Superiora interpôs-se para que lhe concedesse ainda mais um tempo de prova. Eu cedi, mas com a condição de que recomeçasse de princípio o biênio do noviciado, sem contar absolutamente o tempo já decorrido.

Quando este ano voltei a Gênova, vi que não se emendara em nada, mas que até tinha piorado, pelo que era de grande perturbação para o noviciado, sussurrando aos ouvidos, ora desta ora daquela, comentando o que tinha ouvido aqui e além, em suma, fazendo mil críticas, o que constituía para as noviças perturbação e mau exemplo.

Admoestei-a⁶² muitas vezes, mas nunca procurou emendar-se; sentiu-se assim obrigada em consciência a ordenar à Superiora que a mandasse embora do noviciado. A própria Superiora não ignorava tais defeitos dessa jovem, mas pelo seu bom coração suportava-a, esperando sempre que se emendasse. E Talvez tenha sido por causa desta esperança que não revelou o facto a V.Rev.^{cia}. Eu não tive o gosto de o ver na minha estada em Gênova, pois, de contrário, ter-lhe-ia revelado tudo (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 600, Roma, 20 de Outubro de 1873, p. 329-330).

Sempre atenta às regras do Instituto, mais uma vez, Paula Frassinetti mostra firmeza nas decisões, ao argumentar com o engenheiro Augusto Statuti, pai de uma antiga aluna do Colégio de Santo Onofre, em Roma, os motivos da impossibilidade de readmissão de sua filha:

Por isso, a Rev.^{da} Madre Mestra⁶³ se apressa a comunicar-lhe que não haveria dificuldade em ser readmitida, se a sua ausência tivesse sido de poucos dias; mas, como saiu há muito tempo e naturalmente não pôde estar sempre com V. Ex.^{cia}, e além disso é já crescida, seria contra o Regulamento do Colégio a sua readmissão.

A Madre Mestra tem muita pena de lhe dar esta notícia, porque imagina que lhe será desagradável, mas não pode proceder de outro modo, até para não dar azo a queixas de pais de outras educandas, com quem se usou da mesma medida (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 609, Roma, 23 de Novembro de 1873, p. 345-346).

Novamente usando a firmeza, Paula Frassinetti corrige uma Irmã, exortando-a à obediência às Regras do Instituto, no sentido de acatar as correções e as penitências impostas.

⁶² Advertiu; avisou; aconselhou; repreendeu; corrigiu.

⁶³ Irmã Assunção Pertici.

Posteriormente, Paula Frassinetti suaviza o seu discurso, quando diz para que ela não se sentisse culpada, pois não é pecado aceitar correções e penitências, ainda que imerecidas:

Faltaria ao meu dever se, em vez de a exortar a cumprir a sua obrigação, a satisfizesse, mudando-a agora dessa casa. Só quando tiver recebido boas informações a seu respeito poderei pensar nisso, na certeza de que se sujeitou inteiramente à sua Superiora, observando com exactidão a Regra 16 sobre a aceitação de qualquer correção e penitência imposta, ainda que a religiosa se não sinta culpada. Para o bem de sua alma e para que possa evitar o perigo de sair do caminho, exorto-a a renovar diante de Jesus Cristo a promessa e o voto de humilde e plena obediência, em tudo o que não é pecado. E certamente não é pecado aceitar correções e penitências, ainda que imerecidas (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 670, Roma, 10 de Dezembro de 1874, p. 463-464).

Ao orientar Irmã Rosa Podestà, Superiora de Covilhã, a respeito da saída das educandas para casa, mostrou que é preciso agir com firmeza e imparcialidade, advertindo que é preciso proceder da mesma maneira com todas:

Fez bem em mandar imprimir o livrito da academia, como é habitual. Quanto a mandar a casa as educandas, quando os pais fazem grandes instâncias, não se deve permiti-lo, porque, quando os pais das alunas se aperceberem de que para as ter basta pedi-las com forte insistência, todos o farão. Portanto, se não pode deixar de fazer a concessão, estabeleça a data, mas que seja igual para todos os que o desejem. Porém, antes de tomar essa determinação de entregar as alunas aos pais, consulte os padres e outras pessoas sensatas, e depois diga-me qual foi o parecer (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 706, Lisboa, 4 de Agosto de 1875, p. 529).

Também fomenta a liberdade no trato com as Irmãs, porém sem perder a firmeza:

Se lhe vierem outras inspirações ou tentações, manifeste-mas sempre com toda a liberdade, que, se o senhor me inspirar aprová-las, aprová-las-ei; caso contrário, dir-lhe-ei um belo não, redondo, redondo (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 733, Roma, 29 de Dezembro de 1875, p. 589).

Dentre tantas Regras das Constituições, Paula Frassinetti destaca a Parte VII, Cap. III, § 6, na qual recomenda “que a firmeza seja sempre temperada com a suavidade nos modos e nas palavras” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 801, Roma, 31 de Julho de 1877, p. 712).

Em Carta a todas as Superiores das Casas do Instituto, Paula Frassinetti dá conselhos para o governo da comunidade, reforçando a importância da conformidade de espírito e de conduta, na obediência às Constituições e Regras:

Os primeiros germens desta indispensável conformidade de espírito e de conduta, na observância prática das Constituições e Regras, devem ser lançados e cultivados com suma diligência no Noviciado; por isso, cabe às Mestras das Noviças a estrita obrigação de se aterem no seu ofício, com rigorosa exactidão, a tudo quanto nas suas Regras particulares vem claramente expresso a tal respeito Mas esses germens lançados no Noviciado em breve deixariam de se desenvolver e não tardariam muito a morrer, se as Superiores das diversas Províncias e Casas, movidas por um certo espírito de aventura, e fiando-se demasiadamente na própria capacidade, nas próprias luzes e na própria experiência, interpretassem a seu arbítrio as Constituições e Regras e tivessem a presunção de aplicá-las a seu bel-prazer, sob fúteis pretextos de circunstâncias especiais. Haveria mesmo o perigo de se desprenderem e até de se quebrarem os santos vínculos da obediência; desapareceriam a harmonia e a paz; a oposição de critérios entre as diversas Superiores introduziria diversidade, e até contrastes, nos usos e costumes nas

diferentes Casas; o Instituto não só deixaria de produzir frutos de boa edificação para o próximo, mas perderia também a sua força, que deriva da união e da caridade, e acabaria por destruir-se. Portanto, por amor de Jesus Cristo Nosso Senhor, a cujo serviço nos consagramos, e pelo amor que todas temos ao nosso ainda tão frágil Instituto, vos suplicamos, Reverendíssimas Madres e caríssimas Irmãs, que vos apliqueis com grande humildade e generosidade ao difícil mas necessário trabalho da própria perfeição, indispensável para que, no cumprimento dos deveres do vosso ofício, sejais dirigidas pelo Espírito de Deus, que é um só, e para que entre vós se não introduzam, pela nefasta influência do amor próprio, divergências e desvios funestos no modo de entender e fazer observar as nossas Constituições e Regras (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 801, Roma, 31 de Julho de 1877, p. 710.).

Escreve também sobre a importância do exemplo, como uma das principais qualidades que uma Superiora deve ter. Citando novamente recomendações inspiradas em Santa Francisca de Chantal:

Se o bom exemplo não acompanha a sua palavra - escreveu Santa Francisca de Chantal a uma Superiora recém-nomeada – todas as suas admoestações⁶⁴ serão estéreis. Não se pode dar aos outros aquilo que se não tem. É preciso, portanto, que esteja possuída de um fervorosíssimo zelo pela sua própria perfeição, antes de aplicar esse zelo à perfeição dos outros; é preciso que esteja muito unida com Deus, para que o seu exemplo atraia e estimule as suas Irmãs a cumprirem o próprio dever e a depositarem em si plena confiança, e lhes infunda a coragem para a imitarem (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 801, Roma, 31 de Julho de 1877, p. 713).

Ainda adverte quanto aos cuidados que deve ter para não incorrer em erros que prejudiquem o andamento do Instituto:

- Torna-se rigoroso, e, com o andar dos tempos, intolerável até, o governo de uma Superiora que, tendo apenas em conta a sua autoridade para mandar e o dever que as súbditas têm de lhe obedecer, freqüentemente excedesse o que é prescrito pelas Regras e pela vida comum, dando ordens demasiado difíceis e que exijam virtude heróica.
- É vício de um governo rigoroso exigir de todas as súbditas, indistintamente, iguais provas de virtude, mesmo nas coisas difíceis, sem ter em conta a inevitável diversidade de temperamentos, de forças físicas e de graças espirituais.
- É muito censurável numa Superiora, e causa grande dano, o tom severo, descortês, mordaz, satírico ou zombateiro com que repreende ou dá ordens.
- é próprio de um governo inconsiderado e rigoroso atribuir tanta importância à própria autoridade que, dada uma ordem, no primeiro instante se rejeitem severamente, como fraquezas indignas de uma religiosa, as razões ou as desculpas que a súbdita, ainda que por imperfeição na virtude, quer alegar, ou para se eximir daquela obediência, ou para se justificar.
- É contra o espírito da caridade cristã, bem como da mansidão evangélica e religiosa, o defeito de uma Superiora que se mostra suspeitosa e desconfiada, de tal modo que gera nas súbditas a persuasão de que nunca podem contentá-la em coisa alguma; e, pior ainda, se, tendo concebido juízo desfavorável sobre o procedimento ou sobre o espírito de alguma das suas súbditas, não só manifesta tal disposição, mas interpreta negativamente todos os actos dessas Irmãs que lhe são pouco simpáticas.
- É defeito grave, que torna rigoroso o governo de uma Superiora dar repreensões severas a toda a comunidade, por faltas cometidas apenas por alguns dos seus membros.
- Não é raro que uma Superiora, depois de ter aconselhado ou ordenado algo em termos um tanto vagos e obscuros, corrija depois com austeridade quem não seguiu rigorosamente os seus conselhos ou não executou pontualmente as suas ordens.

⁶⁴ Admoestação: aconselhar, corrigir, repreender, avisar.

- É sinal de um governo rigoroso o interpretar quase sempre no sentido mais rígido e mais escrupuloso os casos que oferecem dúvidas, e o negar ordinariamente aquilo que talvez com discreta caridade se poderia conceder, salvaguardada a Regra, para satisfazer o desejo de alguma súbdita não favorecida de virtude heróica (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 801, Roma, 31 de Julho de 1877, p. 714-717).

Assim, todas as Irmãs deveriam com equilíbrio fazer uso da *firmeza e suavidade* na hora de educar e na hora de punir.

3.1.7. PRUDÊNCIA

Paula Frassinetti escreveu para Irmã Luísa Gianelli, enviada a Gênova para assumir a direção e reorganizar o Instituto naquela cidade. Na Carta, ela fala sobre a importância da paciência e da prudência para a organização da instituição, assim como da suavidade e da persuasão; concedeu, inclusive, autonomia para que a nova diretora pudesse resolver os impasses do momento:

Não me admira que tenha encontrado nessa casa uma babilônia em tudo. Por agora é preciso ter paciência; mas, pouco a pouco, é necessário transformá-la segundo o Instituto; e quem não quiser que se vá em boa hora. Não lhe respondo hoje pormenorizadamente, porque escrevo um tanto à pressa e também não é o momento de se darem golpes decisivos; é necessário que procure o mais possível ganhar terreno, com suavidade e persuasão, e, feito isto, quem não quiser submeter-se fará como fizeram tantas outras. Repito, dou-lhe carta branca (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 125, Roma, 7 de Maio de 1857, p. 176).

Paula Frassinetti tinha bom senso e agia com equilíbrio em suas decisões; mostrava prudência na divulgação de fatos extraordinários. Para demonstrar isso, podemos citar um trecho de uma Carta que ela dirige à Irmã Luísa Gianelli: “quanto ao que me diz acerca das duas meninas que viram Nossa Senhora mover os olhos, não o refira a ninguém. Esteja bem atenta para dominar a fantasia e fazê-la dominar às outras, a fim de que não seja posto a ridículo o Instituto” (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 159, Roma, 29 de Agosto de 1859, p. 244).

Em Carta endereçada à Irmã Josefina Bozzano, Superiora de Gênova, Paula Frassinetti aconselhou prudência na admissão das educandas:

Neste momento recordo-me de que a Irmã Elisa Vassallo me disse, há tempos, que a Irmã recebeu aquela sua parente, se não me engano, Penna; por caridade, esteja atenta para não introduzir a malícia no colégio. Se ainda não tiver entrado, informe-se bem antes de a receber; e, se já tiver entrado, procure que a vigiem bem. Para estragar um colégio, basta um nada, e para o recompor, é preciso a mão de Deus (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 209, Roma, 3 de Maio de 1864, p. 343).

Novamente, em correspondência endereçada à Irmã Josefina Bozzano, narra a impossibilidade de aceitar a fundação de uma Casa em Gavi, por falta de Irmãs. Ainda nesta missiva, demonstra sua preocupação, zelo e prudência com o atendimento e qualidade com as alunas, principalmente em relação às educandas:

Depois, tem a casa de Rivarolo. Sei como a deixei e, digo-lhe a verdade, é para mim uma preocupação. Uma Escola externa bem numerosa, com cerca de trinta e oito crianças, e apenas duas Irmãs-mestras; não sei como conseguem fazer tudo. Tanto na escola como entre as educandas há crianças de diversas idades e, por isso, em diversos graus de instrução; e que uma só possa chegar a tudo é impossível. Não podem deixar de se matar de cansaço e de se consumir de preocupação por não poder fazer o que é necessário, principalmente em relação às educandas. E eu, conhecendo estas necessidades e não as podendo remediar, posso abraçar outros encargos, sem peso de consciência? O zelo é bom, mas sem a caridade torna-se vício (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 218, Roma, 12 de Agosto de 1864, p. 358-359).

A prudência na admissão de noviças ao Instituto sempre aparece como uma de suas preocupações:

Quanto à Parodi⁶⁵, se é como ma descreve, receba-a mas, antes de a admitir, examine-a bem; ouvi falar mais de uma vez na família Parodi como de uma família santa, sim, mas muito extravagante. Se assim fosse, e ela não fizesse exceção, não deveria ser recebida, porque na sua idade já não seria susceptível de corrigir o carácter (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 232, Roma, 23 de Junho de 1865, p. 384).

Diante de decisões difíceis de serem tomadas, Paula Frassinetti apresenta-se firme, mas prudente, quanto à mudança da Superiora da Casa de Bolonha:

Porém, para que fiquem tranqüilos os pais das alunas, é preciso mostrar que, tirando a Superiora, não deixo de prover bem aquele colégio. Por isso, seria necessário para tal fim, mandar lá, por algum tempo, a Irmã Schoneschoffen, cujo simples aspecto e maneiras contribuirão muito para ter bem e satisfeitas as alunas. Lamento muito ter de lhe causar transtorno logo nos princípios, mas que quer? É preciso, como se costuma dizer, piggia ô zenei se câdo⁶⁶, desculpe-me, portanto, e esperemos que depois tudo se acomode (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 345, Roma, 20 de Novembro de 1868, p. 605).

O Papa Pio IX tinha muito carinho e admiração pelo trabalho da Congregação Dorotéia, em Roma, pelo seu projeto educativo, que vinha ao encontro do catolicismo conservador, quanto ao perfil das alunas que se pretendia formar.

As alunas do Colégio de Santo Onofre, em Roma, sempre que podiam, preparavam algum presente para ofertarem ao Papa, fruto das aulas de artes e trabalhos manuais. Era uma forma de agradecerem o fato de o Santo Padre sempre doar algumas lembrancinhas às alunas.

O dia 20 de setembro de 1870 assinala o fim do poder temporal do Papa, agora circunscrito à Cidade do Vaticano. O governo assume abertamente uma postura anticlerical.

⁶⁵ Henriqueta Parodi.

⁶⁶ Expressão do dialeto genovês cuja tradução literal é: apanhar o genovês quente. Significa: aproveitar a ocasião.

Desta forma, por prudência, Paula Frassinetti, ao escrever para a Irmã Josefina Bozzano, conta que as alunas do Colégio Santo Onofre preparavam um presente simbólico para ofertar ao Papa; usa uma linguagem convencional, em que chama o Papa, de papá, pai ou avô; as Irmãs, de amigas ou de senhoras; as alunas, de sobrinhas ou de netinhas; a comunidade, de família; como denota a Carta abaixo:

As minhas sobrinhas estão a fazer para ele uma canastrinha de missangas, que conterá um belo ramallete de violetas, com outras florinhas da Primavera; no meio do ramallete haverá uma urnazinha com um pequeno pecúlio, fruto das economias dos seus divertimentos. O trabalho está quase pronto, e brevemente o apresentarão ao seu bom Avô (que certamente o apreciará), como sinal do seu amor, respeito, etc. O ramallete é simbólico, porque composto de violetas, a primeira flor que anuncia a Primavera; e a urnazinha também é simbólica, porque tem no cimo um passarinho que regressa ao ninho. Queira Deus que estes símbolos tenham realização (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 430, Roma, 25 de Outubro de 1870, p. 778).

Paula Frassinetti adverte ainda para que a Irmã Josefina Troiani devia alertar as Irmãs que iam para Gênova a respeito da prudência ao falarem:

Indo para aí a Stombellini e a Parodi, procure preveni-las, quer dizer, recomendar-lhes que não contem nada das Casas de Bolonha, nem das educandas, nem das noviças; em suma, que não falem de nada, seja com quem for (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 490, Roma, 23 de Março de 1872, p. 107).

Ao tomar conhecimento sobre os problemas em Recife, Paula Frassinetti ficou preocupadíssima com o destino do Colégio naquela cidade. Primeiro, em função da prisão do Bispo de Olinda, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira (no dia 2 de janeiro de 1874), em seu Palácio da Soledade, por participar da *questão religiosa*, rompendo com a maçonaria, que representava o interesse do poder imperial, na figura de D. Pedro II; segundo, em virtude da aflição das Irmãs por causa das perseguições e da falta de alunas. Diante da situação, pede um parecer e um conselho ao padre Vicente Mazzi, sacerdote da Companhia de Jesus e confessor da comunidade do Colégio:

Estou preocupada pela perplexidade em que me encontro: se se deve manter essa casa, ou se será prudente fechá-la de vez e fazer regressar as Irmãs à Europa, ou seja, deixar aí algumas, mandando as mais novas para o noviciado de Lisboa. Em suma, encontrando-me tão longe, não sei para que lado me inclinar e, por isso, peço a V. Rev.^{cia} que me sugira o que julgar da maior glória de Deus e benefício, especialmente espiritual, das Irmãs, que logo seguirei os seus sábios conselhos.

Peço-lhe, além disso, que me informe sinceramente sobre o modo de proceder das Irmãs, quer interna quer externamente; ou seja, se elas em tudo procedem verdadeiramente de acordo com as nossas Santas Constituições, atendendo com seriedade à perfeição religiosa; se entre elas reina a verdadeira caridade de Jesus Cristo, a união de corações e de sentimentos. Em resumo, faça-me a caridade de não me ocultar nada do que me possa iluminar quanto às necessárias disposições a tomar (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 633, Roma, 13 de Março de 1874, p. 391-392).

Escrevendo para o Cônego Roque Anselmini, Vigário Geral da Diocese de Recanati, Paula Frassinetti expôs os motivos por que as Irmãs não poderiam mais ficar em Recanati:

Tendo eu tudo examinado e ponderado bem, creio não ser conveniente que continuem em Recanati porque, mesmo na hipótese de com o tempo se poder ter aí um grande colégio e uma escola bem organizada para crianças de boa condição (o que será difícil), seria necessária a aprovação das Autoridades Escolares, tanto para a abertura do primeiro estabelecimento como do segundo. E tal aprovação nunca chegaria a ser concedida sem a apresentação, por parte das Irmãs, de Diplomas superiores de duas Mestras, uma para o colégio e outra para a escola, e eu não poderia conseguir nem uma sequer, porque me escasseiam muito; aliás, a este respeito encontro-me bastante angustiada, pois se viesse o Inspector visitar as nossas Casas de Roma, não encontraria certamente tantas Mestras diplomadas quantas as exigidas actualmente pelas leis, e eu não saberia aonde dirigir-me para aumentar o seu número, porque também Gênova, que é a minha fonte, presentemente se encontra nas mesmas condições de Roma (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 700, Roma, 7 de Junho de 1875, p. 518-519).

Paula Frassinetti comenta com a Superiora de Gênova sobre a probabilidade de serem expulsas de Roma, e sobre as Casas locais que deviam depender da Casa Central. Diante desse fato, informa que, caso isso aconteça, talvez tivesse que mandar algumas Irmãs para Gênova. Em muitas cartas, Paula Frassinetti comentou a situação de Roma, onde a perseguição das ordens religiosas já teria se iniciado. Muitos religiosos tiveram suas casas tomadas, e tudo levava a crer que a Congregação de Paula Frassinetti já estaria na lista, e advertiu: “mas ainda não está decidido por quem devemos ser devoradas: se pelo Governo, se pelo Município, se pela Comissão de Caridade” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 619, Roma 1873, p. 363):

Alegra-me que na Chiappetta estejam todas bem. Mandei dizer à Superiora ⁶⁷ que, para acrescentar ao Colégio o encargo de um novo aluguer, se entendesse consigo, porque assim se deve fazer: as Casas locais devem depender da Central, como dizem as Regras. (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 616, Roma, 22 de Dezembro de 1873, p. 358).

A prudência para Paula Frassinetti significava saber esperar o momento certo para tomar alguma decisão, ter paciência e atitude de escuta diante de situações difíceis, ter equilíbrio para não agir precipitadamente; enfim, ser prudente, mas firme na hora da tomada de decisão.

⁶⁷ Irmã Clotilde Parodi, Superiora do Colégio de S. Francisco da Chiappetta.

3.1.8. INCENTIVO À PRÁTICA DAS VIRTUDES: SIMPLICIDADE, HUMILDADE, CARIDADE, ALEGRIA E TERNURA NAS IRMÃS E NAS ALUNAS

Paula Frassinetti alegre-se por causa da Festa de Santa Dorotéia em Gênova e Roma, onde aconteceram vários momentos preciosos: cerimônia de tomada de Hábito de Irmãs, Crisma, Primeira Comunhão e cantos de alunas, como descreve em uma de suas inúmeras Cartas:

Alegro-me muito com a bela festa de Santa Dorotéia e com os Votos, Tomada de Hábito, etc. Também nós tivemos nesse dia cinco Irmãs que professaram, quatro educandas que receberam o Crisma e seis que fizeram a Primeira Comunhão. A cerimônia da manhã, presidida pelo Em^{mo} Vigário, durou até às 9:30 horas, e às 10:30 horas houve a Missa cantada por três Montesenhores. O canto foi belíssimo e bem executado pelas nossas alunas e Irmãs; foi muito harmonioso porque havia umas quinze vozes, e todas suaves, pois a maior parte eram crianças pequenas. Depois do almoço, foi o panegírico⁶⁸ da Santa, com o canto de um belíssimo Hino, Ladainhas e Tantum ergo; a Bênção deu-a o Vice-Gerente⁶⁹. A Capela estava toda enfeitada com flores novas, todas feitas por mim. Falo-lhe no facto de eu ter feito as flores para que conheça um dos motivos por que não lhe tenha escrito (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 165, Roma, 28 de Fevereiro de 1860, p. 255).

As escolas vão crescendo, e os convites continuavam a chegar. Como por exemplo, a proposta das Dorotéias de assumirem o Conservatório de Ripetta:

Alegro-me bastante que as Irmãs estejam bem, que o colégio e as escolas vão crescendo e que tudo caminhe segundo o Instituto [...].

Talvez dentro de dias tenhamos de tomar a direcção do Conservatorio de Ripetta. É composto de noventa pessoas. Reina a desordem em todo o sentido. Reze e peça que rezem muito, muito (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 178, Roma, 02 de Janeiro de 1861, p. 281).

Paula Frassinetti escreveu para Irmã Josefina Bozzano, Superiora de Gênova, comentando sobre o aumento do número de alunas em Gênova e Roma, assim como as condições sociais delas. Assinala ainda que apesar da alegria pelo rumo que as escolas estão tomando, dever-se-ia ter consciência de que há o aumento da responsabilidade para educar:

As nossas alunas vão aumentando e vêm de boa condição. Estes dias, entrou a Bolognetti; temos também condessinhas, uma das quais é a filha da Spada, casada em Urbani. Digo-lhe isto para saber de que peso e responsabilidade é agora este colégio. Reze, por caridade, para que o Senhor dê um pouco de saúde à Irmã Maria, pois de contrário não sei que fazer (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 189, Roma, Dezembro (?) de 1861, p. 304).

⁶⁸ Discurso em louvor de alguém.

⁶⁹ Monsenhor Júlio Lenti.

Alegrou-se também pelas notícias enviadas pela Superiora de Gênova: o aumento de alunas, a boa situação econômica e, acima de tudo, o crescimento de virtudes entre as Irmãs:

A sua última carta consolou-me muito pelas boas notícias que nela me deu. Alegra-me que as alunas vão aumentando e que tenha esperanças de que aumentem mais. Alegra-me ainda que esteja bem economicamente, mas, acima de tudo, alegro-me e regozijo-me muito porque as Irmãs vão crescendo em virtude e porque reina entre elas a paz, a caridade e o bom espírito. Por tudo Deus seja louvado eternamente, e a Virgem Santíssima, a Quem incessantemente confio a sua santa perseverança. Dê a conhecer a essas boas Irmãs a minha plena satisfação e junto delas faça-se intérprete dos meus sentimentos, para sua maior consolação e conforto espiritual (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 193, Roma, 4 de Agosto de 1862, p. 312-313).

Em Carta endereçada às educandas do Colégio de S. José, em Recife, manifestou sua satisfação pelo progresso no estudo e na formação cristã. Nela, expressou a importância do cultivo pelas virtudes; verdadeiros exemplos para outras jovens, assim como para suas famílias:

Não vos posso exprimir a grande consolação que me trouxeram as vossas cartinhas, por descobrir nelas o vosso aproveitamento nos estudos, o vosso bom coração que vos levou a formular-me tão bons desejos, e sobretudo por ver que sabeis apreciar a graça que vos fez o Senhor, de preferência a tantas outras, de poderdes ser sólida e cristãmente educadas.

Sim, minhas filhas, isto mais do que tudo me consola, pois me faz seguramente esperar que vos aproveitareis de uma graça tão grande, e crescereis por isso gratas ao Senhor. E, quando, completada a vossa educação, regressardes ao seio das vossas famílias, sereis para elas verdadeiros anjos de paz e de consolação; e os vossos exemplos atrairão outras jovens, como vós, a amar a virtude e a praticá-la (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 336, Roma, 14 de Julho de 1868, p. 584-585).

Correspondendo-se com Irmã Josefina Pingiani traçou o perfil de uma Superiora:

Tenha as Irmãs alegres e unidas em santa caridade (como até aqui tem feito); seja para elas mãe solícita em todas as suas necessidades, seja modelo de humildade, paciência e caridade, e procure que a observância regular reine em casa (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 347, Roma, 25 de Novembro de 1868, p. 609).

Paula Frassinetti demonstra um sentimento de ternura e de carinho em relação às alunas do Colégio São José, em Recife, quando foram enviadas fotografias delas para que as conhecesse. Em muitas ocasiões, percebe-se a sua preocupação em disponibilizar materiais para os trabalhos manuais, principalmente os bordados, pinturas, confecção de flores e outros; tanto que ela mesma incumbia-se da compra do material listado que as Irmãs de Recife solicitavam, pois era sabido que no Brasil havia muita dificuldade de encontrar tais materiais; além do que a qualidade deles não era boa:

Não lhe posso exprimir por palavras quanto me consolaram as fotografias dessas minhas boas filhinhas! Foi também uma verdadeira consolação para todas as Irmãs e educandas de Gênova, as quais não se cansavam de as ver. Dei um exemplar a cada casa, e conservá-la-ão numa moldura adequada; também dei uma ao meu irmão João, que se diverte a ver as crianças com a lente, e quase as vê ao natural (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 459, Bolonha, 5 de Setembro de 1871, p. 43-44).

Paula Frassinetti, escrevendo para Irmã Teresa Pingiani, Mestra Geral no Colégio de Albaro, alegra-se por saber que possuía muitas alunas, e que elas se empenhavam para viver intensamente as comemorações à Maria, durante o mês de maio:

Alegra-me muitíssimo saber que o Colégio é tão numeroso e que as alunas são tão boas e fazem com empenho o mês de Maria. Dê-lhes muitas lembranças minhas e diga-lhes que as abraço a todas no Coração Santíssimo de Jesus (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 646, Roma, 16 de Maio de 1874, p. 417).

Ao escrever para a Irmã Rosa Podestà, Superiora de Lisboa, fala do relevante papel da Superiora, no sentido de despertar e estimular a piedade nas alunas, e para a comunicação constante entre os Colégios. Essa preocupação deve-se ao fato que - ao mesmo tempo em que se alegrou sobre a situação relatada, em Albaro, onde as alunas haviam participado ativamente nos momentos espirituais e nas celebrações religiosas - ela percebeu pouca piedade nelas em sua visita a Portugal. Diante das diferentes realidades, Paula Frassinetti propõe como solução: primeiro, a necessidade de os colégios comunicarem-se entre si, para que pudessem trocar experiências; segundo, ressalta a importância da Superiora no sentido de motivar as alunas para a prática dos exercícios do espírito:

Nos poucos dias em que aí estive, vi pouquíssima piedade nas educandas e muito espírito do mundo, vaidade, etc. Também lhe chamo a atenção para isto, mas recomendo-lhe que use de muita prudência; com a oportunidade do mês de Maio poderá fazer algo de bom. Mandar-lhe-ei a notícia da festa e das florinhas⁷⁰ feitas pelas nossas educandas, e a Irmã me mandará a das suas; assim se começará a estabelecer um pouco de comunicação e de emulação. São coisas que fazem muito bem ao espírito, tanto das mestras como das alunas (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 769, Roma, 24 de Abril de 1876, p. 654).

Após visitar as Casas do Instituto, Paula Frassinetti toma algumas medidas que visavam a estabelecer em todas as Casas da Congregação a uniformidade no espírito e nos procedimentos. Segundo ela, o que caracterizava o espírito do Instituto era o espírito de união, de mansidão, de suavidade e de caridade, que ela expressou em trecho da Carta dirigida a Irmã Josefina Troiani, Superiora de Gênova:

Tendo de novo reflectido comigo mesma sobre a visita recentemente feita às Casas do nosso Instituto e desejando que em todas exista uniformidade no espírito e no modo de proceder, julgo no Senhor dever determinar que a Mestra Geral de S. Francisco da Chiappetta, Irmã Morasso, não vá por agora ao Noviciado preparar-se para os últimos Votos, mas vá primeiro a Albaro, por um mês. E aí observe bem o andamento desse Colégio; o modo como a Mestra Geral⁷¹ trata com as alunas e com as Mestras que dela dependem; informe-se junto dela sobre aquilo que não pode ver na prática; esclareça consigo as suas dúvidas; e tome nota das coisas principais. Terminado esse mês, volte para a Chiappetta, ponha em prática o que tiver aprendido em Albaro, introduzindo no Colégio as reformas que forem necessárias para o organizar como o de Albaro (excepto, porém, nas coisas que respeitam às condições diferentes das crianças) (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 710, Roma, 11 de Outubro de 1875, p. 537).

⁷⁰ Pequenos sacrifícios.

⁷¹ Irmã Teresa Pingiani.

A prática das virtudes para Paula Frassinetti era, na realidade, um dos princípios básicos para a formação dos valores que ela acreditava fossem fundamentais para a formação, tanto das Irmãs, quanto das alunas. Portanto, as virtudes foram muito ressaltadas em cartas como fatores importantes ao desenvolvimento de seu projeto de vida voltado para a educação das jovens. Para ela, nos colégios da Congregação de Santa Dorotéia, deveriam reinar a simplicidade, a humildade, a caridade, a alegria e a ternura.

3.1.9. OBEDIÊNCIA, PERSEVERANÇA E FÉ

Mais uma vez, Paula Frassinetti alertou sobre as exigências na admissão de candidatas ao Instituto, pois era preciso que elas tivessem as qualidades requeridas, senão elas não perseverariam:

Se a Giustiniani não era apta para o nosso Instituto, ainda bem que saiu. Deus lhe dê a perseverança onde se encontra. Alegro-me que tenha outras duas em vista; certamente é necessário que entrem, mas, por outro lado, é necessário acautelar-se, porque, se entram sem generosidade e sem as qualidades requeridas, não podem perseverar; e, se ficam, são uma verdadeira cruz e um verdadeiro dano. Falo por experiência: é melhor ter um dedo a menos do que tê-lo sempre a doer (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 193, Roma, 4 de Agosto de 1862, p. 313).

Paula Frassinetti pediu orações para se conhecer a vontade de Deus, a fim de acertar a escolha das Irmãs que iriam para a missão no Brasil:

Amanhã entramos nos Santos Exercícios; reze e peça que rezem para que tiremos deles todo aquele fruto que Deus pretende de nós; particularmente, reze para que nos faça conhecer, entre todas as Irmãs que ardentemente desejam ir para essa missão, aquelas que Ele escolheu (FRASSINETTI, Paula. Cartas. vol. I, 1987, carta 236, Roma, 21 de Outubro de 1865, p. 391).

Novamente, em outra missiva, pediu oração para as Irmãs que partiram para o Brasil:

Agora é preciso rezar muito pelas Irmãs que no dia 10 iniciarão a viagem⁷², para que o Senhor as encha do seu divino Espírito Santo e as transforme em fochos ardentes que, onde toquem, acendam o fogo do amor de Deus. É preciso também preparar bons elementos porque, sendo o campo tão vasto e tão desprovido, logo que estas chegarem pedirão imediatamente auxílio (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 242, Roma, 1 de Janeiro de 1866, p. 401).

Paula Frassinetti escreveu para Irmã Carlota Stanchi, Superiora de Bolonha, a fim de lhe pedir duas Irmãs para trabalharem numa nova Casa que seria aberta em Tivoli, na Itália. Ressaltou que desta vez não tinha como evitar que a Casa de Bolonha fizesse um sacrifício

⁷² Partiriam para o Brasil as Irmãs: Teresa Casavecchia (Superiora), Virgínia Jannozzi (Mestra Geral), Josefina Pingiani, Francisca Toscani, Gertrudes Mattei e Sofia Filippa (que concluíam o seu noviciado).

pela expansão da Congregação. Ainda nesta mesma Carta, lembrava a Superiora sobre a importância da obediência às regras do Instituto, sendo que, em qualquer situação contrária a esse pedido, deixasse para ela a responsabilidade pelas conseqüências das mudanças que poderiam ocorrer com a saída das irmãs solicitadas.

Entretanto, não deixe de praticar a obediência como a exige o nosso Instituto, quaisquer que sejam as dificuldades que se lhe apresentem contrárias a esta disposição: deixe-me a mim toda a responsabilidade do resultado, Obedeça, e Deus (abençoará) em si toda a comunidade (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 272, Roma, 02 de Novembro de 1866, p.451).

Com perseverança e fé, escreve para todas as Irmãs que estavam em Recife, anunciando a abertura da Casa das Artigianelle:

Esperamos abrir uma nova casa em Gênova, para as crianças pobres e abandonadas, que se vêem obrigadas a ir a escolas más. Essa casa chamar-se-á das Artigianelle e, como disse, nela só se receberão as crianças mais abandonadas e pobres...Rezai, portanto, e rezai muito, a fim de que o Senhor nos dê os meios para poder abrir depressa; e já que os maus tanto se esforçam por corromper a juventude, procuremos nós salvá-la o mais que pudermos (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 302, Roma, 27 de Agosto de 1867, p. 506).

Também escreveu para a Irmã Josefina Troiani informando sobre a fundação de uma Casa em Nepi, na Itália, onde ela, mais uma vez, mostra a sua perseverança e fé, mesmo diante das dificuldades: “A D. Luísa Cosso partiu para Nepi com três companheiras⁷³. Também esta fundação deve ser obra de Deus, porque nos custa um pouco” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 453, Roma, 21 de Abril de 1871, p.33).

Paula Frassinetti preocupada com o contexto histórico do país respondeu uma Carta da Superiora de Gênova, negando a peregrinação das alunas ao Santuário de Savona; e chamava a atenção sobre a importância da obediência às Constituições e Regras do Instituto:

Quanto a levar as alunas ao Santuário de Savona, não é do meu gosto; não são tempos próprios para passear, principalmente com alunas. E as Irmãs desejo que se desloquem unicamente quando a obediência as manda de um lugar para outro (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 461, Bolonha, Setembro de 1871, p.48).

Em carta para a Superiora de Recife, Paula Frassinetti descreveu a situação penosa de Roma e de Santo Onofre:

Quanto a nós, esteja tranqüila; até agora nada de novo. Apenas nos sugam o sangue como as aranhas às moscas, isto é, à força de impostos, reduziram Roma a tal e tão grande miséria, que já não se sabe como se há-de viver; as rendas das casas sofreram um aumento de mais de dois terços, e o mesmo se pode dizer dos víveres. A nós não nos ficou senão a pensão das educandas, das quais perdemos vinte, porque os pais ficaram sem emprego; e, não podendo continuar a pagar, tiveram de as levar para casa. As gratuitas ficaram todas, mas não nos dão nada para as manter. Porém, não se aflija, porque até hoje nada nos faltou; a Casa de Gênova vai-me ajudando o mais que pode (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 486, Roma, 1 de Março de 1872, p. 99-100).

⁷³ Foram fundadoras as Irmãs: Luísa Cosso (Superiora), Emília Felice, Emília Panzacchi e Madalena Cerqua.

Ainda em correspondência com a Irmã Josefina Pingiani, Superiora de Recife, lamentou a situação por que passava Roma, com muita perseguição às escolas católicas, que lutavam para poderem continuar a tarefa da educação; temia pelo destino da juventude:

Minha caríssima Irmã, é preciso passar tribulações por todos os lados! A perseguição contra os católicos recrudescer espantosamente, e quem sabe aonde isto irá parar. Aqui as escolas querem-se todas piores que protestantes. Não se podem enumerar os sacrifícios que fazem os Institutos Religiosos para conservar alguma parte da instrução, mas receio que se não consiga, porque querem a juventude toda nas suas mãos. Oh, pobre juventude!!! (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 532, Roma, 16 de Setembro de 1872, p. 199).

Uma outra missiva contém o pedido de orações para que aumentassem as vocações na Itália; também revelou a escassez de Irmãs aptas para o governo:

Reze e peça que rezem para que o Senhor mande boas Irmãs. Aqui, o nosso noviciado só tem uma noviça que recebeu o Hábito, no mês passado. Já não há vocações nenhuma. Oh, pobre Itália! (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 619, Roma 1873⁷⁴, p. 363).

Em tempos difíceis, de angústia e insegurança, em que havia poucas Irmãs e quase todas doentes, os trabalhos aumentaram, pois tiveram que assumir a direção de um Conservatório. Mesmo assim, as cartas de Paula Frassinetti mostram que ela não perdia a esperança e a fé, seguindo firme na tarefa de educar:

Os nossos trabalhos aqui vão aumentando sempre; a comunidade de Ripetta ultrapassa cento e trinta, se me não engano; tivemos também de aceitar a direção de um outro Conservatório chamado das Cenciose⁷⁵. Somos poucas e quase todas doentes, e os novos patrões só pensam em nos fazer trabalhar, como se fôssemos anjos que não têm necessidade alguma, nem de se vestir nem de mais nada. Por outro lado, devemos agradecer de todo o coração a Deus por nos permitirem fazer algum bem, o que não é pouco nestes tempos tão tristes (FRASSINETTI, 1987, v.II Carta 649, Roma, 1 de Junho de 1874, p. 422-423).

Paula Frassinetti escreveu a todas as Superiores das Casas do Instituto na Europa para convocá-las para a Primeira Congregação Geral, após realizar o diagnóstico da situação da Congregação durante sua visita em todas as casas da Europa. O objetivo da reunião geral era oferecer estabilidade e vigor, pelos quais deveria primar o Instituto, segundo a observância das Regras e Constituições da Congregação:

Por muitos e graves motivos, por nós cuidadosamente ponderados diante de Deus, a Quem imploramos luz e graça para conhecer e realizar a sua santíssima vontade, tomamos a resolução de reunir em Congregação as Superiores das nossas Casas da Europa, com um certo número de Irmãs Profetas, na medida em que a conjuntura dos tempos e as circunstâncias das próprias Casas o permitirem.

⁷⁴ Difícil precisar o mês: janeiro [s.d], pela referência à doença da Superiora de Lisboa (cf. Cartas 554,555,556 e 558) ; Outubro [s.d] pela expressão “Soube neste momento que também nós estamos na lista” (cf. Cartas 601 e 603).

⁷⁵ Conservatório de Nossa Senhora das Dores, sito na Ladeira de S. Pedro em Montorio, também chamado Conservatório da Esperança. Vulgarmente conhecido por Conservatorio delle Cenciose (Andrajosas).

Este nosso propósito, que foi estudado com as nossas Consultoras⁷⁶, e em relação ao qual tivemos também o conselho de pessoas prudentes, foi plenamente aprovado pelo Em.^{mo} Cardeal Vigário⁷⁷ de S. Santidade o Papa Pio IX, que, com muita bondade, nos tinha sugerido este projecto de nos reunirmos em Congregação.

O último impulso para tomar tal resolução foi-nos dado pelo diligente exame das condições em que se encontra o nosso Instituto; esse conhecimento resulta do que observamos na Visita a todas as Casas da Europa e dos relatórios fidedignos das Superiores e das Consultoras, e do confronto do estado presente das coisas com aquilo que prescrevem e exigem as nossas Regras e Constituições.

A finalidade da próxima Congregação será dar ao nosso Instituto a estabilidade e o vigor que provêm da uniformidade de espírito e de observância regular, em plena conformidade com as mesmas Regras e Constituições (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 773, Roma, 6 de Maio de 1876, p. 662-663).

Outra Carta endereçada a todas as Superiores revelou que, após analisar a situação de todos os Colégios do Instituto, ela deu orientações e recomendações sobre o exercício e as competências do ofício de Mestra Geral, dentro da ordem e da obediência às Constituições e Regras da Congregação:

É, portanto, dever da Mestra Geral velar para que tudo se faça com ordem e segundo as nossas Regras; mas, quanto ao resto, não pode fazer inovações de espécie alguma sem o consentimento explícito da Superiora da casa, à qual deve dar minuciosas contas de tudo; nem tão-pouco tem a faculdade de aceitar definitivamente ou mandar embora aluna alguma, nem fazer qualquer abatimento na mensalidade, já estabelecida e indicada no programa do Colégio, etc., etc. E tanto as próprias educandas como os seus pais, bem como as outras pessoas externas, devem perceber, pelo modo de agir da Mestra Geral, que ela não é senhora absoluta, mas que depende da Superiora. O que não diminuirá em nada a estima e o respeito que lhe são devidos pelo ofício que exerce, antes os aumentará, porque nada há que tanto edifique os seculares como ver as súbditas dependentes e subordinadas à respectiva Superiora (FRASSINETTI, 1987, v.II. Carta 856, Roma, 8 de Abril de 1880, p. 772-773).

A obediência, a perseverança e a fé eram intuições sempre presentes nas mensagens de Paula Frassinetti para todas as Irmãs; mostrou muitas vezes por meio de seu próprio exemplo as práticas dessas virtudes, que, na realidade, seriam o reconhecimento dos limites e da fragilidade das pessoas. A obediência, para ela, pode ser expressa pela seguinte frase: *“tudo o que Deus quer também o quero eu”* (Carta 220). A análise de suas cartas revela que ela se orientava por uma bússola: a vontade de Deus.

⁷⁶ As Irmãs Assunção Pertici, Luísa Gianelli, Antonia Maurel e Isabel Cargioli.

⁷⁷ Cardeal Constantino Patrizi.

3.2. O PROJETO EDUCATIVO DE PAULA FRASSINETTI

O Projeto Educacional da Congregação foi sendo construído segundo às intuições pedagógicas de Paula Frassinetti, sempre de acordo com as necessidades do contexto histórico. Isso pode ser constatado por meio de suas cartas dirigidas às diretoras das Escolas Dorotéias, as quais foram constantes até 1882, quando de sua morte.

O Projeto Educativo de Paula Frassinetti, que há mais de um século e meio vem-se desenvolvendo nas Escolas Dorotéias, hoje, está presente em quatro continentes: Europa (Itália, Espanha, Portugal, Inglaterra, Albânia, Suíça e Ilha de Malta), África (Angola, Camarões, São Tomé e Príncipe e Moçambique), Ásia (Filipinas e Taiwan) e América (Estados Unidos, Brasil, Argentina e Peru) e concebe o ensino como privilégio da escuta do outro pela “*via do coração e do amor*”⁷⁸.

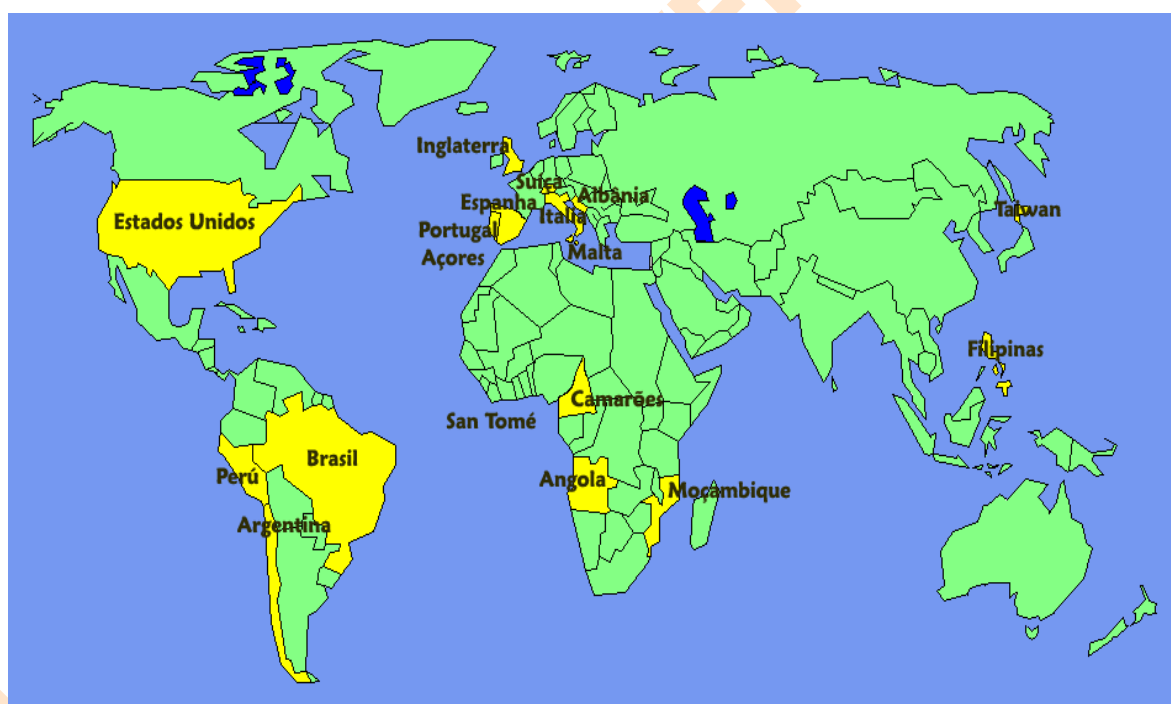


FIGURA 19: Mapa da Congregação de Santa Dorotéiaa no mundo.

Fonte: Congregação de Santa Dorotéia - Roma

⁷⁸ Princípio ou linha de ação pedagógica que Paula Frassinetti expressa em suas correspondências. A via do coração e do amor é a ação evangélica presente em todas as relações, embasando um estilo de serviço que gera confiança, abertura e disponibilidade para o verdadeiro crescimento da pessoa. (Cap. V, art.3; Cap.VI, art.9; Cap. VII, art.6- (PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DOROTEANA- PROVÍNCIA BRASIL SUL/1999).

De acordo com as Cartas e as Constituições, podemos falar que todas as Escolas Dorotéias criadas no século XIX têm suas ações iluminadas pelos princípios e valores do projeto educativo desenvolvido por Paula Frassinetti: caridade, obediência simplicidade, suavidade e firmeza, diálogo, vigilância, coragem, justiça, afetividade, respeito à individualidade, educação pela via do coração e do amor, evangelização da comunidade educativa e exercícios espirituais (sacramentos, retiros e orações), que serão apresentados por meio deste trabalho.

O Brasil foi o primeiro país para onde a Congregação Dorotéia expandiu o seu trabalho missionário, para além da Itália. A busca pela educação nos colégios da Congregação de Santa Dorotéia no Brasil durante o século XIX atendia a uma exigência da oligarquia brasileira, que percebia a necessidade de dar instrução para suas filhas, porém dentro da moral católica. Para tanto, os colégios ofereciam duas formas de ensino: o externato e o internato. O internato foi a forma ideal que correspondia ao desejo da oligarquia em oferecer um sistema educacional conservador, que ensinasse às suas filhas o cultivo da religiosidade e da moralidade; também objetivava uma instrução cultural e artística dentro da ótica humanista.

No Brasil, na área educacional, a Congregação de Santa Dorotéia divide-se, atualmente, em três Províncias:

Província Brasil Norte:

- ⇒ Colégio Santo Antônio – Belém – PA
- ⇒ Colégio Santa Dorotéia – Manaus – AM
- ⇒ Colégio Santa Tereza – São Luís – MA
- ⇒ Colégio Divina Providência – São Luís – MA

Província Brasil Nordeste:

- ⇒ Colégio Imaculada Conceição – Natal – RN
- ⇒ Externato Santa Dorotéia – João Pessoa – PB
- ⇒ Colégio Santa Dorotéia – Pesqueira – PE
- ⇒ Colégio de São José – Recife – PE
- ⇒ FAFIRE - Faculdade Frassinetti do Recife – PE

Província Brasil Sul

- ⇒ Colégio Anjo da Guarda – Bebedouro – SP
- ⇒ Colégio Nossa Senhora das Dores – Nova Friburgo – RJ
- ⇒ Colégio Paula Frassinetti – São Sebastião do Paraíso – MG

- ⇒ Colégio Santa Dorotéia – Belo Horizonte – MG
- ⇒ Colégio Santa Dorotéia – Brasília – DF
- ⇒ Colégio Santa Dorotéia – Porto Alegre – RS
- ⇒ Colégio Santa Dorotéia – Rio de Janeiro – RJ
- ⇒ Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia – Nova Friburgo – RJ

Colégios das Irmãs Dorotéias no Brasil



FIGURA 20: Mapa dos Colégios da Congregação de Santa Dorotéia no Brasil

Fonte: TONIOSSO, 2006, p.26.

A existência de várias Instituições de Ensino da Congregação de Santa Dorotéia no Mundo e, em especial, no Brasil, marca o carisma de Paula Frassinetti:

A educação é assumida como força transformadora do processo histórico-social no qual o homem está inserido; uma educação regida pela via do coração e do amor, inspirada em atitudes de suavidade e firmeza, solidariedade, cooperação, acolhimento ao outro e geradora do espírito de família. Nessa perspectiva, valoriza-se a família como instituição básica, na qual homens e mulheres irmanam-se, reconhecem-se filhos do mesmo Pai que os ama e os envia à convivência cristã, em que o amor é o centro e a felicidade, uma constante (CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA DO BRASIL, 2003, p. 41-42).

Os valores e os fundamentos que alicerçaram e nortearam o projeto educativo de Paula Frassinetti atravessam séculos, pois têm como fundamento a compreensão de que as pessoas são sempre educáveis. Neste sentido, apresentava alguns princípios básicos de orientação às Irmãs Superiores dos Colégios, assim como para as Mestras, para que a missão

de educar apresentasse resultados positivos, segundo o Plano Trienal de Educação 2004-2006 (2003):

A simplicidade e o acolhimento; a energia e o equilíbrio; a coragem e a audácia; a firmeza e a suavidade; a humildade e a verdade; a retidão e a coerência; a perspicácia e a intuição; a alegria e a ternura, a compreensão e a misericórdia; a fraternidade e a solidariedade. (p. 50-51).

De acordo com as Constituições, a Congregação podia abrir educandários e escolas, porém nunca se poderia reunir as alunas externas com as internas. Havia uma preocupação de que as meninas educadas pelas dorotéias fossem preparadas para se tornarem esposas e mães de família. Imperava a recomendação de que:

a ordem e a regularidade interna de uma família, a paz e o decoro entre os domésticos, e sobretudo, a primeira educação das crianças, depende principalmente da mãe, e é por ela que se transmite à geração seguinte o conhecimento, o amor e a prática da religião. Além disso, quantos outros efeitos felizes não produzirão no mundo os seus exemplos edificantes, e as virtudes de que for adornada! (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1999, p.62).

Existia uma grande preocupação com o bem-estar das educandas, principalmente no que tange às instalações físicas. Assim se pode verificar no trecho da carta em que as noviças cedem o dormitório para as alunas, em virtude do aumento do número de educandas:

As noviças, antes dos Exercícios, fizeram o sacrifício do dormitório de S. José, que teve de se dar outra vez as educandas, porque aumentaram muito. Às noviças deuse-lhes a enfermaria nova na qual estão melhor, porque é mais afastada das educandas. É um pouco mais incômodo por causa da água e da casa de banho que, como bem sabe, está em sítio de passagem (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 175, Roma, 1-10 de Novembro de 1860, p. 274).

Na organização pedagógica e no funcionamento do internato das escolas femininas católicas, ressalta-se a relevância da tônica ornamental na formação cultural das jovens educandas, que podemos exemplificar com as seguintes passagens citadas por Manoel (1996):

Desde o ingresso da criança nesses colégios, essa preocupação se tornava manifesta, com base no próprio programa da classe preparatória, que estipulava a ordem, o bom comportamento e a polidez como as três práticas iniciais e obrigatórias dos objetivos instrucionais.

Daí e diante, o treinamento diário das educandas se dava ao redor dessas práticas de sociabilidade, tendo como referência a etiqueta francesa.

Ao lado desse exercício cotidiano das práticas de polimento social, uma série de matérias era ensinada de modo a construir o seu lastro cultural completando, assim, o projeto educacional (p. 84).

Ainda segundo Manoel (1996):

Se não perdermos de vista que ‘prendas domésticas’ para o internato não significava aprender a lavar, passar, varrer e cozinhar, mas significava ‘obras e gosto’, temos claro que a expectativa da oligarquia em obter filhas polidas, sociáveis e “ornadas” estava sendo atendida plenamente (p. 85).

Nas *Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia*, publicada em 1851, o regime de internato aparece com destaque, no Capítulo V, o qual estabelece a ordem, ou seja, a forma de organização:

As alunas do internato serão divididas em diversas classes, segundo sua idade e capacidade. Haverá uma Mestra particular na direção de cada classe e mais uma Mestra geral do internato, cujo ofício será dirigir e ajudar as Mestras particulares e velar sobre todas as divisões do ensino, e fazer observar exatamente tudo o que é estabelecido no plano dos estudos. Fará reuniões com as Mestras, segundo a necessidade que ainda tiverem de ser formadas e quando a Superiora o julgar conveniente. Assistirá aos exames e aos exercícios que as educandas tiverem de fazer em presença da Comunidade. Assistirá de tempos em tempos às lições particulares a fim de estar em condições de julgar não somente o progresso das educandas, mas também a capacidade e a aplicação das Mestras e dar-lhes os convenientes avisos; e quando notar alguma negligência grave e habitual, o comunicará à Superiora com espírito de caridade, tendo grande cuidado de agir sempre de acordo com a Superiora (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1999, p. 67-68).

De acordo com Manoel (1996)

Cada passo era medido, estipulado por um conjunto de regras destinadas a modelar a mulher que, além dos ornamentos culturais, da polidez, portasse a marca indelével da educação conservadora. Por isso gestos, comportamentos, linguagem, tudo era vigiado, controlado, moldado (p. 78).

Uma das principais regras das Escolas Dorotéias era manter as jovens sob controle e vigilância, durante todo o dia, visando à preservação de sua virgindade, à conservação de sua inocência e também à prevenção dos perigos (AZZI, 2000).

Em um dos itens das Normas das Escolas Dorotéias, constava o seguinte detalhe:

Serão vigiadas atentamente as educandas para impedir que jamais lhes sejam dados livros, cartas ou quaisquer escritos sem a permissão da Mestra Geral, e sem que ela os tenha primeiro visto e conhecido. Todas as que são empregadas na vigilância das meninas, considerem esse ofício como o mais sagrado dos deveres (AZZI, 2000, vol.2, p. 27).

Em carta dirigida às Superiores e Consultoras das Casas do Instituto, Paula alerta os cuidados que deviam ter com a vigilância nos colégios.

O segundo cuidado seja a renovação dos Colégios, particularmente no que diz respeito à vigilância; se os Colégios forem organizados segundo as Regras, daí resultará grande benefício para o Instituto, porque adquirirá boas vocações, e grande benefício também para a sociedade porque, saindo as jovens bem fundadas numa piedade sólida, serão anjos de paz nas suas famílias, o que redundará em grande glória para Deus, fim único dos nossos trabalhos. Mas, para o conseguir, notai bem que, especialmente por agora, é necessário não se sobrecarregar excessivamente com o trabalho. Insisto nesse ponto, porque o falso zelo às vezes nos poderia enganar (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 229, Roma, 20 de Abril de 1865, p. 380).

A religião deve ser a base e o fim da educação; portanto, o restante seria apenas acessório, como ordenado pelas Constituições:

Um acessório, mas ou menos, necessário, porque as Irmãs devem formar jovens chamadas, na maior parte, a viver no mundo; devem por isso, edificar sem irritar, conhecendo e seguindo as conveniências, em tudo o que não é contrário ao Santo Evangelho (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1999, p. 63).

O ensino de religião fazia parte da missão educativa, como indicado pelo Plano Trienal de Educação 2004-2006 (2003): “as escolas da Congregação de Santa Dorotéia possuem a missão de evangelizar, mediante a educação, dentro de princípios éticos e cristãos, em fidelidade à doutrina e determinações da Igreja, segundo as intuições pedagógicas de Paula Frassinetti” (p. 54).

Nas Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia, 1999), é bem claro o papel da religião nas Escolas Dorotéias:

pela nossa vocação, na Igreja, somos enviados a evangelizar por intermédio da Educação, com preferência pela juventude e pelos mais pobres. Educar, para nós, significa deixar-nos possuir pela pedagogia do Evangelho, que leva o homem a descobrir que é amado por Deus, a acreditar nesse amor e a crescer como pessoa, até a plenitude da maturidade em Cristo (CONSTITUIÇÕES, ART. 26).

As alunas deveriam estudar também as ciências humanas, que dariam suporte às jovens cristãs para servir a Deus no mundo. Como exemplifica as Constituições, o estudo deveria:

limitar-se a ensinar as educandas o que convém a uma pessoa chamada a viver cristãmente no mundo, segundo as circunstâncias do seu estado e condição. Por isto, além do estudo da leitura e da escrita, que convém a todos, se lhes dará alguns conhecimentos elementares de gramática, história, geografia e aritmética. Não se descuidava de cultivar-lhes a memória, fazendo-as aprender cuidadosamente o que mais importa saber para o modo de proceder na vida e para ornamento da boa sociedade (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1999, p. 66).

As artes de ornamento eram ministradas seguindo uma orientação, para que as alunas adquirissem o gosto pelo trabalho doméstico. Elas também deveriam conhecer bem o catecismo, ser orientadas para a Primeira Comunhão, para os santos sacramentos e para o respeito e amor à Igreja.

Havia um regulamento que tratava das ocupações diárias e dos exercícios de piedade, do qual faziam parte:

as orações da manhã e da noite, a Santa Missa, a oferta das ações, um quarto de hora de meditação, exame de consciência, leitura espiritual, visita ao Santíssimo, se o tiverem em casa: a confissão ao menos cada quinze dias, e a comunhão, quando forem julgadas dignas dela (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1999, p. 63-64).

Mostrava-se a importância pelo desprezo e afastamento das ostentações do mundo e da escravidão da moda, assim como a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e à Santíssima Virgem. Como exemplo, podemos citar as recomendações dadas para a educação das meninas, conforme as Constituições (1999) a respeito das vaidades do mundo:

Recordar-se- à muitas vezes que o desprezo do mundo e suas vaidades e dos seus prazeres, a renúncia a si mesma e a vontade própria são a base e o fundamento da vida cristã, da qual Jesus Cristo nos deixou perfeitíssimo modelo na sua própria pessoa. Procure-se inspirar-lhes, pois enquanto é tempo, o desprezo e afastamento das vãs ostentações do mundo, da escravidão da moda, tão contrário à humildade e à decência que o cristianismo prescreve. Que se façam conhecer e vivamente considerar os perigos dos bailes e teatros, esforçando-se por colocá-las em condições de resistir as seduções do mundo que procurará atraí-las. À força de pequenos sacrifícios, insinuados com doçura, se habituarão a fazer a Deus, um dia, no mundo, os sacrifícios mais penosos exigidos pela sua consciência pela salvação. Para formá-las neste espírito de generosidade e de sacrifícios para com Deus, se lhes colocará sempre, diante dos olhos, o grande mistério da Paixão e Morte de Jesus Cristo que se ofereceu ao Eterno Pai em sacrifício pela nossa salvação (p. 65).

Nas Cartas que Madre Paula escrevia às Irmãs Superiores dos Colégios, eram transmitidas orientações de como proceder com as alunas, sempre dentro dos princípios e valores que norteavam seu Projeto Educativo. Outras vezes, fazia uso de exemplos, e até advertia sobre a importância da prudência e do discernimento para as tomadas de decisões; além de procurar agir sempre com uniformidade, servindo de modelo para as alunas:

É necessário ser sempre calma, paciente, mansadona de si mesma, tendo continuamente um modo de proceder uniforme e um caráter igual, não se deixando levar pela vivacidade e pela cólera. Pode-se, em certas circunstâncias, mostrar indignação, mas à maneira do profeta quando diz: “Irai-vos, mas não pequeis”. Não se dirão nunca às meninas palavras injuriosas e ofensivas: enfim, os modos e a atitude exterior das nossas irmãs devem ser de tal modo dominados que possam servir de modelo as educandas. É necessário ter muita prudência, discernimento e cautela nos entretenimentos com as educandas, quer na recreação, quer em outras ocasiões (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1999, p. 71-72).

O silêncio era um instrumento muito importante:

Discrição que se faz com que uma mestra se cale quando não é preciso falar, e fale quando é necessário. O silêncio produz a ordem e a tranquilidade da classe, assegura o progresso das alunas, evita muita fadiga inútil e nociva à saúde das Mestras. A experiência prova que as mestras que falam muito são pouco ouvidas e pouco consideradas. É preciso abster-se de falar muito alto na classe, pois atordoia e cansa as meninas, sem nenhum proveito próprio para elas nem para as mestras, que perdem a saúde que deveriam conservar para poderem trabalhar para a maior glória de Deus (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1999, p. 72).

As Constituições indicavam que, sempre que possível, a escola para as meninas externas deveria funcionar em local separado da parte das educandas⁷⁹, que no caso eram as alunas internas, e mais especialmente as da classe pobre - clientela das primeiras Casas da

⁷⁹ Designação dada às alunas internas.

Congregação. Elas deveriam ficar na escola o maior tempo possível para aprender bem o catecismo e a instrução conveniente à sua idade, capacidade e condição.

As escolas tinham uma Mestra Geral e tantas outras Mestras quantas fossem necessárias para a instrução das alunas e para a manutenção da ordem. A Mestra Geral das escolas estava sob as ordens da direção da Superiora da Casa.

A idade para admissão de alunas era a partir dos seis anos, sendo divididas em três classes: a primeira era composta pelas mais capazes e instruídas, e para entrar nesta classe, era necessário saber o catecismo, ler correntemente e já ter iniciado o processo de aquisição da escrita; a segunda era composta pelas meninas menos instruídas, mas que já começaram a ler, para que pudessem estudar o catecismo, e a terceira classe era composta pelas meninas menores que precisavam aprender a leitura.

As aulas começavam e terminavam com orações. As mestras deveriam conduzir suas aulas com prudência e firmeza, deveriam ser sóbrias nas punições para não comprometer a autoridade. Havia distribuição de três prêmios (primeiro, segundo e terceiro lugares) para cada classe, após realização de exame de toda a matéria ensinada durante o ano, no qual eram avaliados o progresso e a boa conduta das alunas. Era dado também um prêmio distinto de sabedoria, para a aluna mais aplicada.

O projeto educativo de Paula Frassinetti priorizava um currículo que ensinasse noções básicas de formação humanística e moral, com uma tônica nas artes em geral e no ensino dos bons modos, assim como preparavam as alunas para as apresentações do final do ano, no caso, o ensino do canto, piano e declamação, como relata Manoel (1996):

Esses colégios não preparavam eremitas para a vida contemplativa, mas jovens que ocupariam lugares centrais na sociedade. Por isso, a recusa do corpo estancava nos limites da polidez: era necessário adestrá-lo para executar os movimentos e os gestos conforme um conjunto de etiquetas que abrangiam desde o sentar-se corretamente e comer maçãs com faca e garfo, até a maneira correta de abrir o lenço e assoar-se (p. 80).

Dessa maneira, ao colocar suas filhas nas escolas da Congregação das Dorotéias, os pais esperavam que as jovens rompessem com seus:

hábitos de rusticidade, e fossem preparadas para os modos de vida nas cidades. Ao mesmo tempo, porém, desejavam que essa nova educação mantivesse também padrões morais conservadores, sem qualquer influência do espírito libertário que começava a se afirmar em alguns setores bem específicos e mais intelectualizados da população. Apreciavam, portanto, os princípios éticos que eram inoculados pela escola católica, mantendo a mulher na dependência do marido, e privilegiando sua condição de mãe e dona de casa. Em termos de educação moral, de fato, as alunas das dorotéias eram orientadas para a vida familiar, sendo o lar considerado o lugar por excelência do sexo feminino. Nas aulas, eram também inculcados o respeito à autoridade, a submissão e a obediência, bem como formas de conduta recatada, condição indispensável para a guarda da virgindade (AZZI, 2000, p. 223).

Paula Frassinetti dizia que era necessário manter os seguintes aspectos para que o processo educativo funcionasse a contento: a vigilância, a disciplina, a limpeza e a ordem. Ela falava às Mestras que deveriam zelar pela manutenção da ordem em todos os espaços escolares, usando de um princípio tantas vezes referendado nas cartas: agir com *firmeza e suavidade*⁸⁰ para se fazerem obedecidas pelas jovens. De acordo com os *Princípios da Educação Doroteana* (Província Brasil Sul/1999- Cap. V, art. 2 e 3), esses eram um modo de proceder com as educandas que requeria equilíbrio, bom senso, prudência, imparcialidade e justiça nas relações. Para Madre Paula, era importante que o educador tivesse zelo pelo seu aluno, respeitando a sua individualidade e demonstrando sensibilidade na percepção das dificuldades, além de agir com respeito e sem precipitações ou interpretações equivocadas. Paula Frassinetti recomendava que, nas escolas:

o espírito de doçura e de bondade para com as educandas, isto mais especialmente se recomendava para com as meninas externas, as quais, sendo na maior parte das vezes exposta a mil perigos, mais devem interessar ao seu zelo. Demonstrar-lhe-ão, por isso, a mais terna caridade, unida com a firmeza que for necessária para manter a ordem, o silêncio e a tranqüilidade (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1969, p. 74).

No caso específico, as Irmãs Dorotéias priorizavam a educação católica, as devoções à Maria Imaculada, ao Coração de Jesus e a São José; e as filiações ou associações religiosas: Filhas de Maria e dos Santos Anjos. Constituíam-se de estratégias para o fortalecimento da fé católica, da manutenção da virgindade até do casamento e da fidelidade às normas de conduta moral:

Além da doutrinação religiosa recebida na sala de aula e dos conceitos e valores morais conservadores, hauridos na leitura de textos propositadamente selecionados, as educandas eram envolvidas em práticas constantes de religiosidade, seja por meio das orações, de atos litúrgicos ou de festejos comemorativos de santos padroeiros ou devocionais. (MANOEL, 1996, p. 82).

As Dorotéias, preocupadas com a formação religiosa das jovens, davam ênfase aos sacramentos, principalmente à confissão e à comunhão. Irmã Pingiani narra que: “nós ouvíamos a missa do coro, e descíamos para a comunhão. As meninas que comungavam aos domingos eram motivo de curiosidade para muitas famílias”. (PINGIANI, 1866, p.36 apud AZZI, 2000, p.176). Ainda, segundo relato desta irmã:

Diversas alunas, além de se confessarem e comungarem no colégio faziam questão de promover essa prática sacramental em seu lar durante o período de férias.

⁸⁰ São atitudes presentes com equilíbrio no trato com o educando, buscando a harmonia entre a afetividade e a razão nas relações. Não se descuida a correção quando for necessário; contudo, que seja algo natural e saudável dentro de princípios de autoridade, sem recorrer ao autoritarismo. (Cap. VI, art.11; Cap. VIII, art. 3-PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DOROTEANA- PROVÍNCIA BRASIL SUL/1999).

Algumas tinham feito confessar a mãe, outras tinham obtido do pai que fizesse confessar os escravos, e lhes fizesse pregar uma missão. Outras tinham instruído suas escravazinhas, e as tinham preparado para a primeira comunhão. (PINGIANI, 1870, p.1 apud AZZI, 2000, p. 177).

A organização das Filhas de Maria constituía de acordo com Azzi (2002, p. 188) “uma espécie de elite religiosa no colégio, encarregando-se de orientar as demais companheiras nos exercícios de piedade e de virtude”. Quase metade das alunas participavam da associação das Filhas de Maria e, segundo este autor:

Convém ter presente que a finalidade dessa associação era não apenas intensificar nas jovens o espírito de piedade, mas também estimulá-las a guardarem fielmente a virgindade até o casamento, e até mesmo perpetuamente, caso se decidissem a ingressar numa ordem ou congregação religiosa (AZZI, 2000, p. 188).

Em relação a essa organização Irmã Pingiani relata um fato acontecido em maio de 1872:

Havia uma santa competição no amor à Virgem. Eu me lembro de que a presidente das Filhas de Maria - a cara Francisquinha Beltrão, de 16 anos - veio um dia ao meu gabinete e, desolada, chorava copiosamente. No princípio eu me surpreendi porque nunca a tinha visto assim. Não sabia o que tinha acontecido que tanto a contristasse. Finalmente se acalmou e ingenuamente me disse que tinha tanta pena ao ver e sentir seu coração tão frio no amor à Maria Santíssima, enquanto todas as suas companheiras eram tão fervorosas. Mal sabia ela que para o fervor de suas companheiras contribuiu muito o seu bom exemplo, que era um verdadeiro tipo de piedade. A Santíssima Virgem, por graça especial, escondia à sua filha sua virtude, conhecida por todos, menos dela própria [...] (PINGIANI, 1872, p.10 apud AZZI, 2000, p. 187-188).

A importância que Paula Frassinetti dava à formação espiritual das alunas está expressa na Carta que escreve para Irmã Josefina Pingiani contando que, apesar de todos os problemas que pesava sobre Roma, consolava-se por antigas alunas participarem dos exercícios espirituais no Instituto:

Escrevo com muita pressa; temos dezanove jovens externas que fazem os Santos Exercícios; são quase todas nossas antigas alunas. Consolam-nos com a sua boa vontade, mas amargura-nos muitíssimo ver como a pobre juventude é arrastada para toda a espécie de males. Reze e reze muito pela sua pobre Roma, transformada em verdadeira casa do demônio, por toda a espécie de escândalos, blasfêmias e tiranias (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 489, Roma, 13 de Março de 1872, p. 105).

Podemos falar da importância que Paula Frassinetti dava ao projeto educativo por um fato ocorrido no meio do ano letivo de 1871. Sobre ele, escreve a Irmã Rosa Podestà, Superiora da Casa de Covilhã, em Portugal, que expõe os motivos por que a Casa de Lisboa não podia enviar uma Irmã para ajudá-la:

A Superiora da Casa de Lisboa lamenta muito não poder satisfazê-la, mandando-lhe a Ordaz⁸¹, que lhe foi pedida. Diz não ter outra que a possa substituir, e tirá-la agora, no meio do ano escolar seria o mesmo que arruinar o Colégio, que é preciso manter

⁸¹ Irmã Maria Filomena Ordaz.

com a dignidade possível, para que possa desenvolver-se; e isto só se conseguirá, se as primeiras alunas tiverem êxito (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 454, Roma, 2 de Maio de 1871, p.34).

Ainda preocupada com o andamento do projeto educativo, explica para a Superiora de Covilhã:

Procure, portanto, acomodar-se como puder; aí, estando no princípio pode adiar por algum tempo o começo das lições de piano, de francês, etc. Mas quem já tem o colégio organizado há alguns anos não pode certamente dispensar as mestras, se não houver quem as substitua; e, ainda que tivesse mestras, e com igual capacidade, nunca conviria mudá-las no meio do ano (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 454, Roma, 2 de Maio de 1871, p. 34).

Por meio da leitura das fontes históricas, no caso as *Cartas* de Paula Frassinetti e as *Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia*, percebe-se o comprometimento de Paula Frassinetti com uma formação integral das alunas.

Educando dentro de uma linha evangelizadora e imbuída de uma *pedagogia do encorajamento*⁸², ela tecia o seu projeto educativo, conforme as necessidades do momento histórico-cultural, assim como das particularidades de cada lugar e do perfil das alunas. Paula Frassinetti ensina a educar pela *via do coração e do amor*. Como ela mesma dizia: “onde não posso chegar com a pena, procuro chegar com o coração” (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 293, Roma, 6 de Junho de 1867, p.493), ou seja a *pedagogia da afetividade*.

3.3. EDUCAÇÃO COMO MISSÃO: AS SIMILARIDADES DO PROJETO EDUCATIVO DE MARCELINO CHAMPAGNAT E PAULA FRASSINETTI

As Congregações religiosas nascidas no século XIX apresentavam alguns princípios e valores semelhantes. Podemos fazer uma analogia entre a proposta de educação do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, ou Instituição Marista, fundada por José Bento Marcelino Champagnat, na França, em dois de janeiro de 1817, em La Valla, uma região montanhosa, cortada pelos rios Gier e Ban e praticamente abandonada pelo Estado francês.

Champagnat, assim como Paula Frassinetti, também viveu um momento historicamente conflituoso para a França, período pós-Revolução Francesa, do declínio da Era Napoleônica e à restauração da monarquia. É neste contexto, que Champagnat inicia o

⁸² Segundo COSTA, Flávia Fernanda et al. **Um olhar sobre a educação... de Paula Frassinetti a Paulo Freire**. Porto Alegre, RS: Salles, 2002. Pedagogia do encorajamento entenda-se como uma resposta de Paula Frassinetti aos conflitos e medos da época, recomendando as Irmãs para que não perdessem a coragem diante dos desafios.

trabalho da Congregação de Irmãos voltada à educação de jovens necessitados; da mesma forma como Paula Frassinetti fundou a Congregação de Santa Dorotéia, inicialmente para atender as jovens carentes. Ambos pretendiam com seus projetos educativos promover a educação integral: os Maristas voltados para a educação masculina e as Dorotéias para a educação feminina.

Champagnat, assim como Paula Frassinetti (SAADI, 2002), recebeu muita influência de seu pai, que lhe ensinou os valores do Estado e da Revolução Francesa, preparando-o para ser um bom cidadão, e estimulando as virtudes da prudência, da conciliação; recebeu da mãe e da tia Luiza, que era freira da Congregação São José de Chamberry, os princípios religiosos da fé, da piedade e da devoção a Maria.

Champagnat, como Paula Frassinetti, recebeu os primeiros ensinamentos pelas mãos de sua tia freira em casa. Porém, como diz (SAADI, 2002), no caso de Champagnat, o processo de alfabetização foi iniciado mais tarde. Como ele não apresentava resultados positivos, foi encaminhado para um professor para ensinar-lhe a ler e a escrever. No entanto, assustado com o que presenciou na escola, não quis mais voltar a estudar com aquele mestre:

No primeiro dia, como era tímido e não ousava sair de seu lugar o mestre o chamou junto a si para a leitura, mas outro aluno apresentou-se e posto-se à frente de Marcelino. O mestre, tomado de nervosismo, pensando talvez agradar ao jovem Marcelino, deu uma bofetada no rapaz que se adiantara e o mandou chorando para o fundo da sala. Tal atitude não era de molde a tranquilizar o novo aluno, menos ainda levá-lo a curar sua timidez. Ele diria mais tarde que tremia todo e tinha mais vontade de chorar que de ler. Essa brutalidade revoltou-lhe o espírito de justiça. Pensou consigo: não volto à escola de um tal mestre; o tratamento injusto dado àquele menino prova o que posso esperar dele. Na primeira ocasião poderá tratar-me de igual maneira. Não me interessam, pois, nem suas lições e menos ainda seus castigos. De fato, apesar das instâncias dos pais, não quis mais voltar a estudar com aquele professor (BATISTA, 1989, p.5 apud SAADI, 2002, p.28).

Champagnat também teve uma péssima experiência no primeiro dia de aula do catecismo, como descreve (SAADI, 2002): “logo no início, o mestre imprudente apelidou um garotinho tímido e desconfiado. A turma tomou conta do pequeno infeliz, e a pobre criança desistiu da escola, incapaz de suportar o ridículo” (p. 29).

Os dois episódios ficaram profundamente marcados na vida de Champagnat, o qual permaneceu praticamente analfabeto até entrar no seminário, em 1895. E de certa forma, segundo (SAADI, 2002) posteriormente vão determinar os rumos da proposta de educação dele, que seria o de ajudar as crianças, em oposição aos fatos vivenciados anteriormente.

Os pontos comuns dos *princípios, valores e intuições pedagógicas* pregados por Champagnat e Paula Frassinetti podem ser assim descritos:

- Inspiraram-se na pedagogia jesuítica, através do *Ratio Studiorum*; as *cartas* deixadas pelos dois são os principais documentos para a construção dos seus projetos educativos;
- Ambos *não descuidavam de seus colégios*, visitando-os, conversando com alunos e orientando e incentivando os mestres a praticarem as grandes virtudes;
- A luta para obter o *reconhecimento e aprovação* das suas escolas. Os projetos educativos desenvolvidos pelos dois tinham como objetivo principal promover a *educação integral*, isto é, em todas as dimensões: espiritual, intelectual, moral, afetiva, social e psicológica;
- A importância da *disciplina* para o funcionamento do projeto educativo e também do *silêncio*, pois sem ele não poderia haver aprendizagem;
- Champagnat dizia que *o educador é aquele que ama os seus alunos*, e Paula Frassinetti ensinava a *educar pela via do coração e do amor*;
- Champagnat acreditava que a grande virtude do educador deveria ser a *paciência* para com o aluno, e Paula Frassinetti, que *“as pessoas não as podemos formar todas a nosso modo. E, como poderíamos exercitar a paciência, se todos tivessem o nosso feitio e pensar?”* (Carta 131- Roma, 19 de setembro de 1857).
- A *educação pelo exemplo*; para isso, procuravam ser exemplos para os mestres, e utilizavam as experiências de vida dos santos;
- Pregavam a importância da *alegria no ambiente escolar*; como dizia Paula Frassinetti: *“quando não tem alegria é sinal que algo não vai bem”*;
- Tinham a preocupação com a *formação dos mestres*; para isso, usavam vários recursos para qualificá-los, assim como para motivá-los;
- A importância do cultivo das virtudes da *simplicidade, humildade e zelo* do mestre para transmitir aos alunos os verdadeiros valores que lhes fariam cidadãos cristãos;
- Desenvolver nos alunos a *educação cristã*, através do ensino do catecismo, dos exercícios espirituais e das orações, e da participação nas cerimônias religiosas;
- Champagnat destacava que: *“a firmeza não deve degenerar em dureza, nem a doçura em falta de energia”* (BATISTA, 1989, p. 490 apud SAAID, 2002, p. 78) *“a correção e a repreensão só são possíveis quando existe amor e respeito”* (SAAID, 2002, p. 78) e ainda, *“o mestre deve punir, com precaução”* (SAAID, 2002, p. 79) e Paula Frassinetti, em outras palavras, descrevia que: *“a firmeza seja*

sempre temperada com a suavidade nos modos e nas palavras” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 801, Roma, 31 de julho de 1877, p.712),

- Preocupavam-se com a educação do corpo, no sentido do asseio e da higiene, com a postura do corpo; por exemplo, durante as brincadeiras do recreio, havia sempre uma pessoa para tomar conta, para evitar algum acidente;
- Os alunos eram estimulados a aprenderem através do método da *emulação*⁸³;
- Havia uma grande preocupação com a formação moral dos alunos. Os projetos de educação dos dois tinham como o centro educar os jovens para a fé e espiritualidade voltada para Jesus e Maria, objetivando evangelizar pela educação e formar bons cristãos e pessoas virtuosas;
- Para Champagnat a pedagogia da presença se baseava no seguinte princípio: “para educar as crianças deve-se amá-las e amá-las igualmente a todas” (FURET, 1856, p. 374 apud SAADI, 2002, p. 103), enquanto Paula Frassinetti afirmava: “pela via do coração e do amor pode conseguir-se tudo, mas um pouco de cada vez” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 663, Roma, meados de Novembro de 1874, p. 449).

Tanto Marcelino Champagnat, quanto Paula Frassinetti, sem formação acadêmica, nascidos e criados no século XIX, em momentos de grandes tensões políticas, sociais e culturais nos seus países de origem, no caso, França e Itália, respectivamente, fundaram Congregações Religiosas totalmente dedicadas à missão educativa.

Apesar de não pretenderem ser grandes pedagogos, nem terem deixado nenhuma obra sobre a educação, comunicavam-se com suas comunidades religiosas através de cartas, as quais continham suas intuições pedagógicas, que legaram, cada qual, o seu modelo de educar, ou seja, “evangelizar pela via da educação”.

⁸³ Segundo SAADI, Lamia Jorge. **Educação marista: o colégio Champagnat de Franca (1902-1971)**. Franca, SP, 2002, 223p. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. É um método adotado em muitas Escolas de Educação Cristã e que se baseia na competição entre um aluno e outro, ou entre um grupo e outro da mesma turma, e, por vezes, entre classes diferentes, porém do mesmo nível. A competição envolve as disciplinas de estudo. O aluno que conseguir o maior número de pontos é considerado vencedor e recebe um prêmio.

4. O “CURRÍCULO” COMO TRAJETÓRIA DO PROJETO EDUCATIVO DE PAULA FRASSINETTI

“As pessoas não as podemos formar todas a nosso modo. E, como poderíamos exercitar a paciência, se todos tivessem o nosso feitio e pensar?” – Paula Frassinetti – Carta 131 – Roma, 19 de Setembro de 1857.

4.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE CURRÍCULO⁸⁴

A preocupação sobre o que ensinar tem início com a tradição anglo-saxônica, em torno do currículo, como os fins dos conteúdos do ensino. Posteriormente, esse conceito se ampliou, tanto que se pode falar que hoje os estudos sobre “currículo” são heterogêneos e dispersos, porque existem teóricos que desprezam a questão da análise sobre os conteúdos; outros estão preocupados em proporcionar esquemas para os professores de como organizar e ministrá-los.

Dessa forma, de acordo com Tanner e Tanner (1980 apud SACRISTÁN, 1998), na história do pensamento pedagógico sobre currículo existe uma linha dominante que separou *temas* (sobre o currículo) e *instrução*. Entende-se por temas os conteúdos do ensino, e a instrução refere-se mais à parte operacional, como desenvolvê-los na prática.

Eisner (1979, p. 163-64 apud SACRISTÁN, 1998, p. 123) afirma que o ensino é o conjunto de atividades que transformam o currículo na prática, para produzir a aprendizagem. Para Kemmis (1988, p. 12 apud SACRISTÁN 1998, p. 123), o currículo trata do projeto educativo que é realizado nas aulas, ou seja, incorpora-se à dimensão dinâmica de sua realização. Não importa somente o projeto, mas também seu desenvolvimento prático.

Como assinala Kliebard (1989 apud SACRISTÁN 1998, p. 124), o currículo é uma seleção limitada de cultura, já que o tempo de escolarização e a capacidade dos alunos eram limitados. Assim, levanta-se um grande problema. De um lado, representa o conteúdo selecionado em relação ao capital (cultura e conhecimento) disponível numa sociedade; de outro lado, apresenta um problema de distribuição, ou seja, como se reparte socialmente a

⁸⁴ Neste trabalho o termo currículo é entendido como o conjunto de atividades desenvolvidas de acordo com as necessidades e o contexto histórico e cultural do local, onde se instalava um Colégio Doroteano, ou seja, currículo como trajetória do projeto educativo desenvolvido em cada colégio.

cultura. Assim, de acordo com Sacristán (1998, p. 124): “na escolarização em suma, não se aprende tudo, nem todos aprendem o mesmo, daí que o primeiro problema curricular tem um significado social e político”.

Segundo Sacristán (1998):

O termo currículo provém da palavra latina *currere*, que se refere à carreira, a um percurso que deve ser realizado, por derivação, a sua representação ou apresentação. A escolaridade é um percurso para os alunos, e o currículo é seu recheio, seu conteúdo, o guia de seu progresso pela escolaridade (p. 125).

Ainda que o termo remonte à Grécia antiga, hoje aparece como problema a ser resolvido pelas organizações de gestão e controle do sistema de educação, ou seja, pelas políticas públicas; no momento em que a escolarização atinge as massas, e se é necessário dar ordem e seqüência aos conteúdos.

Para Tonkins (apud GOODSON, 2003, p. 117) “currículo”:

é o curso aparente ou oficial de estudos, caracteristicamente constituído em nossa era por uma série de documentos que cobrem variados assuntos e diversos níveis, junto com a formulação de tudo – ‘metas e objetivos’, conjuntos e roteiros- que, por assim dizer, constitui as normas, regulamentos e princípios que orientam o que deve ser lecionado.

O currículo, como diz Sacristán (1998, p. 125), também tem uma “função reguladora da prática, desempenhando o papel de uma espécie de partitura interpretável, flexível, mas de qualquer forma determinante da ação educativa”.

Segundo Contreras (1990), existem quatro grupos de interrogações para atestar o significado do currículo (CONTRERAS, 1990, p.176 apud SACRISTÁN, 1998, p. 126):

- 1º Grupo: atende ao que se deve ensinar ou ao que os estudantes devem aprender;
- 2º Grupo: pensa no que se deveria ensinar e aprender ou no que realmente se transmite e se assimila;
- 3º Grupo: a preocupação é se limitar aos conteúdos, ou abrange também as estratégias, os métodos e os processos de ensino;
- 4º Grupo: objetiva o currículo como uma realidade estanque ou como algo que se delimita no processo de seu desenvolvimento.

Conforme indica Sacristán (1998), a escolha dessas vertentes levará ao entendimento sobre a realidade e as competências dos professores e das escolas. Percebe-se, então, a amplitude variável do significado de currículo: é elástico e impreciso, porque depende do enfoque que o desenvolve, pois oferece perspectivas diferentes sobre a realidade do ensino. Desta forma, a escolarização vai além da preparação intelectual e acadêmica, refletindo nas crenças dos pais e professores.

Segundo Sacristán (1998):

O currículo significa coisas diversas para pessoas e correntes de pensamento diferentes, porém podemos perceber uma certa diretriz, a qual podemos destacar: a evolução do tratamento dos problemas curriculares, o que se pretende na educação (projeto), como organizá-lo (organização, desenvolvimento) e como ocorrem realmente no ensino (prática) que se reflete nas condições concretas (p. 126).

Assim, como afirma Lundgren (1983 apud SACRISTÁN, 1998, p. 128): “O currículo vem a ser uma espécie de texto cuja pretensão é a reprodução de uma forma de entender a realidade e os processos de produção social aos quais se diz que a escola deve servir”.

Podemos afirmar que a questão curricular está diretamente ligada à cultura da escola. O currículo deve ser entendido como processo, pois ele é resultado das interações da escola e da sociedade em geral. Assim, currículo expressa-se de forma distinta, conforme o esquema apresentado por Sacristán (1998, p. 139):

Currículo Prescrito e Regulamentado: é aquele que se manifesta no âmbito de decisões políticas e administrativas;
 Currículo Planejado para professores e alunos: é aquele que se manifesta através de práticas de desenvolvimento, modelos em materiais, guias, etc.;
 Currículo Organizado no contexto de uma escola: é aquele que se manifesta através das práticas organizativas;
 Currículo Avaliado: é aquele que se manifesta através das práticas de controle internas e externas;
 Currículo em Ação: é a reelaboração na prática, transformação no pensamento e no plano dos professores e nas tarefas acadêmicas;
 Currículo Oculto: “caracteriza-se por duas condições: o que não se pretende e o que é obtido por meio da experiência natural, não diretamente planejado pelos professores em suas aulas” (MCCUTCHEON, 1988, p. 191 apud SACRISTÁN, 1998, p. 134).

O conceito de currículo é muito amplo, porque ele possibilita uma visão da cultura ensinada na escola, tanto do ponto de vista de sua face oculta, quanto da manifesta, levando-se em consideração a realidade em que se insere e desenvolve.

Assim, devemos entender o currículo dentro do projeto educativo da escola, como processo historicamente constituído, conduzido pelas forças dominantes, podendo tanto reproduzir como intervir nessa sociedade.

Portanto, entender o sentido da educação e a prática de ensino na sala de aula, pela lógica do currículo planejado, significa ir além das questões do método, da didática e da formação de professores. Tudo isso nos faz compreender que a dimensão da complexidade dos problemas relacionados ao currículo vai além das questões técnico-científicas, como dizem Beyer e Apple:

Que se queremos fazer do currículo um pensamento que trate seriamente a prática, devem-se abordar questões complexas de ordem: **epistemológica** (o que deve ser considerado como conhecimento), **política** (quem controla a seleção e distribuição do conhecimento), **econômico** (como se relaciona o conhecimento com a distribuição desigual de poder, bens e serviços na sociedade), **ideológica** (que conhecimento é o mais valorizado e a quem pertence), **técnica** (como tornar exequível o conhecimento para os alunos/as), **estética** (como ligar o conhecimento com a experiência e biografia do aluno/a), **ética** (que idéia de moral preside as relações professores/as e alunos/as), **história** (com que tradição contamos para abordar estas interrogações e que outros recursos necessitaremos) (APPLE, 1988, p.5 apud SACRISTÁN, 1998, p. 146).

Para Apple (1996), a escola está em constante conexão com as relações de dominação e exploração da sociedade. Embora haja resistências, contestações e transformações em relação à dominação, mesmo assim “não diminui o fato de que as culturas hegemônicas têm maior poder para se fazerem conhecidas e aceitas” (APPLE, 1996, 34).

Dessa forma, segundo Apple (1996), o trabalho educacional que não entenda a escola em conexão com as relações de dominação e de exploração que ocorrem nas sociedades, assim como de ver a complexidade do nexo poder/saber, está em perigo de perder sua alma:

Como educadores/as, estamos envolvidos/as numa luta em torno de significados. Entretanto, nesta sociedade, como em todas as outras, apenas certos significados são considerados ‘legítimos’, apenas certas formas de compreender o mundo acabam por tornar-se ‘conhecimento oficial’ (APPLE, 1996, p.34).

O cerne do currículo nas escolas católicas, em especial nos Colégios das Dorotéias era o ensino da religião, que antes de qualquer coisa deve ser a base e o fim da educação; portanto, o primeiro objeto do ensino. Desta forma o ensino religioso, além das disciplinas de caráter formativo e moral ajudava a moldar e a delinear o perfil das alunas, segundo o projeto educativo desenvolvido pelas escolas católicas. Neste sentido é que podemos concordar com o que diz Apple (2006):

As escolas ‘produzem’ ou ‘processam’ tanto o conhecimento quanto as pessoas. Em essência, o conhecimento formal e informal é utilizado como um filtro complexo para ‘produzir’ ou ‘processar’ pessoas, em geral por classes; e, ao mesmo tempo, diferentes aptidões e valores são ensinados a diferentes populações, freqüentemente também de acordo com a classe (e o sexo e a raça) (p. 68).

A escolha das disciplinas e dos seus respectivos conteúdos assim como as formas de ensinar estes saberes vão constituir a base da formação das subjetividades daqueles que delas participam. Por isso, como diz Apple (2006): “as escolas produzem ou processam tanto o conhecimento quanto as pessoas” (p. 68).

Podemos então afirmar que a maioria das escolas católicas voltadas à educação feminina, no século XIX, desenvolveram, além do currículo prescrito, o “currículo oculto”, na medida em que havia, segundo Apple (2006), a preocupação com a padronização dos ambientes educacionais, com o ensino, por meio da interação escolar cotidiana, de valores

morais, normativos e de inclinações diversas. Neste sentido, o *currículo oculto* pode nos auxiliar a desvendar a relação histórica entre o que se ensina nas escolas e o contexto macro das instituições onde estão inseridas.

Atualmente, existe uma discussão muito ampla sobre o tema, que envolve várias correntes ou divisões, mas gostaríamos de ressaltar a noção de currículo prescrito de Sacristán (2000):

O currículo prescrito não pode nem deve ser entendido como um tratado pedagógico e um guia didático que oferta planos elaborados para os professores, porque tem outras funções mais decisivas para cumprir, desde o ponto de vista de política educativa geral, do que ordenar os processos pedagógicos nas aulas. Se a política curricular pode e deve ajudar os professores, deve fazê-lo por outros meios (p. 118).

Na realidade, segundo Sacristán (2000), a prescrição ajuda a desenvolver quatro funções primordiais: ordenar o sistema, controlar o currículo, definir os conteúdos e métodos e, finalmente, regular as formas de avaliações e títulos. Assim, as funções são bastante complexas e, às vezes, até contraditórias, impondo ações e estratégias diversificadas. Desta forma, pode-se falar que é uma tarefa muito difícil conceituar ou classificar o currículo, uma vez que as teorias muitas vezes não se encontram sistematizadas e aparecem sob múltiplas formas.

4.2. O “CURRÍCULO” DESENVOLVIDO POR PAULA FRASSINETTI

No projeto educativo de Paula Frassinetti, o currículo se desenvolve de acordo com o contexto histórico, social, econômico e cultural de seu tempo; no caso, o período de 1834 a 1882, em que viveu Madre Paula. Respeitam-se as diferenças de cada localidade e do alunado de cada Escola da Congregação.

O “currículo” desenvolvido por Paula Frassinetti, segundo Azzi (2000), foi composto por duas partes. A primeira, chamada de *formação cultural*, que constava de aulas de Religião; de Língua e Literatura Portuguesa, acrescentado de exercícios de Redação e Declamação de Textos; de Francês, Aritmética, Geografia com noções elementares de astronomia; de Desenho; de Caligrafia; de Artes, com ênfase para o ensino de piano, do canto coral; de trabalhos manuais, com destaque para as atividades dos bordados, pinturas, confecções de flores e pássaros. A segunda parte, chamada de *formação moral e cívica*, que foi constituída por aulas de: Boas Maneiras ou Urbanidade; o Culto à Autoridade (celebração

de festa em honra a Irmã Superiora do Colégio); a Pureza Feminina, que teve como modelo Maria, tanto no sentido de se manter casta até o casamento, assim como a Pureza nas Palavras e no Comportamento. Por exemplo, quando as Irmãs Dorotéias chegaram a Recife já fazia parte das comemorações dessa cidade algumas datas nacionais, como as revoltas que aconteceram em Pernambuco visando à promoção da independência: a Revolução Pernambucana (1817) e a Confederação do Equador (1824), além do Sete de Setembro, que era uma festa nacional. No entanto, segundo Azzi (2000), elas não incentivaram significativamente a formação cívica nas alunas, uma vez que elas tiveram uma leitura ultramontana da realidade brasileira, pois achavam que, da mesma forma como a unificação Italiana enfraqueceu a Igreja, ao retirar do Papa o poder temporal de várias áreas, no caso brasileiro, a independência trouxe consigo os males da maçonaria. Apesar de tudo, as religiosas davam liberdade às alunas para participarem das comemorações.

Para a condução do aprendizado, eram escolhidas religiosas que tivessem sido preparadas para o exercício do magistério, pois Paula Frassinetti acreditava na seriedade da formação de suas mestras. Por exemplo, as irmãs que vieram para trabalhar nos Colégios do Brasil tinham uma preocupação com o material didático e pedagógico para as aulas: cadernos, livros, tecidos, linhas, que muitas vezes mandavam vir da Itália e de outros países da Europa para suprir a necessidade das atividades programadas.

Abaixo, tendo como fonte a obra de Azzi (2000) e as Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia (1999), exemplificaremos um “currículo” desenvolvido por Paula Frassinetti, em todas as escolas das Dorotéias. Nos casos dos colégios do Brasil e de Portugal, acrescentavam-se a língua e a literatura portuguesa.

“Currículo” desenvolvido por Paula Frassinetti

<p align="center">Disciplinas Básicas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Religião - Língua e Literatura Portuguesa – com exercícios de Redação e de Declamação de textos - Aritmética - História - Geografia – com noções elementares de astronomia - Desenho
<p align="center">Disciplinas com Ênfase Ornamental e Artístico</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Francês - Caligrafia - Piano - Canto Coral - Arte Declamatória - Boas Maneiras
<p align="center">Disciplinas com Ênfase Ornamental e Doméstico (Trabalhos Manuais ou Lavoros)</p>	<p>Lavores com ênfase:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bordados - Pinturas - Confecções de flores - Confecção de Pássaros
<p align="center">Formação Moral e Cívica</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Urbanidade ou Boas Maneiras - Culto à Autoridade - Pureza Feminina (castidade) - Pureza nas Palavras e no Comportamento

Fazia parte também do “currículo” das escolas da Congregação das Dorotéias os estudos das línguas estrangeiras que fossem úteis e necessárias. As artes do ornamento eram oferecidas apenas com permissão dos pais, pois havia uma rigorosa vigilância durante as aulas, principalmente quando eram ministradas por pessoas de fora do Instituto. Havia uma atenção especial aos trabalhos manuais, que objetivavam possibilitar o gosto pelo trabalho, preservar as alunas dos “perigos do mundo” e ajudar na conservação da inocência. Através dos trabalhos manuais, ensinavam-se noções de economia doméstica, tão necessárias às situações práticas da vida cotidiana.

Percebe-se a importância que Paula Frassinetti dava para alguns aspectos do “currículo”: a preocupação com a formação cultural, moral e espiritual das alunas; a ênfase para a cultura ornamental, para o domínio do universo doméstico, para a simplicidade, para o uniforme das alunas, para o material didático, para os labores ou trabalhos manuais, para as apresentações das alunas nas cerimônias de final de ano e nas celebrações religiosas; Havia também ênfase para a participação das educandas nas associações religiosas e outras atividades.

Através de alguns exemplos contidos nas Cartas, podemos identificar os aspectos que para ela eram importantes na composição do currículo, pois eles formariam o perfil das alunas, e objetivavam o seu projeto educativo, que consistia em: alunas cultas, devotas e com boas maneiras.

Paula Frassinetti, em Carta dirigida à Irmã Luísa Gianelli, solicita material para os trabalhos de bordados, na qual podemos perceber a importância dada às atividades manuais, principalmente quanto ao enfoque ornamental da formação das educandas:

As mestras de labores das alunas insistem comigo para que lhe peça colarinhos e punhos estampados para bordar, para a distribuição de prêmios, mas da última moda e bonitos. Que haja, porém, alguns mais fáceis para as alunas que não são tão habilidosas. Dizem-me que tem bom gosto e que certamente lhes mandará jeitosos. Elas esperam-nos; faça-lhes esse favor.(FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 141, Roma, 7 de Julho de 1858, p. 211).

Ao escrever para Irmã Josefina Pingiani, Paula Frassinetti referiu-se a uma encomenda expedida para o Brasil. Nesta, ela mostrou sua preocupação com as artes de maneira geral, em especial a pintura, música e bordados:

Quando encaixotavam os artigos do Massoni, inadvertidamente deixaram de fora uma amostra, que lhe permitia ver o ponto das roupagens das figuras, mas não faz falta, porque é fácilimo, sendo apenas um ponto largo entrançado, com linha desfiada, evidentemente com os claros e escuros, segundo a pintura. Se puder mandar a música, também mandarei esta amostrazinha. Voltando às roupagens das figuras: se aí, por motivo do calor, se estragassem os trabalhos de lã, poderiam ser feitos com seda e com veludo; de propósito mandei a mais. A si não lhe falta habilidade para os saber adaptar e para saber regular o ponto conforme as sombras das pregas; mas repito que, se puder, mando a dita amostrazinha (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 324, Roma, 29 de Março de 1868, p. 556-557).

Atenta às solicitações, Paula Frassinetti enviou ao Brasil artigos para as aulas de trabalhos manuais, ou labores:

Acabo de entregar a caixa dos labores ao mesmo despachante do ano passado. Quanto às almofadas e às borlas correspondentes, procurou-se o melhor que se pôde encontrar, mas não havia nada bonito, porque estamos no fim da estação. Seria bom que aquilo que necessitasse no próximo ano o pedisse no Inverno, pois então se pode escolher. O mesmo digo relativamente aos quadros, que tive de esperar que fossem pintados, porque nem esses existiam.

Para acabar de encher a caixa, que ficou um pouco grande, pus algum algodão para meias, a vida de Borgia, que me ofereceu o P. Gil⁸⁵, e um pouco de lantejoula que tivemos de comprar a um pobrezinho (se precisar, temos muitas outras) e outras bugigangas. Os terços do rosário não são como os do Conde⁸⁶. Encomendei-os, mas mandaram-mos diferentes, e pela escassez de tempo não pude trocá-los; claro está, todos foram benzidos pelo Santo Padre (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 396, Roma, 27 de Maio de 1870, p. 711).

Paula Frassinetti escreve para a Superiora do Colégio de Recife e avisa que expediu parte do material encomendado. Demonstra satisfação em atender aos desejos das Irmãs, assim como a importância que os trabalhos manuais assumem no seu projeto educativo, a ponto de escolher pessoalmente os artigos, as cores, e também sugere idéias para a confecção dos trabalhos; também, ocasionalmente, colocava junto à encomenda amostras de trabalhos:

Às poucas medalhas juntei dezasseis onças de ouro, isto é, uma libra de (ouro) frisado e quatro onças iguais às duas amostras que mandou. Também meti na caixa uma amostra para bordar os quadros a preto. Se agradar aí, será mais um trabalho novo; aqui agrada muito. Essa amostra é preciosa: mandou-no-la o Santo Padre! Vinha numa moldura, apoiada sobre um tearzinho com dois espelhos, para se poder ver de ambos os lados e observar a precisão do trabalho. Foi um dos trabalhos que teve o prêmio na grande exposição feita cá há dois anos.

O Massoni já está a preparar tudo do melhor que há, mas os quadros tem de os mandar fazer, por isso não poderá expedir a caixa antes de um mês; nela incluirei ainda cem pares de meias de algodão (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 482, Roma, 7 de Fevereiro de 1872, p. 91).

Ao enviar uma caixa para Recife que continha os materiais para aulas de artes e trabalhos manuais, chamada por *de labores*, Paula Frassinetti descreveu pormenorizadamente os artigos enviados:

Quanto aos objectos que lhe mando, desta vez gastei bastante mais, porque, não encontrando cá nada que prestasse, tive de mandar vir de fora diversos artigos que, além de não se poderem escolher como se desejaria, vêm sempre a mais. Mas penso que aquilo que não lhe servir para este ano utilizá-lo-á no próximo; com tantas crianças, nada se estragará. Porém, receio que, por causa do calor, não lhe sirvam os labores em pano; mas mandei-lhos para modelo pois, como verá, são muito lindos e novos.

Os cursos de Desenho não existem, ou seja, são demasiado extensos; mandei arranjar-lhe muitos de diversas qualidades, e, se não lhe servirem todos, poderá ceder parte ao colégio masculino pois, sendo homens, certamente estudarão arquitetura e poderão servir-se deles (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 499, Roma, 12 de Maio de 1872, p. 127-128).

Havia também uma preocupação com o uniforme: a adequação dele às estações do ano e a questão estética, para que tivesse boa apresentação, como revela parte da Carta que escreve para Irmã Luísa Gianelli, sugerindo às alunas do Colégio de Gênova: “Quanto ao uniforme das educandas, para o Verão gostaria que fosse de seda crua que é de boa aparência

⁸⁵ P. Manuel Gil.

⁸⁶ Conde João Vimercati, benfeitor do Instituto.

e de muita duração; para o Inverno ficaria muito bem o Tibet⁸⁷ cinzento” (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 161, Roma, 5 de Outubro de 1859, p. 247).

Paula Frassinetti zelava pela formação de bons hábitos e pela moral das educandas; para tanto, preocupava-se em escolher bons livros para suas leituras - que pode ser exemplificado pela Carta que escreve ao irmão Padre José Frassinetti pedindo livros para as jovens:

Há vários meses que o P. Marconi insta comigo para que te peça que lhe mandes vinte dos opúsculos intitulados A pérola das crianças, mas dos que têm a imagem no princípio; e dez ou quinze intitulados Conforto da alma devota, e diversos outros dos pequenos, de poucas páginas. Disse-me que seriam pagos pelo seu irmão, a quem dará ordens nesse sentido; peço porém que lhos mandes grátis, porque ele nos ajuda muito, e eu não sei como recompensá-lo. Para maior segurança na recepção desses livros, com outros que espero lhes juntarás, para mim, manda-os de barco, registrados e endereçados à Superiora Geral do Instituto de Santa Dorotéia, ao cuidado do cônsul francês de Civitavecchia. Já que fazes a encomenda, fá-la bem grande e pensa que, além das cinquenta educandas que temos em Santo Onofre, Escolas, Doutrina, etc., temos um outro Conservatório⁸⁸ de noventa jovens, que têm necessidade de bons livros, porque desgraçadamente leram muitos livros maus. Mas podemos dizer que onde abundou o pecado superabunda a misericórdia (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 184, Roma, 1 de Maio de 1861, p. 294-295).

Em carta à Irmã Dorotéia Carletti⁸⁹ fez recomendações a todas as Irmãs e a algumas em especial a fim de reprovar o estilo demasiado romântico das redações das alunas; em virtude disso, exigia prudência e uma instrução mais sólida:

Recomende-me a todas, em particular à Irmã Serafina, à Irmã Teresa Albino, à Irmã Troiani, Maurel e a todas. Ao nomear a Irmã Maurel, ocorre-me comunicar-lhe uma observação, ou melhor, uma crítica que foi feita às composições dessas alunas, que ela me deu: são demasiadamente românticas, e por isso não as mostrei às nossas. Não lhe digo isto para que o comunique á referida Irmã, mas para que procure, com prudência, que ela mesma se corrija no seu exterior e que a sua instrução seja um pouco mais sólida (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 261, Roma, 17 de Setembro de 1866, p. 433).

Paula Frassinetti preocupada com a qualidade do material pedagógico escreveu para Irmã Elisa Vassallo, do Colégio de Bolonha, notificando-a sobre o recebimento da encomenda; porém enviou um recado em nome da Irmã Parodi, que reclamou do conteúdo dos livros franceses: “Pensava que as Irmãs lhe tivessem, ao menos, referido que recebemos a encomenda trazida pelo Mestre Pedro. A Irmã Parodi pediu-me licença para escrever a queixar-se de que nos livros franceses faltava o mais necessário, isto é, a gramática” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 664, Roma, 20 de Novembro de 1874, p. 452).

Em desaprovação ao estilo das Cartas de boas festas recebidas de Gênova e Albaro,

⁸⁷ Espécie de tecido de lã.

⁸⁸ O Conservatório de Ripetta, na Itália.

⁸⁹ Superiora no Colégio de S. Francisco de Albaro, em substituição a Irmã Josefina Bozzano, enviada a Lisboa (o seu nome próprio era Imogène; em Religião tratavam-na por Dorotéia).

Paula Frassinetti chamou a atenção das Irmãs para a importância da simplicidade na escrita, assim como para a observância das regras para escrever corretamente:

À Irmã Morasso⁹⁰ faça saber que foi muito criticada a carta de boas-festas que as suas alunas me escreveram. Talvez tenham a minuta; peça-lha e verá que é uma carta escrita por quem não sabe, mas julga saber.

Também em Albaro mudaram este ano o estilo da escrita; nos anos anteriores escreviam com mais simplicidade e mais afeição; agradavam-me bastante mais. Esteja atenta para que se não estraguem e procure que as mestras ensinem as regras para escrever correctamente as cartas, e que saibam distinguir a quem escrevem. De algumas Irmãs dessas casas recebi eu pelo Natal cartas de boas-festas, de várias páginas, e magníficas exortações! [...]. Por caridade, sejam bem instruídas em certos pontos, tanto as Irmãs como as alunas; de contrário, perder-se-á o bom nome que aí têm as Doroteias” (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 735, Roma, 11 de Janeiro de 1876, p. 592).

A música era muito valorizada nos Institutos da Congregação Dorotéia. Havia uma preocupação com o ensino de instrumentos musicais, como órgão, piano e harpa; do ensino do canto, porém faltavam mestras para atender a todos os colégios. Daí, a constante preocupação de Paula Frassinetti quanto à formação das noviças, que visava ao aproveitamento delas no futuro.

Quanto à mestra de piano, só posso repetir o que já outras vezes lhe disse, isto é, se o Senhor não mandar, não sei que fazer, porque aqui não temos nenhuma com inclinação para o canto ou para a música, excepto as que conhece, isto é, a Irmã Pingiani⁹¹ para o canto e órgão, a Irmã Viviani para o piano e a Irmã Meluzzi para a harpa; agora também estuda o piano para substituir a Irmã Viviani que muitas vezes se sente mal do estômago (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 202, Roma, 4 de Janeiro de 1864, p. 327).

Havia a importância do estudo de piano no “currículo” dos Colégios, que, segundo Paula Frassinetti, deveria começar desde de criança, pois com o tempo e paciência poder-se-ia conseguir bons resultados:

Quanto à música, não posso dar-lhe nenhuma boa esperança: aquela jovem, a quem mandara aprender piano, tive de a tirar porque não conseguia; para se tornarem boas mestras de piano, é necessário que comecem em criança. Presentemente temos três ou quatro, entre as educandas, que mostram vocação e já tocam piano bastante bem, mas são pequenas; se o Senhor no-las conservar, dentro de três ou quatro anos, teremos boas mestrazinhas, e talvez a Irmã tenha também outras. Enfim, com o tempo e a paciência consegue-se muita coisa (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 231, Roma, 29 de Maio de 1865, p. 383).

Ainda sobre o ensino de piano, Paula Frassinetti escreveu sobre as condições para se obter êxito:

Não tenho dificuldade em que mande a Irmã Carletti aprender piano, apenas lhe faço a observação de que, para se tornar mestra na sua idade, terá de estudar muitas horas por dia; e, poucas como são, teria de descurar as coisas mais necessárias, e talvez bem o consiga porque, repito, para se tornar mestra de música, quer de canto quer de piano, requer-se muito tempo, e é impossível que a Irmã Carletti o tenha;

⁹⁰ Irmã Ana Morasso, Mestra Geral em Gênova.

⁹¹ Irmã Josefina Pingiani.

enfim, fala como entender (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 232, Roma, 23 de Junho de 1865, p. 385).

Em uma missiva, deu orientação à Irmã Josefina Bozzano, Superiora da Casa de Lisboa (fundada em 5 de julho de 1866), sobre o Colégio e o funcionamento dele. Ressaltou também a questão da aprendizagem do Português, do Francês e da música.

Eu não teria sido de opinião de que abrisse imediatamente o Colégio, mas compreendo muito bem que se tenha visto obrigada a fazê-lo; recomendo-lhe, no entanto, que não seja destinado à classe mais elevada, mas à classe média, pouco mais ou menos como o da Chiapetta⁹². Os Colégios para as classes altas são de grande peso e pouco fruto (prova disso são os de Bolonha e de Gênova), bem entendido, quando se não tem número suficiente de Irmãs dotadas daquelas qualidades que requer a educação da classe elevada (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 258, Roma, 29 de Agosto de 1866, p. 425).

Quanto à Irmã para o francês, diga ao P. Fulconis⁹³ que estão a estudar em Albaro e, logo que esteja alguma preparada, será enviada; entretanto, para os princípios, pode suprir a Irmã Puliti. Para a música, bem sabe como é difícil conseguir-se, porque, se não vêm preparadas de casa, é impossível prepararem-se no Instituto, por não dispormos das condições necessárias. Aliás, as próprias Damas do Sagrado Coração se servem de professoras de fora, embora tenham quem conheça bem a música, e isto para melhor contentar os pais, que neste ponto pouca confiança costumam ter em Irmãs (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 258, Roma, 29 de Agosto de 1866, p. 425-426).

Quanto ao português, não pretendi proibi-la de o estudar um pouco, quando lhe disse que devia contentar-se com saber o necessário para o desempenho dos seus deveres, e nunca para o ensinar; apenas pretendi dizer-lhe que o fizesse com moderação, por causa da sua saúde. O mesmo quero dizer-lhe em relação às outras duas que, embora tenham de o aprender para o ensinar, devem aplicar-se com uma certa moderação: o que não puderem fazer num mês, fá-lo-ão em cinco ou seis. Por caridade, repito, não se esgotem (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 258, Roma, 29 de Agosto de 1866, p. 426).

Em outra carta, enalteceu o aproveitamento das alunas dos Colégios de Ripetta e de Santo Onofre, quando assistiu aos ensaios para a Academia, e à distribuição dos prêmios:

Votando às academias, deram-me muita consolação: em Ripetta portaram-se bastante bem, tanto pela parte dos trabalhos como pela dos estudos; em Santo Onofre fizeram milagres. Pelas vicissitudes passadas, quando parti daqui nada levava a crer que se pudesse fazer a academia, este ano, visto que durante todo o ano não tiveram sequer um dia de estudo regular; mas coitadas, tanto as mestras como as alunas, para me fazer uma agradável surpresa, empenharam-se e em três meses fizeram o trabalho de um ano, tanto no estudo como nos trabalhos. Deus seja bendito por tudo!. (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 201, Roma, 2 de Novembro de 1863, p. 325).

Ao escrever cumprimentando Irmã Elisa Vassallo, Mestra Geral no Colégio Santo Onofre, em Roma, pela realização da Festa de S. Luís, Paula Frassinetti mostra contentamento pelas alunas que fizeram Primeira Comunhão e que entraram para Filhas de Maria. Comenta também sobre os exames das alunas de Albaro acompanhados por ela:

Gosto que se tenha feito a festa de S. Luís, e alegro-me com as que fizeram a Primeira Comunhão e com a que entrou para Filha de Maria. Desejaria saber se

⁹² Nos arredores de Gênova.

⁹³ P. Francisco Xavier Fulconis, Superior da Missão Portuguesa da Companhia de Jesus.

foram entregues as medalhas àquelas que já o eram. Recomende-me a todas e diga-lhes também que assisti aos exames das de Albaro, que fiquei muito contente e que, no meu regresso, levarei comigo as composições que fizeram, e verão como são graciosas (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 255, Bolonha, Festa de Santo Inácio, 31 de Julho de 1866, p. 421).

Em carta à Irmã Josefina Bozzano narrou a cerimônia de distribuição de prêmios às alunas, assim como os passeios que fizeram com as Irmãs e alunas:

Na semana passada foi a distribuição de prêmios às alunas e também a academia que correu muito bem; esta semana temos vignatelle⁹⁴, todos os dias, para suprir as que não quiseram fazer em Maio, porque eu não estava, e também para as distrair um pouco antes dos nossos Exercícios, que começam no próximo sábado (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 268, Roma, 14 de Outubro de 1866, p. 446).

Ainda ao descrever sobre os preparativos para a Academia e para a cerimônia de distribuição de prêmios, esclareceu:

Estamos a preparar a academia, por isso todas ocupadíssimas; eu oriento as flores, e já não tenho aqui a Irmã Toscani para os estames⁹⁵. A nossa construção⁹⁶ vai progredindo: já sobem as paredes. Por ora não tenho outras notícias para lhe dar; depois da distribuição de prêmios, que será a 24 do corrente, mandar-lhe-ão a descrição (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 341, Roma, 10 de Setembro de 1868, p. 597).

Destaca-se a importância das festas religiosas no calendário dos Colégios das Dorotéias; entre elas, a cerimônia de consagração das alunas a Nossa Senhora, no encerramento do mês de maio, acontecimento que Paula Frassinetti ressalta em Carta dirigida ao seu Irmão P. José Frassinetti:

Diz ao P. João⁹⁷ que, se tivesse vindo pela terceira vez fazer o encerramento do mês de Maio, teria visto uma cerimônia mais bela e mais comovente do que nos anos anteriores. As nossas alunas foram fazer a sua consagração aos pés do altar de Nossa Senhora, vestidas de branco, com um belo lírio na mão, símbolo da sua pureza que, de um modo particular, consagravam à sua Mãe querida, por cujo amor durante todo o mês se exercitaram na prática da virtude que lhe é mais cara. Fizeram esta oferta com tanto fervor e sentimento que, mesmo exteriormente, pareciam anjos, e comoveram todos até às lágrimas (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 212, Roma, 14 de Junho de 1864, p. 348).

Em correspondência à Irmã Josefina Troiani, Superiora de Gênova, relatou a prática de exercícios espirituais de algumas alunas externas durante o período do carnaval. Trata-se de exemplo da relevância da oração no “currículo” desenvolvido por Paula Frassinetti. Segundo as Constituições, todas as atividades escolares começavam e encerravam-se com uma oração. E, nesse caso específico, as jovens seriam exemplo a serem seguidos, uma vez

⁹⁴ Passeios, com Irmãs e alunas, que consistiam em passar uma parte do dia numa vinha.

⁹⁵ Parte da flor (órgão masculino) da flor.

⁹⁶ Ampliação da capela.

⁹⁷ Irmão João.

que se tratava do período do carnaval. Se analisarmos pelo ponto de vista da atualidade seria uma espécie de retiro espiritual:

Recebi a sua carta de 13 do corrente, que só esta manhã pude ler, pelas muitas ocupações dos dias anteriores, em que tivemos um turno de Exercícios de doze jovens externas que se retiraram para passar santamente o Carnaval. Tivemos também o Santíssimo exposto três dias e, durante todo o Carnaval, fizemos orações particulares em reparação dos horríveis sacrilégios que se cometeram (e vão aumentando sempre) nesta santa cidade! (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 626, Roma, 20 de Fevereiro de 1874, p. 377-378).

Novamente, comentou, desta feita, com a Irmã Elisa Vassallo, Superiora de Bolonha, que, no carnaval, aconteceu um turno de exercícios com as externas da Paróquia do Espírito Santo, que foi coordenado pela Irmã Meluzzi:

A Irmã Meluzzi está viva, mas tem tanto que fazer, que não lhe resta tempo algum. No Carnaval tivemos um turno de Exercícios para jovens externas da Paróquia do Espírito Santo; confiei-as à Irmã Meluzzi. E as nossas educandas, ainda que poucas, forma-as bem, quer espiritualmente quer quanto à instrução, e estou muito contente com ela (FRASSINETTI, 1987, v. II. Carta 631, Roma, 4 de Março de 1874, p. 387).

Em carta de 1865 chama a atenção para aspectos importantes na formação das educandas, revelando os pontos positivos que se deveria reforçar e os negativos que se deveria evitar:

Fico muito satisfeita por saber que as educandas rezam tão bem; de todo o coração o agradeço a Deus e peço-Lhe que conserve e faça crescer nelas cada vez mais o seu santo amor e temor. Faz muito bem em procurar que se afeiçoem à leitura de livros piedosos e que pratiquem a caridade para com o próximo na medida das suas possibilidades. Mas procure evitar o baile (se ainda o não fez), porque daí virá sempre o mal, tanto pela parte de quem ensina como pelo baile em si, que é um incentivo que conserva e desperta, pelo menos, o desejo da sociedade, etc. (FRASSINETTI, 1987, v. I. Carta 227, Roma, 28 de Janeiro de 1865, p. 375).

As *Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia* (1999) expressam como deveria ser conduzida a educação: o que ensinar, como tratar as jovens, como encaminhá-las dentro dos princípios da vida cristã, como corrigi-las, como fazê-las praticar as virtudes e os exercícios espirituais de piedade e oração.

Segundo Paula Frassinetti, os “currículos” e os programas deveriam contemplar a formação intelectual, lingüística e os valores artísticos a serem viabilizados de acordo com a realidade, circunstâncias e condições das educandas; como referencial manteve os princípios religiosos presentes na *Pedagogia do Evangelho e na Filosofia da Congregação*. (CONSTITUIÇÕES E REGRAS DO INSTITUTO RELIGIOSO DAS IRMÃS MESTRAS DE SANTA DOROTÉIA, 1851. Cap. IV, arts. 17 e 18) .

Segundo a obra *Beata Paula Frassinetti: leves pinceladas de biografia* (1949), o projeto educativo de Paula Frassinetti caracterizou-se por bases sólidas e profundas que

podariam se apresentar como normas aos sistemas atuais de educação. Como sugere o relato:

Coração materno que atrai nobremente as jovens pela força do amor; caracter suave e forte a um tempo que as obriga a cercear, logo ao desabrocharem, os defeitos, os caprichos e as más inclinações; espírito ardente e generoso, afeito às crianças, que as acompanham em suas iniciativas, em seus brinquedos e mesmo em suas fragilidades, mas, que sabe oportunamente dizer a palavra, que eleva e que dá ânimo; olhar vigilante e perspicaz, ao qual nada escapa, relativamente ao método educativo que se prefixou: aulas, trabalhos, atos de piedade e normas para oração; alma sensível à mais leve infração da harmonia geral que deve reinar nos Colégios, e, por essa razão, alma enérgica em corrigir e remediar os primeiros sintomas de abusos ou inobservâncias no magnífico programa de educação com que determinara levar inúmeras almas ao Paraíso (p. 29-30).

O projeto educativo de Paula Frassinetti era fundamentado por convicções fortes; por espírito de ordem, de amor e de sacrifício; e, na prática dos sacramentos. Para ela, o educador deve ser imparcial: “e si por ventura, demonstrar alguma preferência entre as crianças, que o seja às menos favorecidas da natureza e às mais pobres”. (**Beata Paula Frassinetti: Leves pinceladas de Biografia**, 1949, p. 30). Em suas cartas sempre atentava para esta questão, tida como central em seu projeto educativo.

Segundo relatos, um dia quando falava às Irmãs sobre duas crianças, alunas do Colégio, uma toda graciosa e interessante e outra feia e raquítica, sendo que todas admiravam a primeira, Paula Frassinetti exclamou: “Eu prefiro e quero mais bem à segunda. As crianças feias são as menos amadas neste mundo e, amando-as, parece-me amar mais a imagem de Deus sem a moldura” (**Beata Paula Frassinetti: Leves pinceladas de Biografia**, 1949, p. 31).

O “currículo” das Escolas Dorotéias tinha como missão principal a formação católica das alunas. Para tanto, as Dorotéias, segundo Azzi (2000), substituíram o tradicional catolicismo luso-brasileiro pelo catolicismo romanizado, com enfoque nos sacramentos da confissão, da comunhão, da penitência e da eucaristia; também na devoção ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora, ao Sagrado Coração de Jesus e a São José. E, para intensificar nas alunas o fervor espiritual, incentivava a criação da associação das Filhas de Maria, a Pia Obra de Santa Dorotéia, destinada às meninas mais carentes e à devoção ao papa.

Além da formação religiosa, as Dorotéias se preocupavam com a formação moral das alunas: orientavam, segundo Azzi (2000), que suas vidas deviam estar restritas o mais que possível ao espaço doméstico, pois, nas atividades sociais, poderiam correr mais riscos e perigos de perderem os valores morais. Podemos exemplificar a preocupação com a moral das jovens; segundo Azzi (2000), o bispo do Pará D. Macedo Costa apresentou um *Resumo do que há de fazer um cristão para se santificar e salvar*, que apresentava o catecismo de conduta moral dos valores que a Igreja queria impor às mulheres nessa época:

- 1- Ser muito modesta em todas as suas ações;
- 2- Andar acautelada a cada passo;

- 3- Ser grave e sempre decente nas falas e maneiras;
 - 4- Gostar de estar em casa e ajudar a mãe;
 - 5- Aplicar-se de contínuo ao trabalho;
 - 6- Raras vezes sair, e só por necessidade;
 - 7- Aborrecer a vaidade nos vestidos e enfeites;
 - 8- Evitar conversações indiscretas com pessoas do sexo diferente;
 - 9- Detestar dissipações e profanos divertimentos;
 - 10- Amar os exercícios de piedade;
 - 11- Ser muito franca, leal e amorosa para com sua mãe, e não ter segredos para ela;
 - 12- Edificar com bom exemplo e doutrina seus irmãozinhos menores.
- (COSTA, 1875 apud AZZI, 2000, vol.1, p. 191).

Podemos observar que o conjunto de normas deste catecismo moral, associado a outros manuais, como o das Filhas de Maria, apresentavam às jovens não só os valores da vida no lar, mas também a importância de seu papel de dependência dentro da família.

Para reforçar ainda a formação moral, as Dorotéias mostravam às alunas a importância do recato, da modéstia e da pureza:

como forma de reprimir o espírito de vaidade das alunas, o espelho não fazia parte do enxoval das jovens internas. Dentro da perspectiva católica, a jovem deveria ser valorizada não pelos atrativos do corpo, mas pelas qualidades do espírito (AZZI, 2000, p. 192).

A concepção de que a vida consagrada é considerada uma instância superior em relação ao matrimônio fazia parte das idéias pregadas, a partir do Concílio de Trento; posteriormente, retomadas no século XIX pelo ultramontanismo, que valorizou o celibato e a virgindade.

No caso específico do Brasil, embora a Congregação de Santa Dorotéia fosse de origem italiana, o ensino da Língua Portuguesa tinha muito relevo, fazendo-se obrigatório o preparo de Irmãs para ocuparem o cargo de mestras para ministrar as aulas.

A Língua Francesa também teve um lugar bastante elevado por ocupar um papel fundamental na formação da burguesia letrada em ascensão. Além do Francês, as alunas do Colégio São José, de Recife solicitaram o ensino de Inglês, porém Irmã Pingiani relata que não havia Mestras para o ofício. Para tanto, corria-se o risco de contratar alguma mestra de fora, que podia ser inglesa e protestante, ou teria que esperar até que se preparasse uma para assumir o cargo (AZZI, 2000).

As alunas tinham aulas de Literatura Portuguesa, de orientações e treinamentos para a elaboração de redação e para declamação de textos. A Aritmética e o ensino de Geografia também faziam parte do “currículo”. Havia uma intensa preocupação com o material didático dessas disciplinas. Como exemplo, podemos citar o pedido das Irmãs ao Pe. Ponza, em 1869, quando ele deixou o Recife: globos de geografia e astronomia. Assim, percebe-se que, na aprendizagem de Geografia, foram incluídas as noções de Astronomia (AZZI, 2000).

O ensino de desenho tinha um papel destacado, principalmente pelo estágio de desenvolvimento em que se encontrava o Colégio de Roma nessa área. Desta forma, a própria Paula Frassinetti enviava material, livros e modelos, uma vez que aqui no Brasil eles não existiam para as atividades das aulas de desenho. Ainda ressalta-se que, com o desenvolvimento da história natural, no século XVIII, o desenho ganha novas dimensões, pois muitas vezes ele era utilizado como ilustrações nos trabalhos de Botânica e Zoologia, no lugar das fotografias, e, no século XIX, nos trabalhos de Arquitetura. Assim, nos colégios doroteanos, o desenho era estudado desde o curso primário (AZZI, 2000).

O ensino de caligrafia para as jovens de colégios religiosos era relevante e tinha um sentido ornamental, uma vez que no perfil de alunas que se queria formar, exigia-se letra bonita. Nas cerimônias de final de ano, os cadernos eram expostos; portanto, era apresentada a beleza da caligrafia; um distintivo dos colégios de freiras.

O ensino da música, tanto vocal como instrumental, tinha o seu lugar de destaque nos Colégios das Dorotéias. Para cada colégio, havia uma mestra para o ensino de música; como isso dependia de competências e habilidades, muitas vezes, essas atividades acabavam sobrecarregando as Irmãs, que tinham aptidão para a tarefa. As alunas eram preparadas para cantarem no coro durante as cerimônias religiosas e festivas. E para auxiliar essa área, Paula Frassinetti enviava partituras das músicas para as Irmãs aqui do Brasil.

Dentro do ensino instrumental, destacava-se o estudo do piano, que também compunha a parte ornamental do currículo; era oferecido às alunas que desejassem aprender. As alunas eram preparadas para se apresentarem nas solenidades de final de ano e nas demais festividades do ano.

Em um relato, Irmã Pingiani conta que o aumento do interesse das alunas do Colégio São José obrigou-a a comprar mais pianos: “éramos obrigadas a ter os pianos em todos os lugares: nos dormitórios, no refeitório, nos corredores” (PINGIANI, 1869, p. 26 apud AZZI, 2000, p. 215, v.1).



FIGURA 21: Piano nos corredores.

Fonte: Colégio Nossa Senhora das Dores – Nova Friburgo –RJ

Os trabalhos manuais eram extremamente valorizados e constituíam também parte ornamental do “currículo”: ensinavam-se costura, bordado, pintura e confecção de flores - arte na qual Paula Frassinetti era mestra - e pássaros, como podemos observar pelas figuras abaixo.



FIGURA 22: Cestino di fruta eseguita da Paola – Cestinha de frutas confeccionadas por Paula.

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma



FIGURA 23: Bouquet di Fiori, opera di Paola, conservato in S. Francisco D'Albaro, Genova
 – Buquê de flores, trabalhado de Paula, conservado em S. Francisco D'Albaro
 – Gênova

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma



FIGURA 24: Pellicano di bambagia, eseguito de Paola, conservato a Villa Paola, Roma.
 Pelicano de algodão feito por Paula, conservado na Vila Paula em Roma.

Fonte: Conjunto de Slides - Congregação de Santa Dorotéia – Roma

Para as alunas mais habilidosas, eram ensinados os bordados com fios de ouro e em veludo. Irmã Pingiani relata acerca da homenagem recebida pelas alunas em 1870:

Seus pais ficavam felizes ao vê-las tão animadas. Ficaram contentes ao ver as surpresas que me tinham feito, na minha festa, e gostaram muito do presente que lhes dei, das flores oferecidas pelas suas filhas. Eram os primeiros trabalhos que faziam em aquarela. Não eram obras-primas, mas muito apreciadas pelos pais (PINGIANI, 1870, p.4 apud AZZI, 2000, p. 218, v. 1).

Com o avanço da sociedade burguesa no século XIX, fazia-se necessário que as jovens fossem para os colégios católicos para adquirirem os hábitos da cultura urbana. Portanto, o currículo das Escolas Dorotéias contempla também a formação moral e cívica, para que somada à formação religiosa e ornamental pudesse preparar as alunas para os modos de vida urbana, dentro dos valores morais e éticos tradicionais e conservadores das escolas católicas.

Relataremos o caso das duas primeiras alunas do Colégio São José de Recife, recebidas em 1º de março de 1866. Segundo a narração de Irmã Pingiani, elas eram muito rústicas:

No dia seguinte fomos à capela do palácio do bispo, para ouvir a santa missa por ele celebrada. Depois da ação de graças, nos fez beijar o anel com muita benignidade, e perguntou a Luiza, como estava. Ela respondeu dando-lhe as costas, rindo. Pobres meninas, eram pouco menos que selvagens! Jamais tinham visto a cidade, e por isso eram matutas. Sabiam ler, escrever, um pouco de aritmética, nada mais. Eram porém inocentes e de bom coração. A boa suor Toscani as catequizava e instruía (PINGIANI, 1866, p.15 apud AZZI, 2000, p. 226, v. 1).

Para auxiliar na tarefa de preparar as jovens para o enquadramento na vida urbana, os colégios ministravam aulas de boas maneiras, nas quais eram incluídas recomendações no modo de vestir adequadamente e com recato, advertências nas atitudes e expressões consideradas inconvenientes. Para tanto, era ensinado o modo de falar corretamente.

Também era ensinado a prática do culto à autoridade; para isso, eram incentivadas celebrações e festas em honra da madre superiora da casa; ocasião em que as alunas mostravam seus dotes artísticos: apresentações de cantos, piano e declamações.

Para Paula Frassinetti :

Assumir uma classe, não é suficiente ser instruídas, mas é necessário ainda conhecer perfeitamente os fundamentos das coisas que se ensinam, a fim de estar prevenidas para explicá-los às alunas, com brevidade, clareza e precisão. Quaisquer que sejam os conhecimentos que tenhamos, nunca se irá para a classe sem ter tudo bem preparado; mas não é preciso que esta preparação seja fruto do ardor e da atividade natural; seja feita com paz, com liberdade de espírito, livre de todo amor próprio, com o olhar da fé, o único que enaltece e valoriza nossas ações e nossos trabalhos. Para o ensino se observará fielmente o (programa, método) do instituto. (CONSTITUIÇÕES 1851-Cap.VI-Art.7º).

Assim, podemos inferir que o “currículo”, como trajetória do projeto educativo, foi desenvolvido e tecido de acordo com os problemas apontados pelo cotidiano de cada colégio por intermédio das intuições pedagógicas de Paula Frassinetti. Elas eram transmitidas às Superiores de cada colégio por meio de cartas que Paula Frassinetti constantemente escrevia e recebia, e que demarcaram o desenvolvimento de seu projeto educativo para as escolas dorotéias.

LUCIANA DE OLIVEIRA SENE

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Saiba que não é meu sistema corrigir com o silêncio, mas antes advertindo e dando a conhecer claramente o que me desagrada e vejo que não anda bem. Por isso, quando não falo, é sinal de que nada há a dizer”. -Paula Frassinetti - Carta 142 - Roma, 22 de Julho de 1858.

As considerações que levantamos a partir da análise das fontes pesquisadas revelam que, por meio das intuições de Paula Frassinetti - o diálogo, o testemunho, a formação cultural e espiritual das Irmãs, a coragem e audácia, a via do coração e do amor, a suavidade e firmeza, a prudência, o incentivo a prática das virtudes da simplicidade, da humildade, da caridade, da alegria e da ternura nas Irmãs e alunas, a obediência, a perseverança e a fé - ela construía seu projeto educativo. Nele, o “currículo” das Escolas Dorotéias foi desenvolvido de acordo com as necessidades e o contexto histórico e cultural do século XIX, respeitando as diversidades locais.

As instituições escolares administradas pela Congregação de Santa Dorotéia, durante o período estudado (de 1834 a 1882) vão assumir a missão de educar as jovens dentro da moral católica, tanto na Europa (Itália e Portugal) como no Brasil. Assim, o projeto educativo das Escolas Dorotéias vai ao encontro e reforça a representação social da mulher dentro de uma estrutura conservadora, de acordo com a ótica da Igreja católica: a mulher piedosa, dentro do espaço doméstico, e com o reconhecimento social, enquanto mãe, esposa e dona de casa.

No caso dos Colégios das Dorotéias, segundo Sene; Costa (2006), “priorizava-se a educação católica, as devoções a Maria Imaculada, ao Coração de Jesus, a São José e às filiações e associações religiosas, como as Filhas de Maria e os Santos Anjos” (p. 21).

A chegada das Irmãs Dorotéias ao Brasil só foi possível, segundo Manoel (1996), pela aliança entre a Igreja Católica e a oligarquia, com o aval do Estado. Desta forma, a oligarquia auxiliou financeiramente a implantação das escolas católicas voltadas à educação feminina, com o objetivo de resguardar as suas filhas do contato com a modernidade; assim como, por entender que estas se preocupavam com a formação religiosa e moral das alunas.

Os Colégios das Dorotéias incumbiram-se da educação e da instrução; enquanto a educação modelaria o caráter das alunas, com base nas intuições pedagógicas de Paula Frassinetti, a instrução das alunas permitiriam a absorção dos princípios morais e religiosos

por meio da prática das virtudes, da assimilação dos bons exemplos da vida dos santos e com o ornamento da cultura das humanidades.

Os Colégios das Dorotéias por intermédio de seu projeto educativo, pretendiam oferecer segundo Paula Frassinetti, uma formação integral as alunas, cujo perfil seria de jovens cultas, polidas, sociáveis, católicas convictas, que transmitissem os valores do catolicismo conservador na família e na sociedade.

Os Colégios Doroteanos igualmente, atentavam-se para a organização e planejamento dos espaços físicos, de modo que as atividades expressassem a intencionalidade e os objetivos propostos pelo projeto educativo de Paula Frassinetti, sempre fundamentados nos princípios e valores da filosofia humanista cristã, uma vez que a maioria das instituições escolares católicas voltadas para a educação feminina no século XIX, incluindo as da Congregação de Santa Dorotéia, optou pelo regime do internato, por entender que seria o melhor modelo pedagógico, pois além de oferecer um ensino de qualidade, tinha como objetivo manter as jovens sob controle e vigilância, visando à preservação de sua virgindade, a conservação de sua inocência e também a prevenção dos perigos.

A organização pedagógica do “currículo” e o funcionamento do projeto educativo tiveram como objetivo oferecer uma instrução cultural e religiosa dentro de uma ótica humanista, ressaltando a relevância da tônica ornamental na formação das jovens pelo ensino de trabalhos manuais ou labores e das artes em geral (música, canto, piano), assim como do ensino de francês, caligrafia, composição, de boas maneiras e da oratória.

A relevância dada aos trabalhos manuais no projeto educativo desenvolvido por Paula Frassinetti era muito acentuada. Uma parte do dia era exclusivamente reservado para as alunas se dedicarem ao aprendizado e prática destas atividades, com destaque especial, para a pintura, o bordado e confecção de flores e pássaros, fato que denota que os trabalhos manuais exerciam papel fundamental na formação das alunas para as “prendas domésticas”. Segundo palavras da própria Paula Frassinetti: “preparando-as para serem futuras mães de família”.

A partir do desenvolvimento do “currículo” proposto no projeto educativo de Paula Frassinetti, definia-se o perfil das alunas que as Escolas Dorotéias queriam formar: jovens cultas, devotas, de boas maneiras, que soubessem declamar em público, ter boa caligrafia, cantar, tocar piano, arriscar algumas palavras em francês, bordar, pintar, confeccionar flores e pássaros, e que tivessem algumas noções de economia doméstica.

Os princípios, os valores e os fundamentos que, desde o início da fundação da primeira Casa da Congregação de Santa Dorotéia em 1834, em Quinto, na Itália, alicerçaram o projeto educativo de Paula Frassinetti: diálogo, educação pela via do coração e do amor,

suavidade e firmeza, respeito à individualidade, evangelização da comunidade educativa, exercícios espirituais, sacramentos, retiros e formação de liderança - nortearam o currículo dos Colégios Doroteanos durante o período estudado, presentes na Itália (Quinto, Macerata, Recanati, Nepi, Fabriano, Bolonha, Gênova e Roma), Portugal (Lisboa, Covilhã, Porto, Vila Nova de Gaia e Vila do Conde) e no Brasil (Recife e Belém).

Finalmente, pelo estudo das cartas escritas por Paula Frassinetti, as quais constituíram a principal fonte e o próprio fato histórico deste trabalho, pudemos compreender o importante papel das escolas femininas católicas no século XIX, assim como examinar suas intuições pedagógicas, que deram origem ao projeto educativo e ao currículo das Escolas Dorotéias.

LUCIANA DE OLIVEIRA SEIXAS

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. **Obras completas de José de Alencar**. Rio de Janeiro, RJ: Letras e Artes, 1964. 355p.

_____. **Senhora**. São Paulo, SP: Moderna, 1993. 206p. (Coleção Travessias).

ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. **Intuição Pedagógica de Paula Frassinetti: um olhar filosófico**. Recife, PE: Congregação de Santa Dorotéia do Brasil, 2000. 43p.

APPLE, Michael W. Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas. In: VORRABER, Marisa (Org). **Escola básica na virada do século**. São Paulo, SP: Cortez, 1996, p. 25-43.

_____. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006. 288p.

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História**. 12 ed. ref. e atual. São Paulo, SP: Ática, 2003. 111p.

AZZI, Riolando. **Educando pela via do coração e do amor**. Rio de Janeiro, RJ: Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia no Brasil, 2000, 396p. v. 1.

_____. **Educando pela via do coração e do amor**. Rio de Janeiro, RJ: Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia no Brasil, 2002, 468p. v. 2.

BARBEIRO, Heródoto; CANTELE, Bruna Renata; SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. **História: de olho no mundo do trabalho**. São Paulo, SP: Scipione, 2005. 488p.

BARROS, José D`Assunção. **O Projeto de pesquisa em história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 236p.

BEAULLIEU; G; CHARBONEAU, E., MARTINS, L. A. **Educação brasileira e colégios de padres**. São Paulo: Herder, 1966.

BORGES, Wanda Rosa. **Siminário de mininas orphãos e educandas de Nossa Senhora da Gloria: primeiros ensaios para a profissionalização feminina em São Paulo- 1825-1935**. Rio

Claro, SP: UNESP, 1973. p.125-184. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro.

BORTOLOTI, Karen Fernanda da Silva. **O Ratio Studiorum e a missão no Brasil**. Disponível em: <www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n2/ratio.htm>. Acesso em: 09 jan. 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2002. 162 p.

CHAVES, Marco Antonio. **Projeto de pesquisa: guia prático para monografia**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Wak, 2003. 121p.

COSTA, Flávia Fernanda et al. **Um olhar sobre a educação... de Paula Frassinetti a Paulo Freire**. Porto Alegre, RS: Salles, 2002. 100p.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS DORES; FACULDADE DE FILOSOFIA SANTA DOROTÉIA. **Aprofundar as nossas raízes - Pia Obra**. Nova Friburgo, RJ, [s.d.].

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA DOROTÉIA. **Constituições e Regras do Instituto Religioso das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia**. Trad. da Província Brasil-Nordeste (Recife, 1969). Porto Alegre, RS, 1999. 139p.

_____. **Testemunhos sobre Paula Frassinetti**. Trad. Irmã Diana Barbosa. Província Portugal Sul, 2005. 103p.

CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA DO BRASIL. **A beata Paula Frassinetti: Leves pinceladas de Biografia**. São Paulo, SP: Indústria Gráfica Siqueira S.A., 1949. 64p.

CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA DO BRASIL- PROVÍNCIA BRASIL-SUL. **Raízes da nossa missão educativa: questões e interpelações**. Porto Alegre, RS, 2000. 19p.

CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA DO BRASIL. **Plano interprovincial de educação dorotéia 2003-2005**. Recife, PE, 2002. 30p.

_____. **Plano trienal de educação 2004-2006**: Província Brasil Sul pastoral escolar. Belo Horizonte, MG, 2003. 67p.

_____. **Raízes da nossa missão educativa:** Paula ontem, Paula hoje. Canoas, RS: La Salle, 2000. 78p.

_____. **Plano Interprovincial de educação 1999-2001.** Belo Horizonte, MG, 1999. 35p.
D' INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del. (Org.) **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: UNESP/Contexto, 1997, p.223-240.

COSTA, Flávia Fernanda et al. **Um olhar sobre a educação... de Paula Frassinetti a Paulo Freire.** Porto Alegre, RS: Salles, 2002. 100p.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia.** 4. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2003. 200p.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del.(Org.) **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: UNESP/Contexto, 1997, p.241-277.

FAMÍLIA POZZEBON. **Pequena história da unificação.** Disponível em:
<<http://pozzebon.br.tripod.com/pozzebon/id3.html>> Acesso em: 24 set. 2006.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil:** ensaio de interpretação sociológica. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 335.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1977. 277p.

FRASSINETTI, Paula. **Cartas.** Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia. Edição da Província Portuguesa Sul, 1987, 808p. v. I.

_____. **Cartas.** Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia. Edição da Província Portuguesa Sul, 1987, 851p. v. II.

FURTADO, Alessandra Cristina. **Mulheres cultas e devotas:** O colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto (1918- 1960). Franca, SP, 2001. 211p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca.

GAETA, Maria Aparecida J. V. **Os percursos do ultramontanismo em São Paulo (1873-1894).** São Paulo, SP: USP, 1991. Tese (Doutorado)- Faculdade de História, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GARCIA, Regina Leite. Reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: MOREIRA, Antônio Flávio (Org.) et al. **Para quem pesquisamos. Para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p.11-36.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1999. 206p.

GÓMEZ, A. I. Pérez. Compreender o ensino na escola: modelos metodológicos de investigação educativa. In: SACRISTÁN GIMENO, J; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998, p.99-117.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003. 79p.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Trad. Atílio Brunetta. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 140p.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. O "Risorgimento". Notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, 448p. v. 5.

IRMÃS DOROTÉIAS DA FRASSINETTI. **Documento de espiritualidade**. Capítulo Geral XIX, Roma, 2003. 91p.

JANSENISMO. Disponível em: < <http://www.guia.heu.nom.br/jansenismo.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2006.

JUNIOR, Maurício. **História do Cristianismo XII**. Disponível em: <www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/historia-do-cristianismo-12html> Acesso em: 09 jan. 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: UNESP/Contexto, 1997, p. 443-481.

LUBICH, G; LAZZARIN, P. **Paula Frassinetti mulher para hoje**. Trad. Teresa de Jesus Osório Gonçalves. Porto, Portugal: Livraria A. I., 1981. 224p.

MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina (1859-1919):** uma face do conservadorismo. São Paulo, SP: UNESP, 1996. 102p.

_____. **Igreja e Educação Feminina: os colégios das Irmãs de São José de Chamberry (1859-1919).** São Paulo, SP: USP, 1988. 306p. Tese (Doutorado) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

_____. **O pêndulo da história:** a filosofia da história do catolicismo conservador (1800-1960). Franca, SP: UNESP, 1998. 133p. Tese (Livre-Docente)- Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

MARTINS, Patrícia Carla de Melo. **Catolicismo ultramontano e o colégio feminino Nossa Senhora de Lourdes de Franca (1888-1930).** Franca, SP, 1998. 203p. Tese (Mestrado)- Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

MARTINS, Vicente. **Decreto 15 de outubro de 1827.** Disponível em: <www.sabido.com.br/print.asp?art=1383> Acesso em: 09 jan.2006.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. “Método simultâneo” (verbete). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira Educa Brasil.** São Paulo: Midiamix, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario>> Acesso em: 6 jun. 2007.

ROSSETTO, Rosa. **Santa Paula Frassinetti.** São Paulo, SP: Paulinas, 2004. 221p.

SACRISTÁN GIMENO, J. **O Currículo uma reflexão sobre a prática.** Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000. 352p.

SACRISTÁN, J. Gimeno. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática? In: _____; GÓMEZ, A.I.Perez. **Compreender e transformar o ensino.** Porto Alegre, RS: Artmed, 1998, p.99-117.

SAADI, Lamia Jorge. **Educação marista: o colégio Champagnat de Franca (1902-1971).** Franca, SP, 2002. 223p. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XIX.** 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. 215p.

SCHILLING, Voltaire. **História.** Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/verdi.htm>> Acesso em: 24 set. 2006.

SENE, Luciana de Oliveira; COSTA, Alessandra David Moreira da. A Igreja católica e a instituição escolar no século XIX: o projeto educativo de Paula Frassinetti. In: FERNANDES, Maria Cristina da Silveira Galan; COSTA, Alessandra David Moreira da; SICCA, Natalina Aparecida Laguna (Org). **Currículo, história e poder**. Florianópolis, SC: Insular, 2006, 168p.

SOUTO MAIOR, A. História geral. 14. ed. 1971. Disponível em: <<http://www.paginaoriental.com/catecismo/conciliodetrento.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2006.

TONIOSSO, José Pedro. **Colégio Anjo da Guarda - 75 anos: uma trajetória de educação pela via do coração e do amor: memórias e depoimentos (1931-2006)**. Bebedouro, SP, 2006. 184p.

VASSALO, Maria Elisa. **Memórias acerca da vida da serva de Deus Paula Frassinetti fundadora do instituto das irmãs de santa dorotéia (1809-1836)**. Trad. Irmã Diana Barbosa. Torres Novas, Portugal: Gráfica Almondina/Província Portuguesa do Instituto das Irmãs de Santa Dorotéia, 1998. 190p.

ZOTTI, Solange. **Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980**. Campinas, SP: Autores Associados; Brasília: Plano, 2004. 232p.